Como filho de um milionário, Doug Batchelor tinha tudo o que o dinheiro podia comprar – tudo menos felicidade. Ele usava drogas, brigava na escola e alimentava fantasias suicidas.

Desgostoso consigo mesmo e convencido de que a vida não tinha sentido, Doug estava determinado a experimentar toda a diversão e emoção que pudesse encontrar.

Antes de sua busca terminar, uma caverna nas montanhas de Palm Springs tornou-se seu lar. E embora seu pai possuísse um iate, um jatinho e uma companhia aérea, Doug procuraria por comida em depósitos de lixo.

A felicidade que Doug desejava o iludiu até o dia em que ele começou a ler a Bíblia empoeirada que alguém deixara antes na caverna. O que aconteceu depois só pode ser descrito como um milagre.

ISBN 85-345-0020-4

BATCHELOR • TOOKER

O MILIONÁRIO DA CAVERNA

O MILIONÁRIO da CAVERNA

Doug Batchelor e Marilyn Tooker

O Milionário da Caverna

Doug Batchelor
e Marilyn Tooker

Tradução de Regina Mota

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Tatuí, SP

Título do original em inglês:
THE RICHEST CAVEMAN
The Doug Batchelor Story

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

3ª edição
4ª impressão – 3 mil exemplares
Tiragem acumulada: 18 milheiros
2010

Editoração: Neila D. Oliveira e Abigail R. Liedke
Programação Visual: Manoel A. Silva
Capa: Heber Pintos

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil

EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tipologia: Goudy Old Style 11/11,5 – 6455/23486 – ISBN 85-345-0520-9

Índice

1. Viver ou Morrer? 5
2. Academia Militar. 13
3. Fugindo de Casa. 21
4. Livre Afinal! 33
5. A Caverna Secreta 42
6. O Crime Não Compensa 52
7. Despachado Num Navio 58
8. Pegando Carona de Novo 68
9. Os Árabes Estão Chegando! 73
10. Novo México: Ida e Volta 84
11. Descobrindo a Verdade 98
12. Estrela por um Dia 108
13. Tentando Várias Igrejas 115
14. O Importante é não Desanimar 127
15. Senhor, Eu Nunca Poderia Ser um Pregador! 138
16. Histórias de Índios 142
17. De Volta ao Lar 154
18. A Rocha Firme 169

CAPÍTULO 1

Viver ou Morrer?

Sentei-me na beira da cama no apartamento onde morava com minha mãe em Nova Iorque e enterrei o rosto nas mãos. As lágrimas banhavam meu rosto, e escorriam pelos meus dedos. Raramente chorava, mas desta vez havia perdido o controle. Desde que entrara na escola estivera envolvido em brigas, e agora estava encrencado outra vez! Eu me perguntava se algum dia seria alguém na vida. Parecia-me impossível controlar meu temperamento.

Se minha mãe estivesse em casa, talvez pudéssemos conversar sobre o assunto, mas ela não estava naquela noite. Depois do divórcio, ela passara a trabalhar em tempo integral e dedicava menos tempo do que gostaria a meu irmão e a mim. À noite ela costumava sair com os amigos, ou às vezes dava uma festa. Raramente passávamos uma noite em família. Para piorar as coisas, Falcon, meu irmão, melhor amigo e pior inimigo, havia ido morar com meu pai na Flórida. Com seu problema de fibrose cística, Falcon precisava morar num local de clima mais ameno, e ali estava eu, sozinho e carente, precisan-

do desesperadamente de alguém que me amasse e se preocupasse com o que acontecia comigo.

Pensei em minha mãe. Ela era linda, tinha muitos amigos, a maioria deles atores, escritores e cantores. Seu talento e boa aparência faziam dela a principal atração de todas as festas. Ela sentia-se atraída pelo mundo artístico da mesma forma que uma mariposa é atraída pela luz. Sua carreira dera um grande salto quando ela começou a compor músicas para Elvis Presley, mas na verdade ela já estava envolvida no mundo do *show business* de uma maneira ou de outra desde que eu me conhecia por gente. Escrevia musicais para TV e teatro, fazia pontas em filmes, e trabalhava como crítica de cinema.

Ela costumava levar Falcon e eu para o trabalho dela durante as férias de verão, e nós gostávamos de receber o carinho de grandes estrelas. Eles vinham falar conosco e contar piadas entre uma cena e outra. Alguns dos mais conhecidos, e dos quais ainda me lembro eram Red Buttons, Frankie Avalon, Nancy Sinatra, Rowan e Martin, Maureen O'Hara e Lloyd Bridges, mas os nossos favoritos eram os Três Patetas. Como eles nos faziam rir!

No entanto, algo naquelas pessoas notáveis que estavam no topo do mundo teatral me incomodava. Quando já tinha idade suficiente para entender, notei que uma grande porcentagem deles eram homossexuais, e aparentemente muitos deles bebiam ou usavam drogas, ou ambas as coisas, e mesmo assim não eram felizes. "Por que trabalham tanto para adquirir fama se ela os torna tão infelizes?" eu me perguntava.

Não sei se minha mãe notava essa incoerência na vida deles, mas nunca mencionou nada. Para ela, quanto mais empolgação, melhor. Ela dava festas em nosso apartamento, mas a única coisa que os

convidados queriam fazer era sentar-se, conversar e fumar maconha. Eles faziam coisas bobas como beliscar uns aos outros e rir de suas piadas idiotas. Alguns deles viviam completamente fora da realidade! Como fantasmas que flutuavam em seu próprio mundo. Pareciam estranhos e solitários.

Solitário. Como eu odiava aquela palavra! Sentado sozinho na beira da cama, os eventos daquele dia revolviam-se em minha cabeça, e eu revivi os momentos da briga na qual me envolvi, a repreensão arrasadora que havia levado do diretor, e o cenho franzido do meu professor, senti-me inferior a um molusco. Quem era eu? De onde havia vindo? Por que estava aqui? Estas não eram perguntas novas. Muitas vezes havia olhado no espelho e feito essas perguntas a mim mesmo. Haviam me dito que eu era apenas mais um passo no processo evolutivo; um macaco muito desenvolvido. Se a vida é apenas isso, por que não terminar com tudo?

Eu não tinha medo de morrer. Ao morrer, a pessoa apenas apodrecia e se tornava um fertilizante para a terra – pelo menos era isso que diziam nossos professores. Decidi engolir um vidro inteiro de pílulas para dormir, deitar em minha cama e nunca mais acordar. Simples.

Resolutamente levantei-me, enxuguei na calça minhas mãos molhadas de lágrimas e caminhei até o banheiro. Abri a caixa de remédios e olhei para todos os vidros de remédios que estavam bem alinhados dentro dela. Qual deles tinha calmantes? Sabia que minha mãe tomava calmantes para dormir todas as noites, mas nunca prestei atenção ao vidro que ela usava. Comecei a pegar um por um, e ler os rótulos, mas nenhum deles dizia "pílulas para dormir". Finalmente achei um que dizia: "Tome um antes de dormir. *Valium*." Tinha treze anos, mas

nunca havia ouvido aquela palavra. Coloquei o vidro de volta e continuei a procurar, mas como nada mais me pareceu ser o que eu procurava, voltei ao *Valium*, abri a tampa, coloquei todo o conteúdo do vidro na mão e peguei um copo de água. Minha mão parou no meio do caminho até a boca. E se aquilo não fosse calmante? E se fosse algum tipo de pílula para mulheres? E se apenas me fizessem ficar doente? Não queria ficar doente. Já tinha muita dor e tristeza na vida. Queria morrer!

Inclinei-me para ler o rótulo de novo, mas não encontrei nenhuma pista que esclarecesse que tipo de remédio era aquele. Fiquei imóvel um momento, tentando decidir o que fazer. Lentamente peguei o vidro e coloquei as pílulas dentro dele de novo. Encontraria uma forma melhor de me matar outro dia.

Olhando para o passado, penso em como pude ser tão cego aos indícios de que minha mãe se preocupava comigo. Ela tentava expressar seu amor à sua maneira. Escrevia musicais para minha classe, e me colocava no papel principal. Depois ainda dava duro para que tudo saísse bem: escolhia o elenco, fazia figurinos, e até mesmo dirigia os ensaios. Isso tirava tempo de seu trabalho, o que significava menos dinheiro.

Antes de Falcon mudar-se, éramos razoavelmente unidos. Às vezes sentávamos na sala e assistíamos TV juntos. Minha mãe e eu fumávamos maconha, mas Falcon não podia por causa de sua fibrose cística, então ela fazia biscoitos para ele, nos quais colocava uma generosa quantidade de maconha ou haxixe. Haxixe era mais difícil de conseguir porque vinha da Turquia, e ela só conseguia pequenas quantidades dessa droga quando algum de seus amigos trazia em suas viagens, mas ela fazia questão

de colocar um pouco nos biscoitos de Falcon. Eu pensava comigo que isto demonstrava o quanto ela gostava dele.

O nome de solteira de minha mãe era Tarshis, o que traía sua herança judaica. Meus avós diziam que éramos parentes de Saulo de Tarso, mas acho que estavam brincando. Quando nos mudamos para Nova Iorque, minha mãe descobriu que metade das pessoas no *show business* eram judias. Ela tinha orgulho de sua herança judaica, mas não tinha qualquer interesse na religião.

Quando minhas notas saíram algumas semanas após a briga, eu estava tremendo de medo. Passei os olhos pelas notas. Eram um desastre. Rapidamente dobrei o papel e o coloquei de qualquer jeito no bolso. Como poderia mostrar isso à minha mãe?

Em casa, naquela noite, meu coração estava cheio de medo. Sabia que ela gritaria, ficaria irada, e provavelmente acabaria chorando. Novamente a idéia do suicídio aflorou. Talvez eu pudesse pular do último andar de nosso prédio. Perguntei-me se a porta que levava ao telhado do prédio estaria aberta. Peguei o elevador, subi até o último andar e caminhei em direção à porta das escadas que levavam ao telhado. Tentei a maçaneta e a mesma girou com facilidade. Abri a porta, subi os degraus e saí no telhado. Fui até o beiral que circundava o prédio todo e olhei para baixo. Dezesseis andares. Os sons da rua chegavam aos meus ouvidos. A distância eu podia ouvir buzinas, freadas, o ruído dos motores e sirenes. As pessoas que caminhavam pela rua estavam tão distantes que pareciam formigas andando com passos curtos, todos com pressa.

"Por que estão com tanta pressa?" perguntei a mim mesmo. "Para onde estão indo?" Sabia que

muitos deles corriam de um lado para outro tentando ganhar dinheiro.

Pensei no meu pai. Ele era rico – um multimilionário. Não que tivesse nascido em berço de ouro. Seu pai morrera quando tinha sete anos de idade. Sendo o mais velho de quatro filhos, ele fez o que pôde para ajudar a sustentar a família. Vendia jornais nas ruas, e fazia todos os tipos de "bicos" que apareciam para ajudar a alimentar seus pequenos e famintos irmãos. Aos dezesseis anos, quando seus irmãos ficaram mais velhos e começaram a trabalhar, contribuindo na renda familiar, meu pai saiu de casa com apenas alguns centavos no bolso. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele trabalhou na força aérea, voando e aprendendo tudo que podia sobre aviões.

Quando foi dispensado ao final da guerra, ele começou a tentar ganhar a vida sozinho. Era muito esperto e tinha um tino muito aguçado para os negócios. Portanto, não demorou muito para que estivesse construindo seu império. Posteriormente ele chegou a possuir duas companhias aéreas, e inúmeras companhias fabricantes de aviões. Gostava tanto de voar, e de aviões, que quando meu irmão nasceu ele lhe deu o nome de Falcon, em homenagem ao avião de hélice Falcon. Ele me deu o nome Douglas por causa do avião que tinha esse nome. Acho que nessa história eu me dei melhor!

Pilotar seu próprio avião, bem como pilotar carros de corridas, tornaram-se a recreação favorita de meu pai sempre que tinha tempo, o que não era muito freqüente. Quando mudou-se para a Flórida, após ter-se separado de minha mãe, ele morava numa ilha tão exclusiva que para entrar no condomínio era necessário placas de carro especiais ou passes para visitantes. Quando eu ia visitá-lo, ficava

feliz por ele ter uma empregada e um mordomo, pois geralmente eram as únicas pessoas que me faziam companhia. Meu pai tomava o café da manhã comigo todas as manhãs, mas geralmente havia um jornal entre nós dois. Se eu falasse alguma coisa, ele abaixava o jornal e respondia, porém, outras vezes apenas resmungava. Eu era jovem demais para perceber que sua ocupada agenda quase não lhe deixava tempo livre, e os minutos em que lia o jornal todas as manhãs, eram os únicos momentos que tinha para si mesmo. Sim, ele tinha um avião Learjet, um Rolls Royce, seguranças e um iate, mas não parecia feliz. Era um homem decidido; estava determinado a jamais voltar a ser pobre. Sua vida era tão intensa que ele costumava trabalhar dezesseis horas por dia, seis dias por semana.

Ele foi batista durante a infância, mas a religião lhe havia sido imposta por familiares e amigos bem-intencionados, e ele não queria nada com aquilo. Quando sua primeira mulher e filho, ainda bebê, morreram num acidente de avião, acho que ele perdeu o último resquício de fé que ainda tinha, e passou a considerar-se um agnóstico.

Uma rajada de vento trouxe meus pensamentos de volta ao presente. Com os dedos dos pés para fora do beiral, inclinei-me para frente, esperando que a próxima lufada de vento me empurrasse prédio abaixo, pois eu conseguira reunir coragem suficiente para pular. Enquanto hesitava, lembrei-me de ter lido alguns dias antes no jornal, a história de um homem que caiu do oitavo andar. Ele havia perdido um braço e fraturara a coluna, mas não morrera. E se eu não morresse? E se me tornasse um aleijado, sofrendo constantes dores? Tremi de cima a baixo!

Algo mais me segurava. Eu tinha um caso crônico de curiosidade. Se morresse hoje, o que estaria

perdendo amanhã? Talvez fosse melhor viver mais *um pouco.*

O aspecto positivo do suicídio é que sempre se pode adiá-lo. Alguns anos mais tarde disse isso à minha mãe quando ela me ligou e disse que cometeria suicídio. Isso salvou sua vida.

Afastei-me do beiral e sentei-me para pensar. As palavras de um comercial de cerveja me vieram à cabeça: "Só se vive uma vez. Aproveite todos os prazeres da vida." Esta idéia me fez pensar. Primeiro aproveitaria todos os prazeres e emoções que pudesse encontrar. Quando me sentisse plenamente satisfeito, faria algo grande. Por que morrer em tom de lamúria, tomando calmantes ou pulando de um prédio? Por que não morrer vitoriosamente?

CAPÍTULO 2

Academia Militar

Sempre que me envolvia em encrencas na escola, minha mãe tentava solucionar o problema encontrando outra escola onde pudesse me matricular. Em nove anos, passei por quatorze escolas. Se apenas meus pais tivessem reconhecido esse mau comportamento como uma súplica por mais amor e atenção, como a vida teria sido diferente! Mas os dois, movidos por seus próprios objetivos, tinham coisas mais importantes no que pensar. Eu parecia determinado a me meter em encrencas e percebia que minha vida estava completamente fora de controle. Quanto mais mudava de escolas, menos aprendia. Percebia que precisava de disciplina e uma vida mais estruturada.

Um dia, Millie, uma amiga de minha mãe, fez-nos uma visita.

– Estou indo amanhã para o Norte do Estado de Nova Iorque para visitar meus filhos na academia militar – ela disse. – Por que você e os meninos não vêm comigo? Gostaria de ter companhia, e acho que seus filhos gostariam de ver a escola, não acham, garotos? – ela dirigiu a pergunta a Falcon e a mim.

– Claro – dissemos com certa relutância.

Eu ainda me lembrava de ter freqüentado a Academia Militar de Black Fox na Califórnia. Tinha apenas cinco anos de idade, e fora o cadete mais novo da escola. Entretanto, o que me vinha à mente era agradável, e decidi que gostaria de conhecer aquela outra escola militar.

– É a melhor escola militar do país – Millie alardeava à medida que viajávamos. – Pessoas de todas as partes do mundo mandam os filhos para lá. Chama-se Academia Militar de Nova Iorque, mas na verdade é a escola de primeiro grau de West Point.

Nem nos meus sonhos eu havia imaginado uma escola como aquela. Amplos gramados e canteiros de flores multicoloridas estendiam-se ao lado de prédios cujas paredes estavam cobertas de hera. Havia um enorme campo de futebol com arquibancada e tudo, e a escola tinha a maior piscina coberta que eu já havia visto. O mais incrível de tudo era o enorme ginásio. Havia garotos lutando sobre esteiras numa pequena área, enquanto, do outro lado, dois times jogavam basquete animadamente. Vi salas menores, anexas ao ginásio, e vi garotos levantando peso, treinando boxe, jogando tênis de mesa, enfim, todo tipo de esporte sobre os quais eu havia apenas ouvido falar. Tudo isso parecia bom demais comparado aos prédios escuros – cercados por enormes grades – das escolas que eu freqüentara em Manhattan. Os nossos pátios eram revestidos de asfalto ou concreto, e nunca de grama. Fiquei impressionado quando vi os cadetes fazendo exercícios de marcha no pátio, com absoluta disciplina, todos usando aqueles uniformes elegantes.

Eu podia estar à beira de um colapso, mas não era bobo. Sabia que o que estava vendo era o resultado de disciplina, obediência e estrutura. Algo

dentro de mim ansiava ter esse tipo de organização.

– Mãe, eu tenho que estudar naquela escola! – deixei escapar assim que chegamos em casa. – Estou sempre me metendo em encrencas, e não estou aprendendo nada. É desse tipo de educação que estou precisando!

– Não sei, Doug – disse minha mãe. – É caro, e não tenho certeza de que você se enquadraria num programa tão rígido. Você estaria cumprindo ordens o dia inteiro. É uma escola militar.

Eu não podia culpá-la por seu ceticismo. Até então, não havia me dado bem com nada. Por que seria diferente naquela escola?

Enquanto tomávamos sorvete e assistíamos televisão naquela noite, minha mãe e eu fumando maconha, os acontecimentos que havia testemunhado na academia militar povoavam meus pensamentos, e eu toquei no assunto da escola novamente.

– Por favor, mãe – implorei – pergunte ao papai o que ele acha. Pode ser a última chance de me tornar uma boa pessoa.

– Pergunte por mim também – Falcon falou durante os comerciais. – Veja se nós dois podemos ir.

De repente o rosto de minha mãe se iluminou, e eu sabia que ela tivera uma idéia.

– Já sei, vamos consultar o oráculo!

Embora não tivesse qualquer crença religiosa, ela pendia para o lado do ocultismo. Muitos de seus amigos artistas gostavam de astrologia, leitura de mão e sessões espíritas. Mamãe foi até o armário e pegou o oráculo, e nós começamos a aquecer fazendo algumas perguntas triviais. Depois, enquanto mantínhamos as pontas dos dedos apoiadas de leve no indicador, minha mãe perguntou: "O Doug deve ir para a escola militar?" Prendemos a respiração e observamos. Vagarosamente o ponteiro moveu-se e

apontou para a palavra sim. Eu não achei aquilo muito sobrenatural, pois eu o havia empurrado um pouquinho.

"O Falcon deve ir para a escola militar?" ela perguntou em seguida. O ponteiro moveu-se em círculos um pouco, e então movimentou-se na direção da palavra não. Logo depois, algo surpreendente aconteceu. O ponteiro moveu-se até o alfabeto que ficava no alto do oráculo, e soletrou a palavra armas. Olhamos um para o outro.

– Armas não! – dissemos ao mesmo tempo. Sabia que ninguém havia ajudado daquela vez, e não conseguia entender o que havia presenciado. Mas isso não incomodou minha mãe. Ela ligou naquela mesma noite para meu pai. Ele acabou concordando em deixar-me tentar, e enviou o dinheiro para financiar aquela nova aventura.

Mudei-me para o dormitório logo depois do Ano Novo. Guardei minhas coisas nas gavetas cuidadosamente, e pendurei minhas camisas e casacos no armário. "Eles ficarão bem impressionados quando virem como sou caprichoso", pensei comigo mesmo.

Não tinha idéia de como estava enganado. Havia um lugar para tudo, e tudo precisava estar no lugar apropriado. Havia regulamentos sobre onde as roupas deveriam ser penduradas, e em que ordem. Havia regulamentos sobre onde nossos livros deveriam ser guardados. Havia até mesmo regras a respeito de que tamanho, largura e comprimento deveriam ser dobradas nossas cuecas, e em qual gaveta deveriam ser guardadas!

Os garotos novos eram ridicularizados constantemente. Com freqüência éramos parados no corredor por qualquer pessoa que tivesse divisa de oficial. Tínhamos que ficar em posição de sentido, inclinar a cabeça até que o queixo encostasse no pei-

to, e repetir a frase: "Um novo aluno é a escória do mundo, senhor." Com a palavra senhor entre cada palavra, a frase ficava assim: "Um senhor, novo senhor, aluno senhor, é senhor, a senhor, escória senhor, do senhor, mundo senhor." E isso tudo devia ser dito sem rir. Se você não dissesse a frase toda perfeitamente, tinha que começar do início de novo. Isso acontecia constantemente.

O dia começava cedo. O toque da alvorada era dado através dos auto-falantes às 6:30, e, a esta altura, os alunos já deviam estar de banho tomado. No inverno, se você não secasse bem o cabelo antes de sair para o pátio, ele congelava na sua cabeça. Se você chegasse atrasado, nem que fossem alguns segundos apenas, era considerado como estando atrasado, e sofria as conseqüências disso.

Depois corríamos para arrumar nossos quartos. Às vezes, se o quarto de um aluno não passava na inspeção, os lençóis eram arrancados da cama, seu quarto era colocado de cabeça para baixo, e ele tinha que arrumar tudo de novo. Os lençóis deveriam estar tão esticados que se uma moeda caísse neles deveria quicar. Porém, ter que arrumar o quarto de novo não era desculpa para outro atraso. Marchávamos até o local das refeições e marchávamos de volta.

Eles nunca hesitavam em usar castigos físicos, o que não era feito por um cabo ou soldado. O castigo era aplicado pelo professor, geralmente um oficial militar do tipo durão. Lembro-me muito bem da primeira vez que um professor me mandou inclinar-me sobre a carteira. Ele tirou seu cinto cheio de ilhoses de metal da cintura, e espancou meu traseiro com toda força. Minha carteira e eu voamos e caímos sobre outras duas carteiras. Soltei um grito, e a sala toda explodiu numa gargalhada. Tinha ape-

nas 11 anos, mas o professor repetia: "Você é um homem agora, você é um homem agora." Não demorou muito para que eu aprendesse que não se deve chorar nem telefonar para casa para reclamar, do contrário, você se torna a piada da escola inteira.

Eles nem sempre batiam com um cinto. Às vezes simplesmente nos agarravam pelos cabelos ou esmurravam nossa cabeça. Embora todos aqueles garotos viessem de famílias abastadas, os oficiais não mimavam ninguém. Meu amigo Rafael Trujillo, filho do ditador da República Dominicana, era apenas um aluno a mais na escola. Rafael e eu éramos bons amigos, e estávamos juntos quando recebemos a notícia de que seu pai havia morrido num acidente na Espanha.

Insistiram muito comigo a respeito de um regulamento de acordo com o qual eu deveria ir à igreja aos domingos. Eles marcavam a presença dos alunos nesse tipo de coisa também.

– Você deve escolher uma igreja e freqüentá-la todos os domingos – disseram-me.

– Não posso – disse a eles. – Se eu for apenas à sinagoga, meu pai ficará bravo. Se for apenas à igreja protestante, minha mãe ficará brava. – Eles não gostaram disso, mas não havia nada que pudessem fazer. Eu alternava entre a sinagoga e a igreja protestante. Certo domingo fui a uma igreja católica, mas o fato de o padre fumar enquanto dirigia a missa me incomodou, e nunca mais voltei lá.

A imagem que eu tinha de Deus não era muito agradável. Nos cultos protestantes, ou missas católicas, basicamente o que eles nos diziam era que se você fosse bom iria para o Céu, mas se fosse mau, muito cuidado! Deus tinha uma câmara de tortura chamada inferno, onde você rolaria de dor, ardendo no fogo e enxofre por toda a eternidade. Não me

parecia justo que Deus castigasse Suas criaturas para todo o sempre por causa dos pecados de uma vida curta. Também não fazia sentido para mim que Deus jogasse alguém no inferno antes do juízo final. Achava que Deus era cruel, e não entendia como alguém pudesse amá-Lo. Muitos anos mais tarde, fiquei feliz ao descobrir que essa imagem do inferno não é bíblica.

Naquele verão Falcon e eu fomos para um acampamento numa ilha do Caribe, onde pudemos praticar mergulho, esquiar na água, e todas as outras coisas que as crianças costumam fazer em acampamentos de verão. Uma aranha venenosa me picou, quase perdi minha perna por causa da infeção que seguiu-se à picada, e tentei roubar um barco à vela para fugir para uma ilha deserta. Fora isso, foi um verão normal. Embora gostasse da minha liberdade, e a tivesse aproveitado um bocado no verão, estava pronto para começar um novo ano letivo na academia militar.

O segundo ano não foi nada parecido com o primeiro ano. Logo de início fui designado escriturário da companhia, com a patente de sargento. Cada companhia tinha apenas um escriturário, e fiquei todo orgulhoso ao ver as novas divisas no meu uniforme. Agora era eu quem dava ordens – a outros cadetes, é claro. Eu datilografava relatórios, entregava documentos, buscava remédios e fazia quaisquer outras tarefas que precisavam ser feitas. Era uma atividade sob medida para meu espírito livre. Agora eu tinha uma desculpa legítima para estar atrasado, e ir para onde me desse vontade de ir, sempre que eu quisesse. O melhor de tudo é que estava satisfeito comigo mesmo, e com meu trabalho também.

Tendo pais decididos, eu era naturalmente muito competitivo. Nosso quarto ganhou na inspeção

muitas e muitas vezes, e eu ganhei medalhas em muitos esportes, incluindo luta romana, futebol, natação e saltos ornamentais. Minhas notas subiram repentinamente, e, pela primeira vez em minha vida, estava indo bem academicamente falando. Ficava mais do que satisfeito quando me pediam para ensinar outros como dar brilho a um coturno e afivelar o cinto. Aquele ano ficará para sempre em minha lembrança como um dos mais felizes e mais recompensadores dos meus dias escolares. Tenho certeza de que teria sido um completo relaxado se não fosse pelo treinamento que recebi lá.

Mas, como nossa escola só tinha garotos, pensávamos muito em garotas. Na verdade, até meninos de 8 ou 9 anos não falavam de outra coisa. Tenho certeza de que eles não estavam tão interessados nas meninas como fingiam estar, mas era a atitude que todos os garotos machões deveriam ter, e eles falavam tanto quanto os mais velhos. Finalmente decidi que as garotas eram a coisa mais importante para mim, e não havia uma sequer no *campus* inteiro.

Bem, não era obrigado a estudar naquela escola. No ano seguinte eu iria para uma escola onde houvesse garotas!

CAPÍTULO 3

Fugindo de Casa

Depois de um agradável verão mergulhando, esquiando e correndo atrás de garotas, voltei a Nova Iorque. Minha mãe havia encontrado uma escola particular chamada Bentley, onde a maioria dos alunos eram judeus. As garotas achavam um charme qualquer garoto que tivesse ligação com militares, e ali estava eu, um espécime da escola militar, com ótima forma física, bronzeado e cheio de autoconfiança. Os garotos me respeitavam porque eu sabia lutar, mas essa nova aceitação acabou me prejudicando. Estava tão desesperado à procura de amor e aceitação que logo me envolvi com maus hábitos. Primeiro, comecei a roubar um cigarro por dia do maço da minha mãe, para poder fumar com os outros antes das aulas. Mas não parei por aí. Comecei a pegar dois por dia para poder fumar depois da escola também, e não demorou muito para que eu começasse a roubar dinheiro para comprar meus próprios cigarros.

Eu fazia qualquer coisa que meus amigos me desafiassem a fazer. Uma vez, em Miami, pulei de uma ponte sobre a baía. Quanto mais loucas eram mi-

nhas atitudes, mais atenção recebia, e os alunos começaram a me chamar de "o maluco". Minhas notas foram piorando progressivamente, até que percebi como estava desestruturado e muito infeliz.

Um dia depois das aulas estava com um grupo de alunos perto do ponto de ônibus, fumando e conversando. Duas das garotas presentes eram muito bonitas, e eu queria impressioná-las, então disse:

– Esta escola é uma chatice. Nada emocionante acontece aqui. Acho que vou fugir.

Uma gracinha loira chamada Lou falou com voz ansiosa.

– Ah, não, Doug! Você não pode fazer isso. Para onde iria? – perguntou, com os olhos arregalados.

– O que faria para conseguir dinheiro? – perguntou uma "gatinha" de pele clara e cabelos escuros.

– Ah, ele não vai fazer isso. Está só blefando – desafiou Rod.

Rod, que era um tipo meio valentão, não gostava de toda a atenção que eu estava recebendo. Antes de perceber, havia me colocado numa situação difícil, e a única maneira de sair dessa era cumprir o que havia dito, ou ser a piada da escola. A segunda opção, obviamente, era impensável.

Fiquei acordado naquela noite, planejando o que fazer. Sabia onde minha mãe guardava o dinheiro, então peguei 300 dólares e tomei um ônibus para o Norte. Escalei o monte que ficava perto da academia militar e acampei ali durante alguns dias. De onde estava podia ver os prédios da minha antiga escola, e senti vontade de voltar para lá. À medida que os dias passavam e eu estava ali no campo, sentia-me cada vez mais solitário, até que finalmente desisti da idéia, e voltei para casa. Pelo menos ninguém poderia rir de mim. Analisando esse acontecimento em minha vida, não consigo

entender como pude afligir meus pais daquela maneira, mas, naquele tempo, eu achava que ninguém se preocupava comigo, então também não me preocupava com os outros.

Minha primeira experiência de fuga fez nascer em mim uma idéia pela busca de verdadeiras aventuras. Então, não demorou muito para que eu começasse a formular um novo plano. Com alguns amigos, eu iria até o México, onde poderíamos fazer o que nos desse na telha, e ganharíamos dinheiro plantando maconha. Tinha um amigo de quem gostava muito: David McLean, um garoto da Índia que tinha uma personalidade cativante, boa aparência e um sorriso perfeito que atraía as garotas como o mel atrai as abelhas. Sentia-me mais popular estando perto dele. Ele gostava de mim por causa de minhas atitudes malucas e ousadas, então nos dávamos muito bem. Precisaríamos de uma terceira pessoa para nos ajudar, mas quem?

– Vamos perguntar ao Victor – sugeriu David. – Eu já o ouvi falar em fugir.

– Não sei – respondi. – Ele me parece um bobão.

Porém, analisando as poucas opções, finalmente decidimos convidar o Victor e ver se estaria interessado. Ele adorou a idéia.

– Tragam seus passaportes – disse a eles. – Não vamos querer ter problemas com o governo mexicano.

– Onde vamos conseguir as sementes para plantar maconha? – queria saber Victor.

– Isso não é problema – eu lhe assegurei. – Tenho um amigo que vai me vender sementes suficientes para começar uma plantação. O problema será como vamos fazer para entrar no país com isto sem sermos apanhados.

Discutimos várias idéias, mas finalmente chegamos a uma que consideramos a solução perfeita. Fi-

zemos um buraco no meio das páginas da Bíblia e o enchemos de sementes. À primeira vista me pareceu algo sacrílego, mas como eles não fizeram objeção, calei minha consciência.

Planejamos cuidadosamente, e finalmente chegou o dia da partida.

– Vamos nos encontrar na estação de trem – combinei com eles. – Vistam roupas boas e limpas. Eles vão nos reconhecer na hora, se nos vestirmos como fugitivos.

Mas Victor não me deu atenção. Quando nos encontramos na estação, ele estava usando uma velha jaqueta do exército, um boné sujo e jeans desbotados e rasgados. Suas coisas estavam dentro de uma trouxa pendurada nas costas. Seria melhor ele carregar uma placa com os dizeres: "Estou fugindo de casa."

Compramos nossas passagens e ficamos na fila esperando o momento de entrar no trem. Enquanto esperávamos, três policiais vieram na nossa direção. Prendi a respiração, mas eles passaram por mim e pelo David, e foram direto até o Victor. Começaram a fazer perguntas. David e eu fingimos que não o conhecíamos e entramos no trem com os outros passageiros. Encontramos um banco vazio e sentamos um ao lado do outro.

– Ufa! Essa foi por pouco! Você estava certo a respeito da roupa. Eles nem olharam para nós! – disse David baixinho. Ficamos ali praticamente cochichando durante algumas horas de viagem, mas nossa liberdade durou pouco. Numa pequena cidade da Pennsylvania, vários detetives entraram no trem e logo chegaram ao nosso vagão.

– Estão nos procurando – cutuquei David. – Vamos sair pelos fundos.

Mas outros policiais estavam esperando por nós. Não tiveram qualquer dificuldade em nos encon-

trar. Victor nos havia "dedurado", dizendo à polícia os nossos nomes, nossos planos, e descrevendo nossa aparência. Logo estávamos presos com um garoto de 10 anos, que havia assassinado uma senhora de idade com um taco de beisebol, para tirar-lhe o dinheiro. Só de olhar para ele eu tinha arrepios.

O homem da prisão juvenil nos tratou com bondade, mas temo que eu não tenha valorizado seus esforços. Sendo um cristão, ele tentou nos falar sobre Deus e Seu amor, mas eu tinha tantos preconceitos por causa do que meus amigos judeus haviam dito contra o cristianismo, que não queria ouvir o que ele estava dizendo.

Estávamos presos havia dois dias quando ouvimos a chave virando na fechadura. A porta abriu-se e pudemos ver dois detetives bem vestidos.

– Peguem suas coisas. Vocês vão voltar para casa. Suas mães e alguns policiais vão encontrá-los no aeroporto em Nova Iorque, portanto, nem pensem em fazer algo de errado.

O nó que estava sentindo na boca do estômago se desfez, e um alívio encheu minha mente. Não estava louco de vontade de encarar minha mãe e os detetives, mas talvez algo de bom acontecesse.

Ao entrarmos no avião, eles nos devolveram nosso dinheiro e objetos pessoais. Uau! Que burrice! Era isso mesmo que nós queríamos!

No aeroporto de Nova Iorque uma escada foi levada até a porta do avião. Podíamos ver as pessoas que esperavam os passageiros daquele avião. Saímos junto com os outros passageiros, mas em vez de entrarmos no setor de desembarque, pulamos algumas cercas e saímos correndo.

Esperávamos ouvir algum apito da polícia, ou qualquer tipo de movimentação, mas ninguém parecia nos notar. Chamamos um táxi e andamos al-

guns quilômetros. O valor da corrida aumentava a cada minuto no taxímetro, e David e eu começamos a trocar olhares preocupados.

– Deixe-nos na estação de trem – disse ao motorista do táxi. – Não queremos gastar todo o nosso dinheiro com táxi – disse em voz baixa ao David. – O trem é mais barato.

– Ótimo – disse ele – mas para onde vamos?

– Eles vão pensar que fomos para o Sul novamente – respondi – então, vamos para o Norte. Que tal Haverstraw? Ouvi dizer que é uma cidadezinha muito legal. Podemos comprar o equipamento necessário e ir acampar nas montanhas.

– Eu topo – concordou David. Compramos nossos bilhetes e entramos no trem.

Em Haverstraw juntamos nosso dinheiro e compramos uma barraca e um saco de dormir. Escureceu cedo, e quando passamos pelo cemitério eu podia ouvir meu coração batendo. Meu pescoço formigava, e eu estava todo arrepiado.

Havia muitas contradições naquilo que me fora ensinado durante a infância. Por um lado, fui ensinado que Deus não existia, que tudo era apenas um enorme arroto biológico, e que não havia vida após a morte. Mas, por outro lado, as mesmas pessoas me diziam que a vida tinha um lado místico, um mundo dos espíritos. Às vezes fazíamos sessões espíritas em nossa casa para nos comunicar com os mortos. Isto, somado aos filmes de horror que eu havia assistido, não me ajudaram naquela situação. Estava certo de que nunca sobreviveríamos àquela caminhada pelo cemitério à noite, especialmente num dia de lua cheia. Fiquei esperando que algum lobisomem ou vampiro aparecesse de repente e nos atacasse.

Não havia lido Eclesiastes 9:5 na Bíblia, que diz: "Os mortos não sabem coisa nenhuma", ou o verso

10, que diz que não há conhecimento no túmulo. Tampouco sabia que Jesus dissera que os mortos dormiriam até o dia da ressurreição no fim do mundo. Soltei um suspiro de alívio quando conseguimos nos distanciar de todas aquelas lápides.

À medida que a lua ficou mais alta, continuamos a caminhar até que encontramos uma trilha que subia a montanha. Quanto mais subíamos, mais fundo enterrávamos os pés na neve, mas como éramos garotos da cidade, não nos demos conta de que se havia mais neve, o frio seria maior também. Então chegamos a uma pequena clareira nas árvores, e eu joguei a barraca no chão e disse:

– Aqui me parece um bom lugar.

–É! – concordou David. – Ninguém vai nos encontrar aqui, e eu estou cansado e com frio.

Começamos a montar a barraca. O brilho da lua na neve branca provia luz suficiente, e não demorou muito para que a barraca estivesse montada. Com o problema do abrigo resolvido, nossos pensamentos se voltaram para nossos estômagos vazios. Embora nossos dedos estivessem rijos por causa do frio, conseguimos abrir lentamente uma lata de feijão, e a aquecemos sobre um pequeno fogareiro.

– Vou deixar o fogareiro aceso – disse David depois que acabamos de comer. – Talvez ajude a aquecer a barraca um pouco.

Vestidos como estávamos, nos esforçamos para entrar em nosso único saco de dormir. Então começamos a sentir-nos mais aquecidos, e, apesar do desconforto, estávamos exaustos e finalmente dormimos.

Dormimos cedo, mas poucas horas depois acordamos numa poça de água gelada. O calor da chama e dos nossos corpos havia derretido a neve sob a barraca, e estávamos completamente ensopados. Arrastamo-nos para fora do saco de dormir e fica-

mos olhando um para o outro. Batíamos os dentes e nossas roupas estavam grudadas ao corpo.

– Não sei o que você vai querer fazer – disse ao David – mas eu vou dar o fora daqui.

– Estou nessa – ele respondeu – mas o que vamos fazer com a barraca e o saco de dormir?

– Deixá-los aí. O saco de dormir está molhado e pesado, e estou com muito frio para desarmar a barraca. Vamos nessa.

Cambaleamos pela trilha montanha abaixo, que agora estava coberta por uma fina camada de neve recém-caída. Não me lembrava de ter passado tanto frio em minha vida. Finalmente chegamos à cidade, e a única coisa que ainda estava aberta era um pequeno bar e restaurante. Olhamos ansiosos para a luz e o calor que podíamos ver lá dentro.

– Vamos entrar e nos aquecer – decidi. Entramos e demos uma olhada no lugar. Havia uma mesa de sinuca no fundo e alguns fregueses sentados nos bancos que ficavam em frente ao balcão, comendo hambúrguer e batata frita. Eles olharam na nossa direção. Tenho certeza de que deveríamos estar com uma aparência terrível, mas estávamos com muito frio e fome para nos importarmos com isso.

Sentamos nos bancos e fizemos nosso pedido. Tinha menos de 10 dólares no bolso, mas isso era o suficiente para comer uma pequena refeição e ainda sobrava dinheiro. Pedi um hambúrguer e duas porções de batata frita. Devorei o hambúrguer em segundos, e quando comecei a comer as batatas fritas, já não estava mais tremendo, e me senti melhor ainda depois de fumar alguns cigarros.

– Esse lugar é legal e quentinho – disse em voz baixa ao David. – Vamos ficar por aqui. Não quero voltar para aquele frio.

– Mas como? – perguntou ele. – Eles devem fechar logo, e teremos que sair.

– Vamos jogar sinuca – sugeri. – Você tem algum dinheiro ainda?

– Um pouquinho.

– Ótimo – Vamos jogar até nosso dinheiro acabar. Enquanto isso pensamos em alguma coisa.

Jogamos sinuca e fumamos até a hora de fechar. Nossas roupas já estavam secas, e o mundo parecia um lugar mais agradável. O dono chegou perto de nós.

– É hora de fechar, amigos. Vocês terão que sair – disse quase como se pedisse desculpas. David e eu lançamos um ao outro um olhar desamparado.

– Não podemos – disse David abruptamente – quero dizer, não temos para onde ir.

– É isso aí. Estamos procurando emprego – menti. – Fomos despedidos em Nova Iorque, e não temos dinheiro para o hotel.

O dono parecia não saber o que dizer. Depois de uma longa pausa, ele disse:

– Esperem um pouco.

Ele saiu e foi até a cozinha, onde sua mulher estava ocupada guardando tudo. Não demorou para que ele voltasse.

– Vocês gostariam de ficar conosco por alguns dias? Podemos hospedá-los e dar-lhes algum trabalho. Quem sabe até lá vocês podem encontrar algum emprego.

Aceitamos sua oferta com muitos agradecimentos, contentes pela promessa de termos camas secas, um lugar aquecido e comida para comer.

Mas nosso novo lar durou apenas alguns dias. Eles acabaram descobrindo a verdade e nos delataram às autoridades como fugitivos. A polícia nos pegou e levou até a estação, e desta vez não adiantou querer enganá-los. Eles lidavam com fugitivos todos os dias. Logo descobriram quem éramos e en-

traram em contato com nossos pais. A mãe de David foi buscá-lo no dia seguinte, mas um policial me levou até o aeroporto de Nova Iorque, onde minha mãe estava esperando.

– Muito obrigada, senhor – ela disse ao chegarmos. Percebi que ela estava muito magoada e irada também. – Como pôde fazer isso comigo, Doug? – perguntou chorando. – Já fiz tudo que podia por você. Não agüento mais. Você vai morar com o seu pai! Já comprei sua passagem. O avião sai daqui uma hora.

Um silêncio constrangedor instalou-se entre nós enquanto esperávamos pelo meu avião. Senti pena dela. Estava usando óculos escuros, mas eu podia ver que seus olhos estavam vermelhos e inchados. Despedimo-nos friamente e eu entrei no avião. Joguei-me na minha poltrona e olhei pela janela sem ver nada, sentindo uma raiva queimando dentro de mim: raiva de mim mesmo, e do mundo. A coisa que menos queria na vida era morar com meu pai. Ele era rígido demais.

Cheguei tristonho e deprimido, e me senti como um estranho na casa de meu pai. Sentia ciúmes de minha madrasta Betti e de seu filho. Ela tentou fazer tudo para me agradar, mas eu não lhe dei a mínima chance. Sentia-me tão mal-amado que tornei a vida de todos um inferno. Betti finalmente deu um ultimato ao meu pai: "Ou ele ou eu."

Aparentemente ninguém se surpreendeu com isso.

Meu pai hospedou-me num hotel do qual era dono, e todos os dias mandava um carro para me buscar. O novo acordo era que eu trabalhasse para ele meio período no hangar do aeroporto, e freqüentasse a escola durante o outro período. Sentia-me como um escravo sem poder decidir nada, e odiava minha vida.

Meu pai começou a receber telefonemas do diretor da escola toda semana, dizendo que eu havia "matado" aula, ou que não estava entregando meus trabalhos, ou que estava atrapalhando as aulas. Meu pai então me levava para jantar fora, e nós conversávamos. Gostava quando ele conversava comigo. Sentia que realmente se preocupava comigo, mas ele tinha dificuldades para verbalizar seus sentimentos.

Mas havia algo que ele verbalizava muito bem. Ele me disse que se eu não entrasse nos eixos, a próxima coisa que iria fazer era enviar-me para um reformatório, e eu sabia que ele falava sério. Tentei cooperar durante um tempo, mas finalmente não agüentei mais e fugi de novo.

Mas no primeiro dia já estava metido em encrencas. Meu amigo Joe e eu decidimos nadar no mar. Nenhum de nós estava de sunga, mas como já estava escuro, fomos nadar sem roupa mesmo. Nadamos e brincamos nas ondas durante meia hora. Então eu disse:

– Estou ficando com fome. Vamos pegar nossas roupas e correr até aquela casa abandonada ali. Podemos esperar lá até ficarmos secos.

Saímos da água, pegamos nossas roupas e corremos até a casa velha. A porta rangeu quando a abrimos. Fechamos a porta e caminhamos pela casa.

– O vento está ficando forte – disse Joe. – Ouça só como as janelas estão batendo.

– Eu notei isso – respondi. – Vamos dar uma olhada para ver se encontramos algo que possa servir de toalha. Precisamos nos vestir antes que alguém venha ver quem está fazendo esse barulho todo. Começamos a olhar os quartos e procurar alguma coisa quando a porta da frente abriu-se e dois policiais entraram!

Não sinto qualquer orgulho de ter sido preso por ato indecoroso. Quase morri de vergonha, mas fingi que aquilo nem me afetava. Eles nos levaram para a delegacia de polícia e nos interrogaram, tentando descobrir quem éramos, mas eu cuidadosamente escondi minha verdadeira identidade. Sabia que eles me entregariam ao meu pai assim que descobrissem quem eu era, e essa era a última coisa que eu queria no mundo. Então, disse a eles que meu nome era Adam Fisher e que era de Nova Iorque. Eles me deixaram preso uma semana.

Comecei a duvidar de ter tomado a decisão certa. Garotos brancos eram minoria naquela prisão, e os negros e cubanos nos tratavam muito mal, mas eu mantive minha história. Todos os dias os policiais me interrogavam, até que um dia eu lhes dei, sem querer, o nome de uma escola a qual realmente havia freqüentado. Dentro de algumas horas eles já sabiam quem eu era, e ligaram para o meu pai.

Soltei um suspiro quando entrei no carro novo de meu pai, um Lincoln muito luxuoso. Ele não disse nada, mas eu sabia que estava no limite de sua paciência.

Minha mãe, sempre pronta a tentar algo novo, discutiu minha situação com meu pai.

– Ele precisa de uma escola onde possa expressar-se – argumentou ela. – Descobri uma escola chamada Pinehinge. É uma escola experimental no Maine. A filosofia deles é que os adolescentes aprendem aquilo que consideram importante. Você sabe que o Doug nunca vai estudar matérias pelas quais não tem interesse. Essa escola foi feita sob medida para ele.

Embora preferisse uma escola que tivesse uma disciplina rígida, meu pai deixou-se persuadir. Afinal, suas idéias também não haviam funcionado.

CAPÍTULO 4

Livre Afinal!

Minha mãe estava animada com a idéia de Pinehinge.

– Você vai adorar, Doug! Você pode escolher a que aulas quer assistir, e não existem matérias obrigatórias. Você pode estudar quando e o que quiser. É chamada "escola livre".

Pareceu-me ótima. Na verdade a escola era mais "livre" do que imagináramos. Os professores eram *hippies*, e havia apenas três regras na escola, as quais eram solenemente ignoradas por todos: "Nada de drogas, sexo ou brigas."

Os dormitórios eram mistos e, para quem quisesse, até os quartos podiam ser mistos. Havia cerca de 40 estudantes, dos oito aos dezoito anos.

Se você não quisesse, não precisava acordar, nem ir às aulas, nem ao menos ir para o refeitório comer. Toda essa liberdade acabou por causar o fechamento da escola mais tarde.

Ao se matricularem, os alunos ficavam sabendo que poderiam aprender o que quisessem, e era exatamente isso que fazíamos. Aprendemos a cheirar cola, a fazer cerveja e LSD. Nas aulas, podíamos fu-

mar cigarros ou maconha, se quiséssemos. Lá conheci um garoto do Brooklyn [bairro de Nova Iorque] que se chamava Jay e que me ensinou alguns truques sofisticados de roubo.

Jay e eu tínhamos algumas coisas em comum. Sua mãe era judia como a minha. Seu pai havia trabalhado com a Máfia, mas havia sido morto. Embora Jay tivesse quinze anos e uma mente brilhante, a única palavra escrita que ele reconhecia era o PARE dos sinais de trânsito. Fora isso, ele não sabia ler. Ele tinha um terrível sotaque do Brooklyn que até mesmo os nova-iorquinos achavam difícil de entender, e eu acho que ele era mais maluco, inconseqüente e suicida que eu. No inverno, à noite, ele me levava até casas de campo usadas somente no verão, e portanto vazias, e me mostrava como arrombar a porta e entrar, e onde guardar o produto da pilhagem.

Como não éramos obrigados a assistir às aulas a menos que quiséssemos, eu ia muito pouco às aulas. Ficava só matando tempo com os amigos, e correndo atrás das garotas. Gostava das aulas de educação física, principalmente de esquiar na neve. A maioria dos alunos tinha passes para esquiar no Mount Abrams, e a escola nos levava até a estação de esqui três vezes por semana. Naquele ano me tornei um ótimo esquiador. Meu amigo Jay e eu costumávamos fumar maconha enquanto subíamos pelo teleférico até o alto da montanha, e então fazíamos coisas muito doidas e ousadas esquiando montanha abaixo. Não tínhamos qualquer preocupação em relação a nos machucarmos ou mesmo morrer. Se eu o desafiasse a pular de um lugar alto, ele pulava! Depois encontrava um lugar mais alto ainda e me desafiava a pular. Muitas vezes passávamos dos limites e caíamos, mas nunca fraturamos um osso sequer, nem nos machucamos gravemente.

Um dia, vi um cartaz no boletim de anúncios da escola:

CONTROLE DA MENTE
Aprenda como ganhar na loteria, curar pessoas, fazer as coisas acontecerem e controlar sua vida.

Bem, isso me pareceu um curso que valia a pena fazer! Decidi assistir às aulas.

O curso durou cerca de duas semanas. O professor apresentava um novo conceito, e nós o discutíamos e fazíamos perguntas. Depois nos dividíamos em grupos menores, e praticávamos o que havíamos aprendido.

– O subconsciente é mais forte que o consciente – explicou nosso professor.

Através de um tipo de auto-hipnose, aprendemos a entrar nos níveis mais profundos de nossa mente. Isto nos foi apresentado como um trabalho de Deus – algo que Deus aprovava – quando na verdade era exatamente o oposto. O professor explicou:

– Jesus descobriu como usar os poderes da mente, e por isso curava as pessoas. Deus está dentro de você. Você é Deus.

Sem qualquer conhecimento da Bíblia, não percebíamos que estávamos colaborando com Satanás. Nunca ouvíramos falar que a bruxaria é proibida pelas Santas Escrituras e que Satanás é capaz de se transformar num anjo de luz. Nunca havíamos lido Efésios 6:12, portanto, simplesmente acreditávamos no que nossos professores nos diziam. Um poder sobrenatural se fazia presente em nossas experiências, e nós o sentíamos.

Alguns alunos gabavam-se de ter adquirido um novo poder. Uma vez, alguns de nós estávamos

muito empolgados, discutindo no corredor sobre os "experimentos" que havíamos tentado.

– Não acredito! – disse Laura zombeteiramente. – Você acha que algo está acontecendo, mas está tudo na sua cabeça.

Laura não havia assistido às aulas.

– Mas alguma coisa acontece – declarei acreditando no que dizia. – Há algum poder nisso, e posso prová-lo.

– Ah, claro! Como você vai fazer isso? – perguntou Laura.

– Vou curar alguém – respondi. – Não, melhor ainda: vou diagnosticar e curar alguém. Você só me diz quem você quer que seja curado, e eu o farei! – foi meu desafio.

– Combinado! – disse ela olhando bem nos meus olhos. – Diga o lugar e a data e eu estarei lá.

Decidimos nos encontrar na sala de estar da escola às sete horas da noite, depois do jantar. Enquanto esperava, arrumei algumas cadeiras num canto mais silencioso do saguão.

– Sente-se – disse-lhe quando chegou. Sentamo-nos um de frente para o outro. – O que você quer que eu faça?

– Quero que você diagnostique alguém que está doente, e diga-me o que há de errado com ela.

– Você terá que me dar o nome e o endereço dela – respondi, e ela me passou estas informações. Em apenas alguns minutos eu alcancei o estado de auto-hipnose chamado nível cerebral alfa. A imagem de uma mulher apareceu em minha mente, e comecei a descrevê-la: – Vejo uma mulher de mais ou menos quarenta e cinco anos, cabelos castanhos, usa óculos. Nem gorda nem magra.

– Não acredito! Não acredito! É minha mãe! – Laura bateu com a mão na própria testa.

Então comecei a viajar pelo corpo da mãe dela para localizar o problema. Quando cheguei aos órgãos reprodutivos, percebi que havia algo errado.

– Sua mãe é estéril – declarei – não pode ter filhos.

Laura estava boquiaberta.

– Como você sabia disso? Como sabia? Nunca contei a ninguém, mas sou adotiva porque minha mãe não pode ter filhos! Você pode ajudá-la?

– Vou tentar – disse, e entrei num nível mais profundo de subconsciência.

Havíamos sido avisados de que não deveríamos ir fundo demais, senão poderíamos perder o controle. Não me lembro como, mas fiz algum tipo de cirurgia psíquica. Nunca soube dos resultados. Se soubesse naquela época o que sei agora, teria ficado apavorado.

Evan Owens – uma figura muito diferente dos outros alunos – e eu nos tornamos bons amigos. Ele tinha apenas treze anos, mas tinha um Q.I. de 165. Seus pais o haviam enviado a Pinehinge com a esperança de que ali encontrasse algo que desafiasse seu talento, mas ele não se interessou por nada. Gostava de beber e fumar maconha conosco. Alguns dos adolescentes com inteligência acima do normal que eu havia conhecido eram uns chatos, mas não Evan. Ele tinha um humor que nos fazia rir sem parar. Até sua aparência era cômica. O cabelo, que ele usava em estilo *black-power*, e tinha alguns centímetros de altura, contribuía mais ainda com sua aparência engraçada. Fazia com que sua cabeça parecesse uma enorme bola felpuda. Quando ele acordava de manhã, ficava superestranho, pois o cabelo ficava amassado do lado que ele dormia.

– Vamos até a cidade comprar umas cervejas – Evan propôs um dia. – Está tudo muito quieto por aqui.

– Boa idéia – respondi. Tinha um documento no

qual havia mudado o ano de meu nascimento de 1957 para 1952, o que me tornava mais velho do que era, e legalmente me permitia comprar bebidas alcóolicas.

A calma cidadezinha de Waterford, no Estado do Maine, com seu povo respeitável e freqüentador de igreja, olhava com desprezo para os alunos de Pinehinge, e não sem razão. Os alunos não somente pareciam algo saído de um pesadelo, com suas roupas velhas e os longos cabelos sujos, como também insultavam os moradores com obscenidades e palavrões, e eram acusados de ensinar o comunismo e vender drogas aos seus filhos.

Enquanto fazíamos compras, percebi que um homem estava nos olhando fixamente. Estava usando uma roupa com estampa de camuflagem e um chapéu de caçador. Tentei afastar o medo que senti por ter reconhecido em seus olhos aquele olhar insano de violência dos tempos em que vivia nas ruas de Nova Iorque. Quando ele nos seguiu porta afora e entrou em sua *pick-up*, sabia que não estava com boas intenções. Olhei para sua *pick-up* e percebi que havia um rifle e um revólver pendurados num tipo de cavalete que estava afixado à janela traseira. Evan também notou as armas. Quando havíamos caminhado meio quilômetro em direção à saída da cidade, o homem ligou o motor e começou a nos seguir bem devagar.

Não era difícil adivinhar o que ele tinha em mente. Planejava nos seguir até os limites da cidade, e quando estivéssemos longe da vista de todos, ele mataria dois *hippies*. Ninguém saberia de nada, e mesmo que fôssemos encontrados, ninguém se importaria.

Evan e eu não parávamos de olhar para trás; tentando, ao mesmo tempo, agir como se nada estives-

se acontecendo. De repente, Evan gaguejou:

– Doug! Ele parou o carro e está pegando a arma!

– Vamos dar o fora! – exclamei.

Saímos da estrada e entramos no bosque que a ladeava, sem ligar para as plantas cheias de espinhos que se agarravam às nossas roupas, ou aos galhos que batiam em nosso rosto durante a corrida. Com toda a adrenalina correndo em nosso sangue, nossos pés quase voavam. Depois de algum tempo conseguimos nos distanciar dele, e quando achamos que estávamos bem longe, nos escondemos atrás de alguns arbustos. Podíamos ouvir as batidas de nosso coração dentro do ouvido, e sentíamos uma forte dor no peito, mas tentávamos respirar sem fazer ruído.

Ouvimos quando ele passou pisando duro não muito longe de onde estávamos. Mas logo depois ele parou, e sabíamos que estava esperando que saíssemos dali. Então começou a atirar na direção dos arbustos, tentando nos assustar e ver onde estávamos. O estrondo da arma era tão alto que me lembro de ter visto folhas caindo só pelo som. Uma bala zuniu por cima de nossa cabeça e atingiu uma árvore atrás de nós, fazendo com que mais folhas caíssem. Após alguns minutos, ouvimos seus passos afastando-se.

Ficamos deitados no chão durante uma eternidade. Ouvi um barulho de papel e olhei para Evan, assustado. Estava puxando uma embalagem de 6 cervejas de dentro do saco de compras, tentando não fazer barulho.

– O que está fazendo? – sussurrei sem acreditar no que via.

Pensei que com seu gênio criativo pudesse estar planejando algum tipo de solução para o problema. Em vez disso, ele abriu uma lata de cerveja. A cer-

veja espirrou bastante, depois de ser tão chacoalhada durante nossa fuga. Evan colocou a lata nos lábios e sorveu um longo gole.

– Se vou morrer, quero estar bêbado – cochichou ele. Depois de beber a segunda lata, sua inibição desapareceu. Ele ficou de pé e começou a olhar por cima dos arbustos. – Ele foi embora! – cochichou um pouco alto demais.

Levantei-me sem fazer barulho, e começamos a caminhar na ponta dos pés em direção à estrada, olhando para todos os lados, e procurando um lugar para nos esconder caso víssemos nosso agressor outra vez.

Finalmente o avistamos mais adiante na estrada, a cerca de 150 metros.

– Lá está ele, sentado em sua *pick-up* – sussurrei em pânico. Aparentemente ele havia decidido esperar por nós. Provavelmente chegara à conclusão de que alguma hora voltaríamos à estrada. – Está vindo um carro! – disse ao Evan ofegante.

Ficamos olhando para a estrada, até que pudéssemos avistar o carro. Quase não pudemos acreditar quando vimos que Dottie, uma das professoras de Pinehinge, era quem estava dirigindo, levando alguns alunos de volta à escola. Saímos correndo do bosque e nos colocamos no meio da estrada acenando e gritando:

– Parem! Parem! – Ela não teve outra alternativa a não ser parar; caso contrário passaria por cima de nós. Ela abriu o vidro.

– Não posso levá-los de volta para a escola. Meu carro está cheio – disse.

– Você tem que nos levar! – gritei. – Está vendo aquele cara naquela *pick-up* ali na frente? Ele estava atirando em nós! – o homem havia ligado a *pick-up* de novo. Com apenas um olhar ela percebeu tudo.

– Entrem! Rápido! – ordenou. Sentamos por cima dos outros alunos e batemos a porta. Ela saiu cantando os pneus, dirigindo o mais rápido possível em direção à escola. Um pouco mais tarde, quando olhou pelo espelho retrovisor, percebeu que ele havia desaparecido, e nós pudemos respirar outra vez!

Como alguns de nós raramente comíamos no refeitório, precisávamos de uma alternativa. Primeiramente costumávamos roubar a cozinha e pegar o que queríamos. Porém, um dia encontramos um cadeado na porta. Sem problemas. Simplesmente fizemos um túnel até o porão, onde a comida era guardada, e pegamos o que nos apeteceu. Eles sempre mudavam os cadeados, mas nunca descobriram o túnel. Roubamos tanta comida que a escola faliu e finalmente teve que fechar as portas.

Esta "liberdade" toda me tornou feliz? De jeito nenhum. Tenho certeza de que aquele foi um dos piores anos da minha vida. Minha vida não tinha qualquer propósito. Era mais feliz na escola militar, com todas aquelas regras, do que na escola livre, que não tinha leis ou regulamentos

CAPÍTULO 5

A Caverna Secreta

Notícias pitorescas chegavam aos nossos ouvidos a respeito das comunidades *hippies* e do ótimo clima do Sul da Califórnia. Lá nunca fazia frio; nem mesmo no inverno. Era possível acampar o ano todo e viver daquilo que se plantava.

– Esse é o tipo de vida que eu quero! – disse ao Jay. – Quero viver da terra, e não dever a ninguém.

– É isso aí, cara! – ele concordou entusiasmado. – Temos quinze anos. Sabemos cuidar de nós mesmos. Vamos lá para ver como é.

Durante as férias saímos de Pinehinge e fomos até o Sul da Califórnia de carona. Acampamos nas proximidades de Palm Springs. Certo dia pegamos carona no furgão de alguns *hippies*, e fomos até a cidade.

– Qual é o lugar "bacana" onde o pessoal se encontra? – perguntei. – Sabe como é, um lugar onde a gente possa se divertir um pouco.

– Nós gostamos de ir ao Tahquitz Canyon – respondeu o cara de barba. – É longe o suficiente da cidade para que os policiais não nos incomodem, e

podemos fumar nossos baseados, beber cerveja e fazer todo o barulho que quisermos. Vamos para lá hoje à tarde. Querem ir conosco?

Olhei para o Jay.

– Legal! – dissemos em coro.

Embora o Tahquitz Canyon seja um desfiladeiro com mais de 22 quilômetros de comprimento, a maioria das pessoas se reunia do lado que ficava mais perto de Palm Springs. A beleza do lugar me pegou de surpresa. Havia árvores e capim nesse remoto vale deserto, e a cachoeira me cativou. Parecia uma criatura viva, cascateando sobre as enormes pedras lisas. Caía de uma grande altura nas pedras lá embaixo, e depois subia numa nuvem prateada de vapor. Quando a luz do sol batia naquelas gotículas, criava um arco-íris. Não é de se admirar que vários diretores de cinema tenham usado esse lugar como cenário de seus filmes!

Enquanto estávamos matando o tempo e fumando maconha, um homem e uma jovem saíram de dentro do desfiladeiro. Os longos cabelos dele estavam tão queimados pelo sol que eram quase brancos, e sua pele escura e grossa, e a barba desgrenhada me fizeram lembrar de um bode montês. Os pés descalços também me intrigaram. "Como podia andar descalço com tantos cactos por ali?" pensei.

Atrás dele vinha uma linda garota de uns dezoito anos, com grandes olhos castanhos, cabelo esvoaçante e pele morena clara. Ela parecia uma mistura de havaiana e italiana. Nas costas carregava um bebê de aparência no mínimo curiosa. Sua pele bronzeada pelo sol contrastava dramaticamente com seu cabelo branco, que era todo espetado, como se ele tivesse tomado um choque. Fiquei sabendo que ele havia nascido no Tahquitz Canyon, e eles lhe deram o nome de Tewey Tahquitz.

– De onde está vindo? – perguntei ao homem. Ele parou e olhou para mim.

– De casa – respondeu.

– Quer dizer que vive lá em cima? – Fiz um gesto na direção do canyon. – Onde você mora? perguntei.

– Numa caverna – foi a resposta indiferente.

Isso foi demais para um garoto da cidade grande.

– Cara! Gostaria muito de conhecer sua casa. Será que posso subir com vocês quando voltarem para casa? – pedi ansiosamente.

– Fique à vontade – ele respondeu. – Vamos até a cidade comprar algumas coisas e tentar dar esses filhotes de coiotes para alguém – ele levantou dois filhotinhos de coiote, que eram os filhotes mais lindos que eu já havia visto.

– A mãe é meio cão, meio coiote – ele explicou. – O pai é coiote. Daqui a algumas horas a gente volta, e aí você pode nos seguir.

Esperei impacientemente pelo retorno deles. Jay estava deitado no chão com os olhos entreabertos, "chapado" demais para saber o que se passava. Quando finalmente voltaram, eu me levantei e comecei a segui-los montanha acima.

– Meu nome é Jim – disse ele enquanto caminhávamos em fila pela trilha tortuosa – e esta é a minha mulher Sunny.

Fiz muitas perguntas enquanto caminhávamos, mas logo a subida que começou leve, tornou-se mais íngreme e pedregosa. Estava tão sem fôlego que tive que parar de falar, embora de vez em quando eu perguntasse: "Quanto falta para chegar?"

Jim dizia apenas: "Ah, falta pouco. É logo atrás da montanha."

Vi uma pequena montanha e achei que poderia chegar até lá. Entretanto, logo descobri que ele es-

tava falando da montanha mais alta. Não demorou muito para eu descobrir quão fora de forma estava. Depois de sair da escola militar havia começado a fumar, e não só cigarros. Na verdade, havia fumado maconha naquele dia mesmo, o que tornava a subida mais difícil ainda, mas eles continuavam a caminhar, conversando e rindo como se aquilo não fosse nada. Ele estava carregando uma mochila cheia de comida, que pesava uns dezoito a vinte quilos, e ela carregava comida e o bebê. Eu só estava carregando a mim mesmo, e mal conseguia continuar.

O sol se pôs e a noite foi caindo; tudo ao redor ficou cada vez mais escuro. Eu tentava imaginar como eles sabiam o caminho. Tudo que eu via eram as meias de Sunny acima de suas botas. Pareciam pular para cima e para baixo enquanto ela andava. Continuei cambaleando montanha acima atrás dela, às vezes de quatro, tentando acompanhar o ritmo deles. Finalmente perguntei:

– Vocês não querem parar e descansar um pouco?

– Não... esse não é o lugar onde costumamos descansar – ele disse.

Felizmente bati algumas vezes em alguns cactos, e, embora doesse muito, pelo menos eles paravam e esperavam que eu tirasse os espinhos, o que me dava uma chance de retomar a respiração.

– Quanto falta? – perguntei.

– Ah, só mais um pouquinho.

Em Nova Iorque, um pouquinho queria dizer um quarteirão ou dois. Para ele, no entanto, devia ser uns três ou quatro quilômetros, e para piorar, subindo. Finalmente chegamos ao cume de um monte que ficava cerca de 1.200 metros acima de Palm Springs. Que vista! Podíamos ver o deserto envolto em escuridão, e as luzes de Palm Springs e de ou-

tras cidades vizinhas. Enquanto descansávamos, eles fumaram maconha. Eu estava começando a respirar normalmente quando eles pegaram suas coisas e começaram a caminhar novamente.

– Está muito longe ainda? – perguntei.

– Não – ele me garantiu – e daqui em diante só vamos descer.

E realmente começamos a descer, mas a descida era tão íngreme que a cada passo minhas pernas sofriam um solavanco, e eu tinha que firmar-me sobre o calcanhar para não cair. Notei o som de uma corrente de água, e logo estávamos atravessando um riacho. Eles sabiam onde ficavam as pedras que deveriam pisar, mas eu escorregava praticamente a cada passo, e estava cada vez mais molhado. Isso sem falar nos galhos de árvores que atingiam meu rosto com toda força. Ali em cima, o solo do deserto fora substituído por uma floresta.

Quando pensei que não conseguiria dar mais um passo sequer, chegamos à caverna. Jim acendeu uma vela, mas eu estava cansado demais para olhar ao redor. Vi quando Sunny esticou um saco de dormir úmido.

– Você pode dormir aqui – disse ela – nós vamos subir até a nossa caverna de verão.

– Caverna de verão? – perguntei apreensivo.

Eles desapareceram na escuridão e deixaram-me sozinho naquele lugar sinistro. Rastejei até o saco de dormir e me encolhi o máximo que pude. Podia ouvir ruídos que mais tarde descobri serem ratos, mas em minha mente só poderiam ser cobras venenosas arrastando-se em minha direção, ou um puma pronto a me atacar. Estava cansado demais para sentir medo. Finalmente senti-me aquecido, e dormi com o som dos coiotes uivando a distância, os pios lúgubres de corujas e os ruídos da caverna.

Quando acordei na manhã seguinte, se não estivesse sentindo dores em todos os músculos do corpo, teria pensado que havia morrido e ido para o Céu. O sol brilhava em todo seu esplendor, havia uma lagoa de água cristalina cuja água vinha de um riacho que passava na saída da caverna, e alguns passarinhos cantavam alegremente a poucos metros. Jim e Sunny haviam voltado e estavam tomando sol em cima de uma pedra bem perto de mim, completamente nus. O bebê estava brincando na água, e perto dele, a cadela-coiote estava deitada enquanto os filhotes que restavam mamavam. O cheiro de comida sendo cozida no fogo fez-me lembrar de que não comia havia muito tempo, e aquele aroma encheu minha boca de água.

Eu não sabia como me comportar na presença de duas pessoas nuas. Na verdade, nunca me acostumei a isto, mas depois de um certo tempo ficou natural o suficiente para que eu fingisse não me importar. Gostei muito do estilo de vida deles. Alimentavam-se praticamente do que havia no vale. Colhiam uvas e morangos silvestres, e Sunny fazia um prato delicioso com uma certa parte da tabua (uma planta de águas paradas), e eles tinham uma horta onde plantavam várias verduras. Eles tinham até sua própria plantação de maconha. Carneiros selvagens, de chifres enormes, vagavam pelas montanhas. Embora fossem protegidos pela lei, quando queriam comer carne Jim simplesmente pegava sua arma e matava um carneiro ou um veado.

Sabia que não poderia ficar ali. Tinha deixado Jay no acampamento, onde deveria estar me esperando, mas decidi ali mesmo que um dia moraria numa caverna.

No dia seguinte, Jay e eu caímos na estrada de novo. Fomos parar em Santa Mônica, quase sem

dinheiro. O sol estava quase se pondo quando o motorista fez uma parada numa esquina.

– É melhor ficarem aqui. Vou para o leste agora.

– Obrigado pela carona! – dissemos em coro, enquanto tirávamos nossas coisas do carro e fechávamos a porta.

– Bem, onde é que vamos passar a noite? – perguntou Jay. – Eu não quero passar a noite na rua num lugar onde não conheço ninguém.

– Vamos perguntar a alguém onde podemos conseguir um quarto bem barato para dormir – foi minha sugestão.

– Ei, cara, estou quase sem grana – retrucou Jay.

– Eu também, mas talvez possamos encontrar algo realmente barato.

Numa esquina ali perto vimos algumas pessoas sentadas, conversando e fumando. Cheguei perto delas e perguntei:

– Há algum lugar por aqui onde um pobre possa comer e passar a noite?

Um deles apontou mais adiante na rua e disse:

– Tem sim; se caminhar nessa direção vai encontrar um albergue daqui uns 3 ou 4 quarteirões. Você pode passar a noite lá por três dólares.

– É isso aí – disse outro – e há uma Missão a dois quarteirões daqui, onde você pode comer de graça. Tudo que precisa fazer é ouvir a pregação deles, e eles lhe dão comida. Mas esteja lá às 8 horas da manhã, pois depois dessa hora eles fecham as portas e ninguém mais pode entrar.

– Obrigado – dissemos, e em seguida começamos a caminhar na direção do albergue.

Era uma construção de madeira encardida e o papel de parede estava caindo em vários pontos da parede interna. Pagamos nossos três dólares e recebemos lençóis e toalhas semilimpos.

– Podem ficar com o quarto 218 – disse o recepcionista, entregando-nos a chave. – O banheiro é no fim do corredor, à direita.

O lugar tinha um cheiro de coisa velha: uma combinação de mofo, fumaça de cigarro, vinho barato e urina. Pelo menos os lençóis deveriam estar limpos.

Não foi fácil levantar cedo na manhã seguinte, mas nós nos juntamos a umas 20 a 25 outras pessoas em frente à Missão. As portas abriram-se pontualmente às oito horas, e nós todos entramos. Jay e eu sentamos nos últimos bancos.

O grupo da Missão fez um programa bonito e nos tratou com muita cortesia e paciência, sem se importar com nosso comportamento, que era horrível. Um sorridente homem careca levantou-se e deu seu testemunho enquanto as pessoas ao meu redor conversavam e faziam gracejos. Um palerma soltou um arroto bem alto e todos riram. Mas o homem careca continuou seu testemunho como se nada estivesse acontecendo, sempre com um radiante sorriso nos lábios, demonstrando genuína felicidade. Alguém que estava sentado na fileira à nossa frente vomitou no chão, e um dos funcionários da Missão veio rapidamente limpar o local, enquanto outro levava o pobre homem até o banheiro. Depois de dar seu testemunho, o homem careca cantou uma música. Durante esse tempo todo, havia gente desmaiando, alguns por estarem completamente bêbados, outros de cansaço ou fome. Os anjos de Deus devem ter sentido muita pena de nós.

Um dos jovens que participou do programa tinha o corpo musculoso como o de um Mr. Universo. Ele poderia ter apanhado dois ou três dos encrenqueiros barulhentos que estavam ali e com pouco esforço acabar com aquela bagunça. Em vez

disso, levantou-se e deu um emocionante testemunho do que Jesus Cristo havia feito por ele. No fim, pediu que entregássemos nosso coração a Ele também. Senti que ficou triste quando ninguém respondeu ao apelo.

Quando o programa terminou fomos levados a um local onde havia mesas forradas com toalhas brancas e tudo tinha uma aparência muito caprichosa. Acho que esperava pão e água, porque lembro-me claramente de ter ficado surpreso com a boa comida que foi servida. Ficamos numa fila para receber nossa refeição: uma tigela grande de cozido caseiro, um generoso pedaço de pão e uma xícara de café. Até sobremesa eles nos deram: torta de cereja!

Não consegui entender nada daquilo. Éramos sujos, mal-educados e grosseiros, mas eles nos tratavam com dignidade e respeito, como se fôssemos seres humanos decentes. De alguma forma isso não combinava com tudo que eu havia aprendido sobre o cristianismo.

Ficamos sabendo de outro lugar onde eram oferecidas refeições gratuitas: o templo Hare Krishna. Um dia decidimos ir lá. Tínhamos que assistir ao culto deles também, e durava duas horas. Algumas pessoas diziam que era uma religião falsa, e realmente foi bem diferente de qualquer culto cristão que eu já havia assistido. Os homens têm as cabeças raspadas, deixando apenas um pequeno rabo-de-cavalo um pouco acima da nuca. Os homens usam longas túnicas de cor salmão. As mulheres também usam túnicas longas e largas, porém nas cores rosa, azul e violeta. Enquanto o baixista e o baterista marcam o ritmo de forma bem monótona, as pessoas se balançam e pulam na cadência do ritmo, agitam seus pandeiros, balançam os braços e dão grandes saltos. Enquanto fazem isso, todos en-

toam um cântico monótono: "Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna, Krishna, Hare, Hare; Hare Ramah, Hare Ramah, Ramah, Ramah, Hare, Hare..."

Percebi imediatamente que as pessoas estavam sendo hipnotizadas. Havia convivido no mundo artístico tempo suficiente para reconhecer aquilo. A hipnose se aproveita de determinadas propriedades dos nervos óticos e auditivos. As batidas repetitivas do ritmo colocam a pessoa num estado hipnótico. Quando uma frase que não faz sentido é repetida várias vezes, a mente forma um tipo de pensamento subconsciente. Depois de um certo tempo, a mente está tão cheia desses pensamentos vazios e vãos, que bloqueia as verdadeiras preocupações e frustrações da vida, dando um falso senso de paz – um tipo de euforia. Essa paz interior é atribuída a Deus. Sob esse encantamento, as pessoas doam suas propriedades e dinheiro de bom grado.

Quando vi o que estava acontecendo, fui até o banheiro e fiquei lá durante quase todo o culto, especialmente durante os cânticos. Quando saí notei que Jay parecia estar gostando daquilo, e comecei a ficar preocupado com ele. Depois de uma refeição que foi só iogurte, o qual eu nem apreciei muito, agarrei Jay e saímos de lá.

As férias já haviam terminado fazia vários dias, e estávamos do outro lado do país.

– Se vamos voltar para a escola, é melhor fazermos isso logo – eu disse.

– Qual é a pressa? – protestou Jay. – Estamos de férias, lembra?

– Lembro sim, mas também me lembro de que as férias terminaram há duas semanas, e vamos demorar mais uma semana para voltar. Vamos voltar.

CAPÍTULO 6

O Crime Não Compensa

Quando o ano escolar terminou em Pinehinge, voltei à Flórida para passar o verão com meu pai, o que, aliás, não deu nada certo. Em Pinehinge, minha sede por liberdade irrestrita havia sido alimentada, e meu pai me achou incontrolável.

– Doug – ele me disse um dia – minha paciência já acabou. Não sei o que fazer com você. Se você não pode cooperar comigo e viver como um ser humano decente, tem que sair de casa.

Com o coração partido, ele me viu sair de sua vida e cair no mundo. Havia acabado de fazer dezesseis anos.

Magoado, desnorteado e irado, saí sem saber para onde ia. Cheguei à estrada e comecei a caminhar na direção do Norte, na Interstate 95, uma importante estrada que liga todos os Estados da costa leste dos Estados Unidos. Juntei-me a um tipo alto, chamado Scott. Ele era bem musculoso, e os óculos que usava lhe davam um certo ar intelectual, embora nem tivesse acabado o segundo grau.

Pegamos carona juntos, desde Miami até Bos-

ton, onde Scott havia morado antes de ir para o Vietnã. Logo conseguimos trabalho e estávamos vivendo razoavelmente bem, mas não demorou muito para que eu percebesse que Scott estava completando seu salário com uma sólida atividade de roubos. Aos poucos comecei a ir com ele, e antes que pudesse me dar conta do que estava acontecendo, estava totalmente envolvido numa vida de crime.

Durante os meses que se seguiram, desci a um ponto tão baixo que desprezava a mim mesmo, bem como a toda a raça humana. Scott e eu vivíamos em albergues e roubávamos carros, televisões e qualquer coisa que pudesse ser transformada em dinheiro.

Quando alguém que tem apenas dezesseis anos tenta viver sozinho numa cidade grande como Boston encontra muitos obstáculos, mas eu não demorei a conseguir uma carteira de motorista falsificada, de acordo com a qual eu tinha dezoito anos. Com minha identidade falsa consegui um emprego de meio período como segurança de uma companhia chamada Business Intelligence. O emprego oferecia uma insígnia, uniforme e um cassetete. Sentia-me importante quando abria a carteira e mostrava minha insígnia para comprar bebidas alcoólicas. Minha nova posição também me dava informação privilegiada para executar roubos.

Enquanto trabalhava como segurança, conheci um jovem chamado Brad que também era segurança. Era um rapaz quieto que estava envolvido numa religião oriental chamada Shakti. Brad tinha conhecimento de meus roubos.

– Doug – ele disse – um dia você vai pagar pelo que está fazendo. Você pode achar que está se dando bem e ninguém vai descobrir nada, mas isto não é verdade.

– O que quer dizer? – perguntei.

– Quero dizer que este é o seu carma. Tudo o que você faz, acaba se voltando contra você. As coisas que você está fazendo contra as pessoas agora, serão feitas contra você um dia.

– Isso é loucura, cara! – exclamei. – Roubei uma TV e me livrei dela. Não fui apanhado, e nunca serei.

– Você vai ver – ele insistiu.

Alguns dias mais tarde alguém arrombou meu apartamento e roubou meu aparelho de TV e meu rádio, e eu fiquei irado! Então comecei a notar que sempre que roubava alguma coisa, aquilo era roubado de mim. Quando roubava dinheiro, ele desaparecia! Descobri mais tarde que Scott estava roubando de mim! Roubei um carro, que em seguida teve dois pneus furados. O que me convenceu foi uma coisa insignificante, mas a coincidência foi tão notável que chegou a me assustar. Estava na casa de alguém, e roubei uma caixa fechada de mistura para fazer panquecas de farinha integral, na qual havia uma etiqueta de preço: um dólar e dezenove centavos. (Bebia, fumava e usava drogas, mas insistia em comer coisas integrais porque eram mais saudáveis!) Quando cheguei em casa, descobri que alguns de meus amigos haviam aberto uma caixa de suco de laranja, e tomaram tudo. O preço etiquetado na caixa era de um dólar e dezenove centavos!

"Que coisa estranha!" disse a mim mesmo. "Alguém aqui está me vendo e sabe o que estou fazendo!"

Pela primeira vez em minha vida, acreditei do fundo do meu coração que realmente Deus existia!

Quando Brad me convidou para uma de suas reuniões alguns dias depois, aceitei o convite sem hesitar. Aliás, voltei várias vezes nas semanas que se seguiram. Não entendia a maior parte do que era dito, mas geralmente voltava para casa com mais livros e menos dinheiro na carteira.

Enquanto lia o jornal certa noite, ouvi um grito lancinante e passos pelo corredor; de um salto fiquei de pé. Abri apenas uma fresta da porta, e vi Sugarman, um gigolô negro que morava no mesmo andar, batendo numa de suas garotas. Ela soltou-se dele e correu. Ele correu atrás dela com uma vassoura na mão, e eu fechei a porta.

"Espero que não a mate", pensei enquanto me afundava na poltrona de novo. Brigas e punhaladas eram uma coisa comum naquele lugar, mas eu não conseguia me acostumar com aquilo. Bati o cigarro no cinzeiro. "O que estou fazendo nesta pocilga, usando o mesmo banheiro que essa gente usa? Não posso nem dormir à noite com as festas e a barulheira de sempre. Estou cansado deste lugar. Cansado deste tipo de vida!"

O telefone tocou e eu atendi.

– Oi, Doug, é o seu pai! – disse a voz do outro lado da linha. – Estive em Nova Iorque a negócios, e resolvi esticar até aqui para lhe dar um alô. Você gostaria de se encontrar comigo para que a gente converse um pouco? – sua voz pareceu alegre e eu fiquei contente de ouvi-lo.

– Claro, pai. Posso levá-lo para jantar? – perguntei. Queria que ele soubesse que eu tinha meu dinheiro.

– Bem, eu havia planejado levá-lo para jantar, mas por que não? Diga-me onde devo encontrá-lo.

Conhecia alguns restaurantes chiques em Boston, e queria impressioná-lo, então dei o nome e o endereço do mais caro que conhecia.

Cheguei antes dele e fiquei do lado de fora esperando. Logo chegou um táxi, e meu pai saiu do carro. Um sentimento de felicidade me invadiu e eu queria correr até ele e abraçá-lo, mas na nossa família não havia espaço para abraços. Apenas sorri-

mos um para o outro e nos cumprimentamos com um aperto de mãos.

No restaurante, o garçom nos levou até uma mesa, e nós conversamos durante algum tempo. Depois que havíamos feito nossos pedidos, ele foi direto ao assunto.

– Doug, acho que falhei com você e sinto muito. Você me daria mais uma chance?

Tive que controlar as lágrimas ao ouvir essa confissão inesperada. Fiquei hesitante.

– O que você quer, pai? – perguntei com cautela.

– O problema é a sua educação – respondeu ele – você deveria estar na escola. Tem apenas dezesseis anos.

– Mas pai – comecei a me irritar – estou cuidando muito bem de mim mesmo!

Tirei um bolo de notas do bolso e mostrei-lhe, mas ele não pareceu impressionado.

– Você sabe como detesto estudar, pai.

Ele levantou a mão como se pedisse para terminar o que estava dizendo.

– Espere um minuto, Doug. Ouça minha proposta. Estava conversando com um amigo meu, ele me falou de uma escola a bordo de um navio. É um grande veleiro que viaja pelo mundo todo. Os alunos são a tripulação. As aulas são a bordo do navio, e eles fazem paradas em todo o tipo de lugares exóticos. Você tem liberdade para ir aonde quiser, e pode fazer todo o tipo de coisas que tiver vontade de fazer. Pode praticar mergulho, esqui aquático, e além disso, há muitas garotas. O ano escolar acabou de começar, e o navio está em algum lugar do Mediterrâneo neste momento.

Parecia bom demais para ser verdade.

– Qual é o nome da escola? – perguntei, tomando cuidado para não parecer interessado demais.

– Chama-se The Flint School Abroad – disse ele.

– Bem, não sei – hesitei. Ficamos ali sentados em silêncio durante um longo tempo. Não tinha certeza se poderia me adaptar a um programa estruturado outra vez, tendo que obedecer a ordens. Mesmo assim parecia algo divertido, e, francamente, estava cansado de me defender sozinho. Finalmente respondi:

– Acho que vou tentar.

Uma expressão de alívio encheu o rosto do meu pai, e pude ver lágrimas em seus olhos. Por dentro, eu estava exultante. Se apenas eu soubesse o que estava para acontecer!

CAPÍTULO 7

Despachado Num Navio

Meu pai cancelou todos os seus compromissos profissionais para viajar comigo até Gênova, na Itália, onde o navio-escola estava ancorado. Estávamos realmente felizes na companhia um do outro durante aquele vôo, e eu sentia que ele se preocupava comigo. Ele até me deu um tapinha nas costas quando caminhamos juntos navio adentro. Depois de me ajudar na matrícula, e de levar minhas coisas para dentro da embarcação, ele apertou minha mão quando nos despedimos.

– Boa sorte, filho. Dê duro, e nos veremos no Natal.

– OK, pai – respondi. Depois que ele foi embora, eu guardei minhas coisas e saí para explorar o local.

Não demorou muito para que eu entendesse os tipos de alunos que freqüentavam aquela escola. Muitos eram filhos de senadores e políticos, que, como eu, eram rebeldes e não queriam restrições, além de serem uma ameaça à reputação de seus pais. Como estavam fora do país, ninguém sabia o que estavam aprontando. Outros eram delinqüentes, filhos de pessoas ricas que não podiam preocu-

par-se com os problemas da juventude. Eles simplesmente transferiam sua responsabilidade de pais para a escola. Vários garotos se aproximaram de mim durante meus primeiros dias a bordo, perguntando: "Você trouxe drogas?"

O que meu pai havia ouvido sobre essa escola era apenas parcialmente verdade. Na realidade, em certo sentido éramos prisioneiros. Não podíamos ter contato com as garotas, e não podíamos beber, fumar ou usar drogas. Quando éramos enviados à terra firme não podíamos levar nossos passaportes. Num país como a Itália, por exemplo, as autoridades o prenderiam e jogariam fora a chave se você fosse apanhado sem um passaporte, então não ousávamos fazer qualquer coisa que pudesse atrair a atenção. Nunca fiz mergulho, nem esqui aquático, nem qualquer outro esporte durante o tempo em que estive naquela escola.

O programa de ciências da escola girava em torno da teoria da evolução, e os que acreditavam no criacionismo eram ridicularizados e chamados de idiotas. Os filmes que eram exibidos naquela aula apresentavam Darwin como um herói.

"Deus não existe", disse-nos o professor. "Vocês têm que vencer sozinhos. Se tiverem que pisar em alguém para conseguir alcançar seu objetivo, façam isso. Se não o fizerem, outra pessoa o fará. "

A frieza desse tipo de filosofia me fez sentir mais solitário e isolado do que nunca.

Ainda estava buscando a Deus através de religiões orientais como o Shokti, e não queria que ninguém me dissesse no que devia acreditar. Portanto, comecei a passar cada vez mais tempo em meu quarto, meditando e tocando uma flauta de madeira. Os garotos me ridicularizavam por causa disso, mas eu simplesmente os ignorava.

Todos os alunos vinham de lares influentes, mas ninguém saberia disso analisando a comida que nos era servida. As sobremesas eram tão escassas que barras de chocolate eram vistas como uma guloseima rara e especial, e tornaram-se um tipo de moeda interna para comprar o que queríamos uns dos outros. Tínhamos que pagar 2.500 liras italianas por uma barra, o que era o dobro do que pagaríamos no nosso país.

Um dia, um garoto chamado Eric passou pelo meu camarote.

– Pena que não temos LSD, Doug – ele disse. – Eu daria qualquer coisa por uma "vidracinha".

– Sinto muito, mas não tenho nada – disse-lhe, mas assim que ele saiu minha mente fértil começou a trabalhar. O LSD é chamado de "vidraça" nos Estados Unidos porque vem em pequenos quadrados transparentes de dois por dois centímetros quadrados. Abri minha carteira e peguei o plástico que protegia o compartimento de fotos; cortei dois pequenos quadrados de plástico. O produto final era exatamente como doses, ou "vidraças" de LSD.

Quando cruzei novamente com o Eric lhe disse:

– Você não vai acreditar, mas eu achei por acidente duas vidraças.

Os olhos dele iluminaram-se.

– Legal! – exclamou entusiasmado. – Você me venderia uma? Por quanto?

– Quero duas barras de chocolate – respondi.

– Fechado! Tenho chocolate aqui no meu armário.

– Espere aí, Eric. Não sei se esse negócio está bom ainda. Estava na minha carteira havia muito tempo (o que era verdade, obviamente).

– Tudo bem – ele fez um aceno com a mão, querendo dizer que não se importava. – Vou arriscar – e fizemos a troca.

– Você vai ter que engoli-lo – eu lhe expliquei. – Esse não é do tipo que derrete na boca.

Com um largo sorriso nos lábios, fui até meu quarto e sentei na beira da cama. Rasguei a embalagem da barra de chocolate e mordi com vontade. Mastiguei devagar, saboreando cada partícula do chocolate. "Humm, cara! Este chocolate vai ter desaparecido muito antes dele descobrir que está comendo minha carteira", ri.

Embora tivesse sido mais esperto do que ele naquela situação, um sentimento de culpa começou a me incomodar. Porém racionalizei: "Ele teria feito a mesma coisa se tivesse tido a idéia primeiro."

Prendi a respiração na manhã seguinte quando ele veio até meu quarto. Pensei: "Agora vou ter que ouvir."

Ele fechou a porta atrás de si, mas não parecia zangado. Na verdade, estava sorrindo.

– Sabe aquela vidraça? – perguntou todo animado. – Bem, a princípio nada aconteceu, e eu fui dormir. Mas durante a noite eu acordei e, cara, que viagem! Fiquei completamente alucinado a noite toda! – ao falar ele virou os olhos e apoiou-se na porta.

Devo ter ficado boquiaberto.

– Que coisa! – murmurei.

Tempos depois, quando descobri a passagem bíblica: "Deus deu a cada homem uma medida de fé", pensei em Eric. Ele certamente teve fé naquele pedacinho de plástico!

Sempre ouvi falar que não existem ateus na guerra. Pude ver em primeira mão que também não existem ateus numa tempestade no mar. Uma noite, estávamos deslizando calmamente pela costa da Sardenha, quando, numa questão de poucas horas, a brisa tornou-se num vento furioso e as ondas do mar transformaram-se em grandes montanhas de

água, com 28 a 29 metros de altura. A proa levantava-se a alturas incríveis para escalar as enormes ondas, e em seguida caía violentamente no abismo que se seguia às mesmas, criando um movimento impetuoso de subir e descer, que em pouco tempo levou todos os jovens marujos a segurarem-se no parapeito e devolver o jantar ao mar. Muitos nem chegaram ao parapeito; enquanto os pobres garotos enjoavam e vomitavam, o convés foi ficando coberto por uma sujeira escorregadia.

– Saiam de perto do parapeito – rugiu o capitão. – Se alguém cair no mar, não daremos a volta para buscá-los. Vocês morreriam de choque e frio antes que conseguíssemos encontrá-los numa noite como esta. Faríamos uma marca no mapa e mostraríamos aos seus pais onde vocês morreram.

Provavelmente estivesse blefando, mas ninguém quis pagar para ver.

À medida que a fúria da tempestade aumentava, as ondas começaram a quebrar acima da altura da proa do navio, jogando toneladas de água no convés. Depois, enquanto o navio levantava-se para encontrar a próxima onda, aquela água toda rolava de uma extremidade a outra, destruindo tudo que estivesse em seu caminho. Sendo assim, enquanto a água corria da proa até a popa havia coletes salva-vidas, caixas, fragmentos de bóias e outros entulhos sendo jogados ao mar. O bote salva-vidas inflável, preso precariamente por uma corda muito fina, balançava perigosamente, ameaçando juntar-se àquela correnteza de destroços.

– Rápido, garotos – o capitão gritou para Ralph e para mim, os dois únicos que não estavam passando mal nem sentindo qualquer enjôo – amarrem o bote salva-vidas antes que outra onda bata ali.

Ralph, cujo pai milionário vivia na Virgínia, era

um caipirão loiro e grande, muito vigoroso. Outra onda bateu justo no momento em que chegamos ao bote, fazendo com que colidíssemos violentamente contra ele. Com a ajuda de nosso peso a corda partiu-se, e o bote começou a atravessar o convés em cima da correnteza de uns trinta centímetros de água.

"Ê, lasqueira!" gritou o caipira enquanto o bote quase voava pelo convés, mas eu percebi que estávamos indo diretamente para o parapeito, e meu coração quase parou. E se o parapeito não segurasse aquele peso todo? O bote parou tão repentinamente que quase fomos jogados no mar, mas nos agarramos ao parapeito e ficamos pendurados ali, cheios de pavor. De alguma forma conseguimos amarrar o bote e sobreviver àquela crise. Mas antes que pudéssemos nos congratular, uma onda maior ainda bateu no navio, rasgando a vela-mestra e deixando-nos perigosamente expostos à fúria do mar. Se perdêssemos a força que nos impulsionava para a frente, o navio poderia ficar à deriva e até virar.

Todos vieram correndo, doentes ou não, quando ouviram o som do tecido rasgando. A vela começou a bater vigorosamente com a força do vento. Muitas mãos eram necessárias para segurá-la, desprendê-la do mastro e içar a nova vela. Lutamos com as cordas enquanto o navio se balançava e a água corria na altura das nossas pernas tentando nos derrubar, mas finalmente conseguimos descer a vela e soltá-la do mastro. Vários lábios se moviam, e eu sabia que meus amigos ateus estavam orando. Finalmente a vela sobressalente estava presa, pronta para ser içada ao topo do mastro principal. Alguém teria que subir pelo cunho até o topo do mastro para prendê-la. Se isso não fosse feito, o arganéu se engancharia no mastro com o balanço do navio, e este nunca chegaria até o topo.

– Precisamos de alguém que suba pelo cunho – gritou o capitão tentando ser ouvido acima do uivo do vento. – Algum voluntário? – ele olhou ao redor quase implorando. Eu não tinha medo de altura, e sabia que poderia fazê-lo. Ainda era bem forte por causa dos meus tempos na academia militar.

– Eu vou – me apresentei. Não pude resistir à tentação de me mostrar.

Subi no cunho, e os homens e os garotos começaram a puxar o sarilho. Lentamente fui carregado para cima. Quando já havia subido dois terços da altura do mastro, o navio inclinou-se mais de doze metros para a frente, e o arganéu cravou-se no mastro, tornando a tarefa de içá-lo impossível. Puxei com toda a minha força, mas não consegui afastar o arganéu do mastro. Percebi que lá embaixo eles continuavam a puxar as cordas, e fiquei com medo de que elas arrebentassem.

– Parem! Parem! Ficou preso! – gritei. Gritei com toda a força, mas o rugido do vento e o barulho da vela batendo eram tão altos quanto um trovão. Embora estivessem a menos de nove metros abaixo de mim, não ouviam meus brados.

Todo esse tempo, enquanto o navio balançava perigosamente de um lado para outro, o mastro oscilou como se desenhasse enormes arcos no ar: quase mergulhava no mar de um lado, depois me levava como um foguete até as ondas do outro lado, quase tocando a água novamente. Minha única esperança era pular do cunho até a rede que ficava esticada de um lado ao outro do navio na altura do cesto da gávea – um cesto localizado a certa altura do mastro, e onde um marujo fica à espreita de outras embarcações ou de terra à vista. Se eu estivesse no topo do mastro, teria apenas que dar um pequeno salto até a rede, mas como havia subido ape-

nas dois terços da altura do mastro, estava fora do alcance da rede. Meus braços tremiam por causa do esforço que havia feito de puxar o arganéu, e eu sabia que não tinha muito mais força neles. Também sabia que se pulasse enquanto estivesse inclinado sobre a água, poderia facilmente errar a rede, e cair no mar gelado, o que seria meu fim.

"Ó Deus! Salve-me, por favor!" gritei. "Não me deixe morrer!"

Olhando rapidamente para baixo, dei um salto. Graças a Deus, meu cálculo estava certo. Agarrei a rede com as mãos, enganchei bem minhas pernas na rede, e fiquei pendurado ali durante algum tempo, agarrado para salvar minha vida. Depois de descansar um pouco, consegui descer até o convés.

A essa altura o capitão havia descoberto o problema e tinha baixado a vela. Meus braços e pernas ainda tremiam.

– Você quer tentar de novo? – perguntou o capitão.

– Nem pensar! – respondi. – Vou para o meu camarote.

Pisando com cuidado sobre os entulhos que cobriam o corredor, consegui voltar ao meu quarto. Podia ouvir os gemidos e o esforço para vomitar dos outros garotos em seus camarotes. O fedor de diesel e vômito me causaram náusea quando cheguei à porta do meu quarto. Nem notei a bagunça em que a tempestade havia transformado meu quarto. Deitei na cama e segurei-me à grade da mesma. "Tenho sorte de estar vivo", pensei comigo mesmo. Fiquei me perguntando quantas orações e promessas haviam subido até o Céu naquela noite. Também pensei em quantos daqueles que oraram realmente fariam mudanças em sua vida caso sobrevivessem àquela tempestade.

Mas, de alguma forma, sobrevivemos. Quando

velejamos em águas calmas outra vez, a vida continuou como sempre. Todo o mundo voltou a agir como se nada tivesse acontecido. Todas as orações e promessas foram esquecidas. Aprendi naquele dia por que Deus não disciplina com o medo. Quando o perigo passa, as pessoas geralmente voltam aos seus velhos caminhos.

Como me matriculara depois, os plantões de guarda já haviam sido designados, e meu nome não aparecia na lista de sentinelas. Havia outras tarefas, no entanto, como escovar o convés, lavar louça e outras coisas que eu detestava fazer. Finalmente me rebelei e recusei-me a assistir aos programas, freqüentar as aulas ou fazer quaisquer das tarefas que me eram designadas. Simplesmente ficava sentado em meu quarto meditando. Pouco tempo depois o capitão veio bater à minha porta.

– Está aberta – reagi.

Ele entrou pisando duro e começou a esbravejar um sermão.

– O que significa esse comportamento, Batchelor? Não está indo às aulas, não está realizando suas tarefas, não está fazendo nada do que deveria fazer. Você não sabe que tem de seguir as regras como todos os outros?

– Por quê? – perguntei em tom de provocação. – Odeio esse lugar. Não pedi para vir para cá, e não vou ser escravo de ninguém!

Não me senti intimidado pela agressividade de seu discurso. Eu tinha uma medalha de ouro em luta romana, e estava acostumado a brigar. Nunca havia perdido uma luta sequer.

Quando ele percebeu que não iria me amedrontar, mudou de tática.

– OK, Batchelor, se você não trabalha, não come! – vociferou.

Ele girou sobre o calcanhar e saiu do camarote batendo a porta. Fiquei pensando no que fazer, mas convenci meus colegas de quarto a trazerem comida para mim às escondidas, e mantive minha atitude rebelde.

Entre os outros estudantes, o moral começou a baixar. "Por que tenho que fazer o plantão de guarda? O Batchelor não faz isso."

"Por que tenho que escovar o convés? O Batchelor não faz isso."

O capitão não tinha uma resposta. Já no limite de sua paciência, ele veio falar comigo de novo.

– Batchelor, o que tenho que fazer para que você se comporte? Você está destruindo o moral desta escola. A insubordinação está se espalhando como uma praga – seus olhos me fitaram suplicantes.

– Não sei – dei de ombros – faça-me uma oferta.

– Vamos fazer o seguinte: se você assistir às aulas e colaborar durante mais algumas semanas, vou dizer ao seu pai que se comportou muito bem, e o deixarei passar o Natal com sua família.

Respirei fundo e pensei um pouco.

– Fechado! – concordei.

Ele sabia que se eu saísse do navio nunca mais voltaria. Nós dois sabíamos, mas nenhum de nós mencionou isso. É claro que a primeira coisa que fiz no avião foi pedir cerveja e cigarros. Os outros alunos olharam para mim horrorizados, mas eu lhes disse: "Vocês nunca mais vão me ver", e a profecia se concretizou.

Papai estava tão feliz com o falso relatório do meu bom comportamento, que eu não quis estragar as coisas para ele contando-lhe a verdade. Em vez disso, participei alegremente de todas as festividades do Natal, e tentei esquecer a escola. Mas quando chegou a hora de voltar, ganhei a estrada e fugi de novo.

CAPÍTULO 8

Pegando Carona de Novo

"Ah não, cara, outro não!" suspirei enquanto apertava a jaqueta fina que estava usando contra o corpo. Um enorme caminhão vermelho e prateado passou direto. Contei: "um, dois, três" e virei bruscamente contra o vento gelado. Uma rajada de vento zuniu pelo meu pescoço, e eu tremi todo, pela centésima vez. Olhei para o relógio e comecei a caminhar de novo fazendo com o dedão o sinal característico de quem pede carona. Caminhando eu ficava mais aquecido do que parado.

"Quase oito horas nesse lugar miserável, e parece que vai começar a nevar outra vez", murmurei para meus pés dormentes que caminhavam pela Interstate 40, uma estrada que passa pelos arredores de uma pequena cidade de Oklahoma. Meu estômago roncou, mas eu o ignorei e fiz sinal para um Cadillac azul que estava se aproximando. O motorista nem olhou para mim. Coloquei a mão de volta no bolso, e recomecei a andar.

Pensamentos obscuros enchiam minha cabeça, que a esta altura estava latejando. Mal podia acre-

ditar que no dia anterior estivera num salão de jogos quentinho na Virgínia, bebendo, jogando sinuca com alguns amigos e fazendo apostas idiotas. Quanto mais bebia, pior jogava, e acabei perdendo todo o meu dinheiro. Queria bater em mim mesmo. "Por que não guardei dinheiro pelo menos para comer? Que imbecil eu era!" Eu ousaria falar com Deus? Não tinha muita prática em orações, mas sabia que Deus podia ler a mente das pessoas, então orei silenciosamente.

"Deus, sei que tenho sido o pior entre os piores. Perdoe-me por todas as pessoas que eu magoei, e, por favor, mande uma carona, alguma coisa para eu comer e algum dinheiro. E quando fizer isso, por favor me manda uma carona direto até a Califórnia... com alguém normal."

A primeira vez que peguei carona tinha apenas cinco anos. Desde então, passara por várias experiências muito loucas. Um homem que estava fumando maconha saiu da estrada pelo lado errado e entrou na cidade na contramão, numa rua cheia de carros. Outra vez, um casal estava bêbado, e o carro ia "costurando" de um lado para o outro da estrada, até que eu finalmente disse: "Vou ficar por aqui mesmo", embora não fosse bem ali que eu quisesse ficar. Só queria sobreviver! Outra vez um homem e sua namorada que haviam estado bebendo me deram carona. Ele achou que iria me impressionar desligando os faróis e demonstrando como conseguia dirigir no escuro. Às vezes homossexuais me davam carona e tentavam pedir algo em troca pelo favor que estavam me fazendo. Em outra ocasião ainda, descobri que estava pegando carona com um criminoso, embora não soubesse a princípio. Porém, a polícia nos parou, algemou o cara, e o levou embora, deixando-me sozinho no carro, sem as

chaves. Por isso, pensei enquanto pedia favores a Deus, que seria melhor Lhe pedir uma carona com alguém normal. Mal havia acabado minha pequena oração quando um furgão branco diminuiu a velocidade e parou.

– Para onde está indo? – perguntou o motorista de voz alegre.

– Califórnia – respondi.

– Louvado seja Deus! É para lá que estou indo. Pode entrar – convidou.

"Ah, não, um desses crentes fanáticos!" pensei comigo mesmo, mas entrei no furgão agradecido pelo convite, e em seguida estávamos a caminho. Fiquei tão feliz de conseguir uma carona que me esqueci totalmente da oração que havia feito, e só me lembrei dela mais tarde.

Depois de alguns comentários sobre o tempo frio, meu benfeitor olhou para mim e disse:

– Garanto que esteve visitando alguém durante o Natal, e agora está voltando para casa.

– Não, na verdade morava na Flórida, mas agora estou indo morar na Califórnia – disse evasivamente. – E você? – não queria discutir meus planos com um estranho, e mudei de assunto.

– Bem, vou encontrar um amigo na Califórnia. Diga-me uma coisa – ele tirou os olhos da estrada e olhou bem para mim – você é cristão?

A pergunta dele me assustou. Eu me achava muito religioso. Era capaz de falar sobre Deus, meditação, reencarnação, ciência espiritual e o movimento da Nova Era. Sabia conversar sobre a transmigração do corpo, sobre o ato de caminhar pelas paredes. Havia estudado muitas religiões orientais. Mas quando ele me perguntou se era cristão, eu não sabia a resposta. Será que estava perguntando se eu acreditava na Bíblia ou se acreditava em amar aos

outros? Quase todas as religiões ensinam que devemos amar aos outros.

Ao perceber como eu estava desconcertado, ele expandiu um pouco mais a pergunta.

– Você acredita em Jesus Cristo?

Outra vez não sabia como responder. Não sabia se a história de Jesus era uma fábula, uma fraude, um conto de fadas ou se Ele era apenas um bondoso professor. Logo começamos a discutir sobre Jesus, a Bíblia e religião. Pareceu-me que ele foi pregando o tempo todo, até chegarmos na Califórnia. Na altura de Colorado, havia gelo nas estradas. Os carros deslizavam para fora da estrada ao nosso redor, mas eu percebia que ele não estava com medo como eu. Ele apenas orou em voz alta enquanto dirigia. O carro deslizou algumas vezes, mas em nenhum momento saímos da estrada. Fiquei muito impressionado!

Ele pagou todas as refeições e os quartos de hotel no caminho. Mais tarde pegou outro "caroneiro". Esse jovem era cristão. Senti-me meio isolado ouvindo os dois conversarem. Ele deu trezentos dólares a esse jovem quando chegou ao lugar para onde ia.

Quando chegamos perto da Califórnia ele perguntou:

– Para que lugar da Califórnia você quer ir?

Embora não tivesse gostado dos seus sermões, senti muito carinho por aquele homem que havia sido tão amigo; acho que eu o assustei quando respondi:

– Vou para umas montanhas perto de Palm Springs. Vou morar numa caverna nas montanhas de San Jacinto.

Embora meus olhos estivessem fixos na estrada à frente, percebi que ele levantou as sobrancelhas.

– Com quem vai morar?

– Não vou morar com ninguém; vou morar sozinho – respondi desafiadoramente.

– Do que está falando? Você não tem mais do que dezessete anos – sua voz demonstrou mais uma curiosidade do que uma crítica.

– Tenho dezesseis anos – respondi. – Faz anos que vivo sozinho, e vou ficar numa boa.

Ele me levou até a boca do *canyon* e me deu quarenta dólares. Quando ele se afastou, eu finalmente percebi o que acontecera. Inacreditável! Deus me dera as quatro coisas que eu pedira naquele dia em Oklahoma: uma carona até a Califórnia, comida e dinheiro – bem, quase tudo. Não tinha certeza se o cara era normal!

CAPÍTULO 9

Os Árabes Estão Chegando!

Antes de subir até a caverna, parei num supermercado e comprei algumas coisas com parte dos quarenta dólares que meu bondoso amigo havia me dado. Mas eu não entendia muito sobre refeições numa caverna. Comprei várias latas de comida e um pouco de carne – coisas que pesam na hora de carregar. Depois de colocar minhas compras na mochila, eu a coloquei nas costas, achei a trilha que levava à caverna, e deixei a cidade para trás.

Lembrando-me de quão íngreme havia achado a trilha no ano anterior, caminhei bem devagar. Embora fosse janeiro (inverno nos Estados Unidos), o sol do deserto estava quente, e não demorou muito para que eu parasse. Coloquei a mochila no chão, tirei minha jaqueta e a coloquei na mochila. Depois de um rápido descanso, coloquei minha carga nos ombros outra vez, e retomei a caminhada. Estava determinado a estabelecer a maior distância possível entre mim e as pessoas. Iria caminhar até o terceiro vale.

Lembrei-me de ter tentado acompanhar o ritmo

de Jim e Sunny. Aquilo havia sido brincadeira de criança, comparado com a atual situação. Embora tivesse tirado a jaqueta, estava suando como se estivesse numa sauna. Meu corpo doía, e estava ofegante. O peso da carga fez com que as alças da mochila impedissem a livre circulação do sangue, e minha cabeça começou a doer. Senti-me como uma pequenina formiga movendo-se penosamente pelas pedras. Às vezes pegava o caminho errado, e andava uma longa distância antes de descobrir meu erro. Só havia feito a viagem uma vez, e quase um ano antes.

Lentamente passou-se a primeira hora, e depois a segunda. Comecei a me perguntar se as pessoas morriam de cansaço. Finalmente fiquei de pé no topo de um grande espinhaço. Olhando para um lado do cume podia ver Palm Springs 1.200 metros abaixo; olhando para o outro lado, via o terceiro vale 450 metros abaixo. Enquanto observava o terceiro vale, uma enorme rocha captou minha atenção. Aninhada entre as árvores, estava quase sozinha exceto por uma rocha menor que ficava mais atrás. Mais adiante, a montanha levantava-se como uma parede. De onde eu estava, parecia que um riacho corria ao lado desse grande penedo. Decidi verificar. Com energia renovada, recomecei a andar pela trilha a passos largos, em direção ao vale.

Ao chegar à base do vale vi que a enorme rocha estava à minha esquerda, e caminhei naquela direção durante uns dez minutos. Usando os pés e as mãos, escalei sobre um grande tronco que ficava entre algumas pedras, e finalmente a vi a poucos metros de distância. A visão que tive me tirou o fôlego. Bem na base do penedo havia uma caverna que se abria como uma concha invertida. A entrada era um arco não muito alto de cerca de nove

metros de largura, e a luz do sol banhava o interior da caverna. O riacho vinha desde o *canyon*, correndo pelo lado direito do penedo, fluindo sobre pedras lisas, e finalmente caindo numa lagoa verde-esmeralda de nove metros de largura, e três metros de profundidade. Havia inúmeros sicômoros e loureiros por ali. Do lado esquerdo, uma área coberta de relva estendia-se até um bosque fechado. Caminhei lentamente até a caverna. Meus olhos sorviam a beleza do lugar.

Coloquei minha mochila no chão e entrei com cautela. Não havia quaisquer sinais de que o lugar houvesse sido habitado recentemente, porém, percebi pelo teto escurecido que outros haviam estado ali antes de mim. A rocha projetava-se contra uma parede, formando uma estante, e nesta estante havia um livro preto coberto com uma grossa camada de poeira. Eu o peguei e limpei a poeira. *Bíblia Sagrada*, era o que estava escrito na capa. Nem abri o livro; apenas coloquei-o de volta onde estava. "Havia outra pessoa procurando por Deus", disse a mim mesmo. "Provavelmente não O encontrou na Bíblia, caso contrário não a teria deixado aqui."

Do lado esquerdo, atrás de uma pedra, encontrei outra saída, mas esta era bem baixa. De joelhos, arrastei-me e encontrei um outro compartimento de teto baixo. A entrada deixava passar um pouco de luz, mas ele era bem aconchegante, como uma toca de urso. "Que ótimo lugar para dormir!" pensei.

Mal podia esperar para começar a arrumar minha nova casa. Queria declarar aquele paraíso como minha propriedade! Saí de novo, peguei minha mochila e a levei para o primeiro compartimento. Tirei minhas latas de comida e as coloquei numa saliência da pedra. Na mesma saliência, coloquei uma toalha dobrada com capricho e um sa-

bonete. Depois peguei meu saco de dormir e minhas roupas, e os levei para o "quarto". Dobrei minhas roupas e as coloquei numa pilha ao lado da parede; abri o saco de dormir e o estiquei no chão. O quarto e a cozinha estavam prontos, então tirei minha rede da mochila e a amarrei em dois sicômoros que ficavam além da lagoa.

As sombras começavam a cair sobre o vale entre as majestosas paredes do desfiladeiro. A lembrança de que passaria a noite sozinho naquele lugar desolado me deixou um pouco nervoso. E se onças e coiotes viessem à lagoa para beber água à noite! Era melhor fazer uma fogueira. Animais selvagens tinham medo de fogo – pelo menos era o que eu pensava. Encontrei várias pedras arredondadas e as arranjei formando um círculo no meio da caverna; depois saí para procurar madeira. Não parei até ter muitos gravetos e galhos empilhados ao lado do local onde faria minha fogueira. Dei uma boa olhada no meu novo lar. "Agora estou pronto!" disse a mim mesmo. O lugar parecia tão arrumado quanto meu quarto quando esperava o momento de inspeção na academia militar!

Nas semanas que se seguiram, estive mais ocupado do que poderia imaginar. Cozinhar e limpar eram coisas que tomavam a maior parte do meu tempo todas as manhãs. Um velho em Palm Springs havia me mostrado como fazer um fogão usando um recipiente grande com uma tampa. Começava todos os dias fazendo pão de banana para o café da manhã. Tinha que lavar a louça, e esconder a comida para que os pequenos animais não a encontrassem. Fiz um tipo de esfregão com uma bola de grama que crescia ao lado do riacho. Era tão boa quanto os que se compravam em lojas. Também tornei a lagoa ao lado da caverna sessenta centímetros mais profun-

da, represando-a no lugar onde a água saía. Todos os dias havia algum trabalho a fazer.

Fiz uma cadeira de troncos e pedras, uma cadeira de verdade mesmo: com descansos para os braços e encosto, depois a cobri com cobertores. Podia passar horas sentado com muito conforto.

No verão eu tirava a roupa e andava nu. A princípio meus pés descalços eram sensíveis, e as pedras pontiagudas espalhadas pelo chão os machucavam, então eu arranquei todas as pedras dali. Depois carreguei vários baldes de areia que havia ao redor da lagoa e a joguei no chão, fazendo um chão mais macio, mais agradável para meus pés.

Fiz também uma armadilha para animais. Peguei um esquilo, que cozinhei e comi, e usei a pele para fazer uma algibeira. Também matei uma grande cascavel, que tentei comer, mas quase só haviam ossos, então comi apenas um pouco, mas usei a pele para fazer uma bainha para minha faca.

Tinha poucas maneiras de ganhar dinheiro para suprir minhas necessidades, mas um projeto que me deu um pouco de dinheiro foi a fabricação de cachimbos que eu vendia para uma "oficina" em Palm Springs. Ali se vendia cachimbos para fumar maconha e outras parafernálias utilizadas pelos usuários da droga.

No início eu precisava caminhar até a cidade duas vezes por semana para fazer compras, mas meus hábitos de compras mudaram à medida que me adaptei ao novo estilo de vida, indo à cidade apenas uma vez por semana. Aprendi a comprar comidas não perecíveis como arroz, macarrão, feijão e farinha.

Cozinhar arroz e macarrão não era problema algum. Sempre ficavam macios após quinze ou vinte minutos de cozimento. Mas que trabalho me deu o

feijão! A primeira vez tentei cozinhá-lo durante quinze minutos, mas continuava duro como pedra. Comi assim mesmo, mas passei mal. Na vez seguinte, dobrei o tempo de cozimento: trinta minutos, mas isso não resolveu o problema. Aliás, depois de uma hora de cozimento, ainda estava crocante, e eu comecei a me perguntar se havia algo errado com aquele feijão. Quando contei a um amigo meu problema, ele riu e disse: "Você precisa cozinhar o feijão o dia inteiro nesta temperatura."

Até então o principal objetivo da minha vida havia sido "viajar" com as drogas, e descobrir cada vez mais formas diferentes de fazer isso, mas agora queria começar minha busca por Deus. Um dia li um livro sobre índios que encontravam a Deus através de plantas alucinógenas, e eu mal podia esperar para fazer o mesmo. Uma planta mencionada no livro, chamada figueira-brava, crescia a poucos metros da minha caverna. Peguei algumas folhas e as coloquei para secar, depois fiz um cigarro, mas todos os meus esforços só resultaram num sentimento de boca seca. Tentei fazer um chá com as folhas, mas, novamente, fiquei um pouco desidratado, e foi só.

Um dia, quando fui até a cidade fazer compras, cruzei com um amigo *hippie* chamado Brad. Depois de jogar conversa fora, tirei uma folha do bolso e mostrei para ele.

– Você sabe o que é isso? – perguntei.

Ele a pegou, esmagou-a entre os dedos e cheirou.

– Claro! – respondeu. – É figueira-brava. Os índios fazem altas viagens com isso; parece que faz parte da religião deles, ou algo parecido. Essa folha é poderosa!

– Não é não – retruquei. – Já experimentei. Fumei as folhas e fiz chá, mas não aconteceu nada. Não funciona.

Brad riu.

– Você não sabe usar, cara. Vou até sua caverna qualquer hora dessas para lhe mostrar como se faz.

Ele havia estado na caverna várias vezes nos fins de semana, e sabia onde eu morava.

Alguns dias mais tarde, Brad, seu irmão, Steve, e um outro jovem chamado Mark apareceram na caverna.

– Você está preparado para viajar? – perguntou ele depois de apresentar seus acompanhantes.

– Claro que sim – respondi. Brad havia levado um pouco da erva, e me mostrou como fazer um chá bem forte com as raízes. Ele serviu uma xícara para cada um, mas Steve não aceitou.

– É melhor eu só olhar – disse.

Sentamo-nos no chão da caverna e começamos a beber.

– Eca! Que coisa amarga! – reclamei.

– Isso é bom! – riu Brad. – Significa que a viagem vai ser boa.

Esperamos um pouco, mas nada aconteceu.

– Não falei? Eu lhe disse que isso não funciona.

– Vai funcionar. Você só precisa esperar – Brad assegurou.

– Vamos tomar sol ao lado da lagoa – sugeri. Todos gostaram da idéia, e logo estávamos estirados ao sol. Mas poucos minutos depois comecei a me sentir estranho.

– Vou para a cama – disse.

Notei que meu cadarço estava desamarrado e tentei amarrá-lo, mas não conseguia fazer com que meus dedos se mexessem. Desisti e cambaleei até a caverna, vomitei e desmaiei no chão.

Quando acordei já estava escuro. Acendi uma vela. Primeiro notei uma máquina de Coca-Cola na minha caverna. "Que bom!" pensei. "Minha

boca está seca, e preciso beber alguma coisa." Mas fui interrompido por uma voz.

– Onde você vai, Doug? Venha aqui, venha aqui.

Virei-me e vi minha avó de pé, ao lado de um furgão cinza.

– Entre no furgão, entre no furgão! – ela ordenou numa voz estridente. Tentei abrir a porta do furgão, mas ele virou uma pedra. A próxima coisa de que me lembro, foi de estar fora da caverna, na montanha, cercado de pigmeus que corriam atrás de mim com arcos e flechas. Escalei a montanha o mais rápido possível.

– Socorro! Socorro! – gritei enquanto lutava para chegar até meus amigos na caverna. – Ajudem-me! Eles vão me matar!

Quando finalmente cheguei de volta à caverna, encontrei meus amigos mortos, boiando na lagoa. (Na verdade eles estavam a quilômetros de distância, em Palm Springs.)

O sol havia se posto, mas a lua havia nascido, e eu podia ver sombras de pessoas agachadas, prontas para pular sobre mim. Gritei e chutei na direção delas, e comecei a descer a montanha. (As pessoas na realidade eram cactos; você pode imaginar como descobri isto!) Mas em vez de ficar na trilha, cortei caminho, tomando a rota mais direta até Palm Springs. Como não me matei é algo que não consigo explicar, exceto que Deus estava me protegendo mesmo naquela época. O caminho que escolhi era tão íngreme e eu tinha tanta adrenalina bombeando em minhas veias que corria a passos de gigante. Parecia-me que a cada passada que eu dava percorria uns nove metros, embora até o dia de hoje não tenho certeza se isto foi real ou não.

Olhei para trás e vi tanques descendo a montanha na minha direção. Atrás deles vi uma porção

de árabes carregando rifles. Tudo parecia tão real. Nunca experimentei tanto medo em minha vida.

Já passava das duas da manhã quando cheguei ao pé das montanhas, perto de Palm Springs. A distância podia ver a luz acesa de um bar, e corri até lá. Estava fechado, mas eu ouvi vozes lá dentro.

– Deixem-me entrar! Deixem-me entrar! – gritei batendo na porta com o punho. – Estão atrás de mim! Vão me matar!

A porta abriu-se e dois homens negros, de olhos arregalados, puxaram-me para dentro e trancaram a porta.

– Não vejo ninguém – disse um deles. – Quem vai matar você?

– Onde está o telefone? Preciso chamar a polícia! – disse ofegante, ignorando a pergunta do homem. Ambos apontaram para um telefone público numa das extremidades do bar. Disquei o número da polícia, e uma voz respondeu imediatamente.

– Meu nome é Doug Batchelor! – gritei no telefone. – Moro numa caverna no alto das montanhas e os árabes estão atrás de mim. Eles já mataram meus amigos.

A voz do outro lado ficou em silêncio durante um segundo.

– Onde você está? – perguntou afinal.

– Estou num bar. Espere! Vou descobrir – disse, e virei-me para os dois homens, que estavam ao meu lado, observando com uma expressão preocupada. – Onde estamos? – perguntei.

Eles repetiram o endereço em uníssono, e eu o retransmiti ao homem do outro lado da linha.

– Vamos aí imediatamente – ele disse.

Cerca de dois minutos depois um carro de polícia freou em frente ao bar, cantando os pneus, e dois policiais saíram e entraram no bar rapidamente.

Fui até eles com os olhos esbugalhados. Um chegou bem perto de mim, cheirou meu hálito, e acendeu uma lanterna nos meus olhos.

– Não é maconha nem álcool – disse ao outro policial. – Venha até a delegacia de polícia – ele me disse, e abriu a porta para mim. Ele sentou no banco de trás, e o outro sentou-se atrás da direção.

Na delegacia, me levaram por uma porta lateral. Outra vez verificaram meu hálito em busca de qualquer odor de drogas e me revistaram, mas não encontraram qualquer coisa que pudesse indicar drogas. Exceto pelo fato de estar apavorado, eu parecia estar normal. Eles conversaram em voz baixa, mas com os ouvidos aguçados pelos hábitos da montanha, ouvi cada palavra.

– O que você acha? – disse um deles num tom de voz preocupado. – Você acha que isso tem alguma coisa a ver com o boicote ao petróleo?

– Pode ser – respondeu o outro policial. O sargento abriu outra porta e chamou um terceiro oficial. – É melhor vir até aqui e anotar isso.

O policial entrou e colocou uma folha de papel na máquina de escrever, que não parou de bater enquanto nós conversávamos. Nunca vira alguém datilografar tão rápido. Para ele não era difícil acompanhar o ritmo de nossa conversa. O sargento virou-se para mim.

– Conte-nos exatamente o que aconteceu.

Decidi deixar de fora a parte sobre os pigmeus que estavam me perseguindo com arcos e flechas. Aparentemente aquilo não se encaixava na história.

– Estava em minha caverna – comecei. – Ouvi tiros. Fui até o lado de fora e vi um monte de gente correndo atrás de mim.

– Você viu a aparência deles? – perguntou o sargento.

– Não muito bem.

– Você disse que eram árabes? Como eram eles? – perguntou.

– A lua estava brilhando e eu pude ver seus turbantes e túnicas. Eram árabes com certeza.

O outro policial interrompeu, sussurrando rapidamente, mas pude ouvi-lo claramente.

– Os árabes estão muito irritados com o boicote ao petróleo. Devem estar planejando atacar Palm Springs!

Os três homens pareciam preocupados. O Presidente tinha uma casa ali, e muitas pessoas ricas e famosas viviam em Palm Springs, portanto, eles levavam qualquer relatório muito a sério.

– Você disse que eles mataram seus amigos. Eles estavam atirando em você? – perguntou.

– E como. Havia pessoas em toda a minha volta. Estavam atirando em mim, e eu estava correndo montanha abaixo – mostrei-lhes minhas botas cobertas de cactos. – Então umas rochas enormes viraram tanques e desceram pela montanha em direção a Palm Springs.

A datilografia cessou, e os homens entreolharam-se encabulados. Finalmente, um deles disse:

– Você deve estar usando alguma droga; não sabemos exatamente o que, mas você é menor de idade e vamos ter que prendê-lo durante alguns dias.

Dizendo isso, ele caminhou até o telefone e chamou alguém do departamento de criminalidade juvenil para vir me buscar.

CAPÍTULO 10

Novo México: Ida e Volta

Passei dois dias na cadeia de Palm Springs comendo apenas sonhos e tomando café até que alguém finalmente chegou para me transportar até o Riverside County Youth Center (um nome bonito para uma prisão juvenil). Levou dois dias para que eu parasse de "ver coisas" e me dar conta de que estivera apenas numa péssima "viagem".

Não conseguia imaginar o que fariam comigo na detenção juvenil. Pensei na trapalhada que havia feito ao deixar meu pai na Flórida sem dizer nada. Não podia culpá-lo se ele nunca mais quisesse me ver. Mal sabia eu que enquanto estava sentado na cadeia, ele estava trabalhando em meu favor, tentando encontrar uma solução para esse problema. Voltar a morar com minha mãe estava fora de cogitação. A única solução na qual conseguia pensar era fugir e voltar para a minha caverna.

Em Riverside, meu companheiro de cela (que também se chamava Doug) e eu começamos a traçar um plano. Conseguimos alguns fósforos por "debaixo dos panos", e derretemos o plástico que existia ao redor dos ferrolhos que prendiam o vidro

de segurança na janela. Enquanto isso, o outro ficava vigiando se algum guarda se aproximava. Olhamo-nos exultantes, porém silenciosos, quando, depois de seis caixas de fósforos, o último ferrolho cedeu. Removi a vidraça com cuidado e olhei para fora. Não havia ninguém à vista, mas podia ouvir vozes vindo pelo corredor, portanto, rapidamente coloquei-a de volta no lugar. Verificamos nosso trabalho com satisfação. As marcas e manchas deixadas pelo fogo eram quase invisíveis, e ninguém suspeitaria de que aquela janela não oferecia mais qualquer resistência. Decidimos esperar pela hora certa de fugir.

Entretanto, antes que tivéssemos chance de levar a cabo o restante do plano, um oficial veio e abriu a porta.

– Doug Batchelor!

– Sim – respondi.

– Venha comigo – ordenou ele. – Estamos soltando você para ficar sob a custódia de seu tio, Harry Batchelor, no Novo México.

Mal podia crer no que meus ouvidos escutavam. Tio Harry administrava um posto de trocas numa reserva de índios Navajos. Ele e tia Nita eram as duas pessoas mais bondosas que eu conhecia. Ele amava os índios Navajos e não os explorava como alguns dos que trabalhavam em postos de troca, e ele os ajudava de todas as formas possíveis. Não se declarava cristão, mas, de várias maneiras, vivia como um cristão.

– Seu tio vai pegá-lo no aeroporto – disse o oficial.

Senti-me aliviado: "O tio Harry não vai se arrepender", decidi. "Vou ser o melhor ajudante que ele já teve."

E realmente ajudei no início. Tio Harry e tia Nita me trataram como se fosse seu próprio filho.

Meu primo Donnie tinha mais ou menos a minha idade, e nós nos demos muito bem. Podia sentir o amor da família toda, e sua preocupação genuína com meu bem-estar. Pela primeira vez, desde a escola militar, sentia-me bem comigo mesmo.

Meu tio tinha duas lojas, e eu trabalhava na que ficava em Kimbito, Novo México. Repunha o estoque das estantes, varria o chão e mantinha o lugar arrumado. "Pegue o que quiser, Doug", meu tio dizia. Ele não ligava que eu pegasse cigarros. Ele também fumava, e não fazia objeção ao meu hábito de fumar. Quando ficava com fome, pegava um sanduíche, e quando Donnie e eu saíamos para praticar tiro ao alvo, eu pegava munição.

Gostava dos índios Navajos, principalmente das garotas. Poucos jovens entre eles mostravam qualquer interesse pela escola, ou por sair da reserva, mas havia exceções. Um dia, um bonito jovem de dezoito anos entrou na loja. Pude ver pelo brilho de seus olhos, e pela conversa inteligente, que ele não era um jovem comum.

– Nunca o vi antes – disse-lhe enquanto o atendia. – De onde é você? Como se chama?

– Meu nome é Ken Platero. Moro na reserva, mas estudo numa faculdade em Washington – ele abriu um sorriso tímido. – Estou de férias – explicou.

Fiquei impressionado.

– Cara, você deve ser muito inteligente! – disse. – Seu pai é rico?

– Não, eu tenho uma bolsa de estudos – respondeu enquanto pegava seu pacote.

– Por que você não aparece algum dia depois do expediente, e podemos andar de moto – convidei. Ele sentiu-se atraído pelo meu jeito extrovertido, e eu gostei de sua inteligência e beleza.

Não tinha consciência de que o alcoolismo é um

problema terrível entre os índios. Devido a algum fator ligado à sua compleição física, eles tornam-se alcoólatras com mais facilidade do que a maioria das pessoas. Meu tio me contou que durante todos os anos em que estivera na reserva, nunca havia conhecido um índio que pudesse tomar um trago, fechar a garrafa e guardá-la. "Eles bebem até ficar sem dinheiro, ou sem bebida, ou até caírem de bêbados", ele dissera.

Alguns dias depois de conhecer Ken, saímos para passear de motocicleta. Ignorando a sabedoria do meu tio, fiz uma sugestão tola, da qual me arrependo até hoje.

– Vamos até o bar comprar umas cervejas – disse. Queria beber, e não pensei nas conseqüências.

A expressão no rosto de Ken transformou-se. Ele baixou os olhos como se tivesse vergonha, mas disse:

– Não, Doug. Beber não é uma boa. Não quero nada com a bebida.

Infelizmente eu persisti.

– Ah, Ken, sem essa. Uma cerveja não vai fazer mal. Além disso, não tenho idade para comprar bebida – não tinha nem dezessete anos ainda.

Percebi a luta. Seu bom senso dizia "Não", mas seu sentimento de cortesia, e a vontade de agradar diziam "Sim". Finalmente ele consentiu. Eu lhe dei algum dinheiro. Montamos em nossas motos e fomos até o bar. Ele entrou e voltou minutos depois com seis latas de cerveja. Fomos até o campo e bebemos as cervejas juntos.

Um ou dois dias mais tarde, fizemos a mesma coisa, só que desta vez não tive que insistir tanto. Antes da semana acabar, não apenas tínhamos ido ao bar várias vezes, mas eu o havia ensinado a fazer sua própria cerveja usando água, lêvedo e melaço. Pobre Ken! Nunca mais voltou para a faculdade.

Comecei a passar cada vez menos tempo trabalhando na loja, e mais tempo andando de moto, bebendo, correndo atrás de garotas, e me metendo em encrencas. À medida que me descontrolava, minha infelicidade aumentava.

Finalmente, tio Harry me chamou para ter uma conversa.

– Doug – disse com ar sério – se você quiser fazer parte desta família, vai ter que se comportar. Do contrário, terá que ir embora.

Nunca havia visto meu tio tão triste, e senti-me muito mal. Alguns dias depois, vendi meu relógio por vinte dólares, comprei uma nova mochila e peguei carona de volta à minha caverna na Califórnia. Havia estragado tudo outra vez!

Parei em Palm Springs e comprei algumas coisas antes de ir para a caverna. Havia acabado de sair do mercado quando ouvi alguém me chamar pelo nome.

– Ei, Doug!

Virei-me e vi Jim olhando para mim fixamente. Era o mesmo Jim que havia me mostrado sua caverna no Tahquitz Canyon quando eu tinha quinze anos.

– É você mesmo, Batchelor? – ele balançou a cabeça sem acreditar.

– É, sou eu mesmo – assegurei-lhe. – Acabei de chegar de uma reserva indígena no Novo México.

Aparentemente Jim havia ouvido falar do que me acontecera através dos amigos que haviam me introduzido à figueira-brava.

– Pensávamos que você estivesse morto – disse com um sorriso forçado. – Não o vimos mais depois daquela festa da figueira-brava na sua caverna. Procuramos seu corpo durante vários dias, e finalmente desistimos. Estou contente de que ainda esteja vivo.

– Obrigado – murmurei. A história toda voltou à minha mente rapidamente, e senti-me envergo-

nhado por ter feito um papel tão ridículo. – E os outros, como se saíram? – perguntei com alguma preocupação.

– Não muito bem – disse Jim. – Mark andou sobre brasas quentes, e teve queimaduras tão graves no pé, que foi parar no hospital. – Ele parecia relutar em continuar.

– E o Brad? O que aconteceu com ele? – insisti.

Jim balançou a cabeça. Após uma longa pausa disse:

– Ninguém sabe. Steve me contou que depois que vocês desmaiaram ele se esticou no chão da caverna para dormir. Quando ele acordou na manhã seguinte, não havia ninguém lá. Brad pode estar em algum lugar na base do desfiladeiro.

Não admira que eles pensassem que eu também estivesse morto! Pensei com tristeza no meu vôo selvagem montanha abaixo naquela noite, e me perguntei outra vez como havia saído vivo dali.

Enquanto subia a trilha de volta à minha caverna naquele dia, pensei seriamente. Não importava quanto eu tentasse racionalizar meus sentimentos, não podia escapar da convicção de que não apenas machucava a mim mesmo quando fazia coisas erradas, mas acabava machucando os outros ao meu redor. Será que minha tolice havia custado a vida de Brad? Durante a subida até minha caverna, a culpa que eu sentia pesava mais que minha mochila.

Finalmente cheguei ao terceiro vale. Deixando a trilha, virei-me em direção à caverna, e levei o maior susto. Um jovem vinha caminhando na direção contrária e quase bati de frente com ele. Momentaneamente assustados, ambos paramos e olhamos um para o outro.

– Oi – disse finalmente – meu nome é Doug.

– Meu nome é Glen – ele respondeu. Cumprimentamo-nos.

– O que está fazendo aqui? – perguntei.

– Moro aqui.

– Onde?

– Em minha caverna – respondeu timidamente. Ele apontou o dedão por cima dos ombros, indicando algum lugar atrás dele.

– Você conhece Jim e Sunny? – perguntei de novo.

– Conheço.

Pensei comigo mesmo: "Qual é o problema desse cara? Ele não sabe falar?"

Àquela altura ficou óbvio que ele estava gostando desse joguinho de poucas palavras, então eu sorri.

– Bem, eu voltei para morar aqui. Minha caverna é aquela grande ali, embaixo do penedo – apontei para a enorme e protuberante pedra que ficava logo adiante.

Estudei-o com atenção enquanto falava com ele. Era um homem pequeno, medindo cerca de 1,67m, com barba desgrenhada e olhos castanhos penetrantes. Embora parecesse ter uns vinte e cinco anos, o cabelo castanho claro estava rareando no topo da cabeça, com entradas acentuadas. Sua pele era escura de tanta exposição ao sol. Algo naquela figura me intrigava. Sua relutância em falar me deu a impressão de que guardava algum segredo, e eu tentei imaginar o que seria. Mais tarde descobri que seus pais haviam sido médicos missionários na Índia. As pessoas e as escolas na Índia eram tão diferentes, que quando a família mudara de volta para os Estados Unidos, foi necessário muita adaptação. Ele não se sentia bem perto dos adolescentes americanos. A despeito de um grande intelecto e de seus muitos talentos, ele nunca havia se casado. Agora parecia estar fugindo da vida.

Nós dois seríamos os únicos ocupantes daquele vale durante os próximos meses. Ele gostava da minha maneira falante, e eu estava curioso com seu silêncio misterioso. Entretanto, naquele momento, apenas nos despedimos com a promessa de visitar um ao outro em breve.

Quando cheguei de volta à minha caverna, não fiquei surpreso ao descobrir que minhas coisas haviam desaparecido. Afinal, havia estado no Novo México durante três meses, e meus amigos pensavam que eu estava morto. O que me surpreendeu foi que a Bíblia ainda estava no mesmo lugar onde eu a havia deixado. Uma voz disse: "Pegue-a e leia, Doug."

Mas eu abafei aquela voz e decidi ler mais tarde. Primeiro, precisava arrumar o lugar de novo.

Enquanto arrumava minhas compras, cantarolava. A música da água parecia o som de crianças felizes conversando. O sol brilhava no céu, uma brisa sussurrava entre os sicômoros, e um pintarroxo cantava alegremente do lado de fora. Estava em casa!

Uma tarde estava sentado em minha caverna, enrolando um cigarro, quando ouvi um débil "miau". Fiquei imóvel e apurei o ouvido.

"Miau."

Certamente era um gato. Havia linces e pumas por ali, mas esse era um gato – gato mesmo. Como um gatinho chegaria àquelas montanhas desérticas? Foi então que o vi. Pulando sobre as pedras que cruzavam o riacho, estava um lindo gato preto e branco, com pêlos longos, como os de um gato persa.

– De onde você veio? – perguntei.

Nunca descobri a resposta a esta pergunta, mas durante o próximo ano e meio, "Stranger" fez de minha caverna o seu lar. Ele era um valente caçador, e supria boa parte de suas necessidades de alimento caçando esquilos, passarinhos, e, é claro, ratos. Ne-

nhuma destas criaturas sobrevivia muito tempo em minha caverna depois que Stranger chegou.

Às vezes, à noite, quando havia terminado de caçar, ele ia até o meu quarto e empurrava meu nariz gentilmente com a pata, até que eu levantasse o cobertor. Então ele rastejava até meus pés, se enrolava todo e ronronava. Confesso que era uma sensação muito agradável, mas, certa vez, quando ele perdeu uma briga com um gambá, eu tive que mantê-lo afastado da cama durante uma semana.

Passei muitas horas felizes explorando o desfiladeiro e os arredores da minha caverna até que cheguei a conhecer aquela região como a palma da minha mão. Na primavera até o outono, muitos montanhistas vinham caminhar por ali nos fins de semana, e freqüentemente paravam para pedir informações ou sentar e conversar um pouco.

Um dia, Glen e eu estávamos caminhando até a cidade, quando de repente ouvimos um gemido. Olhamos para além da saliência de uma rocha e vimos um jovem sentado na beira de uma pedra, gemendo e tremendo. Sangue jorrava de um corte em sua cabeça, e escorria por um lado de seu rosto. Suas roupas estavam rasgadas, e o corpo coberto de arranhões, feridas e sangue seco. Corremos até ele.

– O que aconteceu? – perguntei ofegante. Ele continuou a gemer e balançar-se para frente e para trás, mas não respondeu. Aparentemente ele estava em estado de choque, e nem percebia nossa presença.

Glen olhou para cima.

– Parece que ele caiu dali – ele apontou para um local cerca de 30 metros acima. – Não sei como ainda pode estar vivo depois dessa queda.

– É melhor procurarmos ajuda – sugeri. Inclinei-me e coloquei o rosto perto do ouvido do homem:

– Vamos voltar logo, cara. Agüente firme.

Glen e eu corremos trilha abaixo em direção a Palm Springs, e tenho certeza de que quebramos o recorde de velocidade para descer aquela montanha.

Do telefone público de um supermercado telefonamos para o departamento de Busca e Resgate.

– É uma emergência ! – disse com a respiração entrecortada – há um homem muito machucado no Tahquitz Canyon. Ele caiu da trilha e está gravemente ferido!

Após trocarmos algumas perguntas e respostas apressadas, me disseram que iriam mandar uma equipe de dois homens num helicóptero, imediatamente. Corremos de volta à trilha, para ficarmos com o homem ferido, e acenar para o helicóptero, para que os paramédicos soubessem aonde deveriam ir.

O helicóptero baixou o mais próximo do solo e ficou adejando no ar; dois homens pularam apressados com seus equipamentos, enquanto o piloto mantinha o motor ligado.

Glen e eu ficamos observando. Os paramédicos rapidamente mediram a pulsação do homem, aplicaram-lhe uma injeção e o colocaram numa maca. Não havia uma área plana onde o helicóptero pudesse pousar, então o piloto descansou um patim de aterrissagem na beirada de um despenhadeiro. Nós quatro carregamos o homem lentamente pela encosta rochosa da montanha até o helicóptero. O pobre rapaz gemia todas as vezes que nossos pés deslizavam. À medida que nos aproximávamos do helicóptero, fiquei preocupado com a minha própria segurança. As hélices giravam, cortando o ar acima de nós, e poeira e bolas de cactos subiam em redemoinhos ao nosso redor. Se a pequena rocha onde o helicóptero estava apoiado cedesse, ele cairia sobre nós, e nos esmagaria. Porém, logo a maca foi presa, e, com o ho-

mem em segurança, o helicóptero levantou vôo e sumiu no ar em direção ao hospital.

Senti-me bem por ter ajudado num resgate. Aquele evento marcou o início de minha amizade com a equipe de Busca e Resgate de Riverside. Montanhistas perdidos e feridos eram uma coisa comum naquele terreno acidentado. Muitas vezes o helicóptero voava baixo sobre minha caverna e perguntavam, através de um auto-falante, se eu tinha visto algum montanhista. Eu, por outro lado, respondia com gestos, ou com uma toalha vermelha. Embora fosse um invasor – pois aquela era uma reserva dos índios *Agua Caliente* – ninguém me incomodava por causa de minha cooperação com a equipe de Busca e Resgate.

A maioria das pessoas que caía tinha bebido ou usado drogas. Nem todas as vítimas tinham um final feliz. Caminhando por trilhas estreitas, muitos montanhistas prestavam atenção aos seus passos, mas não à mochila que tinham nas costas. De vez em quando, uma mochila batia numa pedra que se projetava por cima da trilha, e a pancada os arremessava desfiladeiro abaixo.

Alguns montanhistas se perdiam e tentavam achar o caminho de volta seguindo um riacho, e acabavam numa armadilha letal. Uma série de três lagoas na base do terceiro vale os iludia. Para chegar à primeira lagoa, tinham que escorregar por uma parede íngreme, quase vertical. Mais adiante, chegavam à segunda lagoa, também ao final de um paredão quase vertical. Quando viam a terceira piscina, continuavam descendo. O que eles não podiam ver, era a cachoeira de 30 metros que seguia-se à terceira lagoa. Quando chegavam àquele ponto, estavam encurralados. Sem equipamento especial, não tinham como sair dali. Tentar voltar pelo

caminho que haviam descido, era o mesmo que um besouro tentando escalar o interior de um copo de vidro. Alguns morriam de frio. Outros morriam de fome ou picados por cobras, e um homem mais idoso morreu devido a um ataque do coração que teve ao cair na água fria da lagoa.

Quando ia fazer compras na cidade, ficava estarrecido quando via mendigos catando coisas nos latões de lixo atrás dos supermercados.

– O que estão fazendo? – perguntei na primeira vez que os vi.

– Estamos caçando tesouros. Os supermercados jogam fora muitas coisas boas, especialmente bananas.

"Eca!" pensei comigo mesmo. "Nunca pegaria comida de um lugar tão fedorento. Essas pessoas não têm respeito próprio."

Todas as vezes que ia à cidade, via aquelas pessoas vistoriando o lixo. Finalmente fiquei curioso o suficiente para chegar mais perto. Logo estava apontando coisas que via, e não demorou muito para que eu também estivesse procurando coisas no lixo com elas. Meus achados favoritos eram as bananas cheias de manchas marrons, que estavam maduras demais para os supermercados venderem, mas no ponto para fazer meu pão de banana. Encontrávamos muitos pães e *pizzas* atrás de uma padaria chamada Nicolino's. Em vez de vendê-los mais baratos, por serem do dia anterior, eles jogavam tudo fora, e sempre pegávamos uma boa provisão. Mais tarde, quando me tornei cristão, pensei: "O pecado é como procurar coisas no lixo! Primeiro parece odioso e nojento, mas assim que você se acostuma, parece menos ruim, e não demora muito para que você esteja enterrado nele."

Logo fiz amizade com os mendigos de Palm Springs. Nenhum deles tinha nomes normais como

Bob ou Jim. Todos tinham apelidos como Crazy Dan, *Railroad* ou Pack Rat. Um dia, um amigo chamado Rico começou a brincar comigo, dizendo:

– Você é um homem das cavernas. Não podemos mais chamá-lo de Doug. Vamos chamá-lo de Dah-dah. É isso aí. Essa é a primeira palavra dita por um homem das cavernas.

– Prefiro ser chamado só de Doug, ou até de "homem das cavernas" – respondi. – Mas não gostaria de ser chamado de Dah-dah.

Então eles passaram a me chamar de Homem das Cavernas, e ainda sou conhecido assim entre esses amigos.

Os mendigos tinham algumas atitudes cômicas. Little Richie, um jovem de um metro e meio de altura, dormia na Caixa da Boa Vontade à noite. Era uma caixa parecida com as caixas onde se colocam cartas, só que maior, e com um alçapão maior, para que as pessoas jogassem alimentos e roupas para serem doados aos pobres. Ele era pequeno o suficiente para passar pelo alçapão, e gostava de dormir ali porque as roupas que as pessoas jogavam lá dentro formavam uma cama macia e quentinha. Mas, numa manhã bem cedo, alguém resolveu doar panelas velhas. Você pode imaginar o susto de Richie quando começou a levar paneladas na cabeça. E pode imaginar o susto do doador, quando ouviu uma voz ecoando de dentro da Caixa da Boa Vontade: "Ei! Pare com isso!"

Havia também o Crazy Dan. Ele ficara louco de tanto usar LSD e discutia com os manequins das vitrines de lojas.

Quando me mudei para a caverna, tocava flauta doce, mas esse instrumento é um pouco limitado e eu comecei a desejar algo mais versátil. Quando meu irmão escreveu e perguntou o que eu queria

ganhar de aniversário, pedi uma flauta.

Algumas semanas mais tarde recebi um pacote. Abri ansiosamente, e encontrei uma linda flauta prateada da Yamaha, numa bonita maleta forrada de veludo azul. Aprender a tocá-la foi mais difícil do que havia imaginado, mas eu tinha muito tempo disponível, e posteriormente aprendi a tocar bem o suficiente para fazer com que as pessoas achassem que eu sabia o que estava fazendo. Depois disso, sempre que ia fazer compras na cidade levava minha flauta comigo. Encontrava um bom lugar em frente à livraria ou outro lugar onde houvessem outros *hippies*, sentava-me de pernas cruzadas na calçada, e tocava minha flauta. Às vezes os transeuntes paravam para ouvir, e ocasionalmente para colocar moedas no copo que eu estrategicamente colocava à minha frente. Quando achava que tinha coletado dinheiro suficiente para minhas compras, levantava-me e ia para o supermercado comprar os itens que não podia encontrar no lixo.

CAPÍTULO 11

Descobrindo a Verdade

Depois de algum tempo, a vida na caverna não era mais uma novidade, e nada de interessante estava acontecendo. Cercado pela grandeza da Natureza, meus pensamentos se volveram mais e mais para Deus. Ansiava por aquela ilusória paz interior que me havia conduzido àquele lugar no início, e passava muito tempo lendo livros de filosofia e religiões orientais. As religiões orientais me ensinaram a meditar, a olhar para dentro, porque dentro de mim encontraria Deus. Mas quanto mais olhava para dentro, mais insatisfeito ficava, pois sabia que por dentro eu era totalmente confuso.

Minha mente estava cheia de preconceito contra a religião cristã por causa do que havia aprendido com meus parentes judeus, que, é claro, não aceitavam a Jesus como o Messias. Havia aprendido que o cristianismo era a causa de todas as guerras na História européia – as cruzadas, os massacres da Idade Média, e as guerras na Irlanda entre católicos e protestantes.

No entanto, uma coisa que eu havia ouvido fa-

lar de Jesus Cristo me intrigava. Aprendi, erroneamente, que Ele pregava a reencarnação. Decidi pesquisar isto. Poderia até encontrar munição para usar contra os cristãos fanáticos que viviam discutindo religião comigo.

Um dia, peguei a Bíblia na estante de pedra e tirei o pó. A capa continha as palavras: *Holy Bible*, King James Version [A Bíblia Sagrada numa versão do Rei Tiago; no Brasil, esta versão corresponde às traduções mais antigas de João de Almeida]. Perguntei-me quem seria a virgem do Rei Tiago, pois apesar de ter terminado o primeiro ano do segundo grau, eu não sabia ler direito, e li "virgem" em vez de "versão". [Em inglês, apesar da grafia diferente, a pronúncia dessas duas palavras é bem semelhante.] Ao abrir a Bíblia, encontrei uma mensagem manuscrita na contracapa: "Nascido de novo no dia 12 de julho de 1972. Minha oração é que quem encontrar esta Bíblia a leia, e encontrará a paz e a alegria que eu encontrei." Mais abaixo, estava a assinatura do meu benfeitor.

"Bem", pensei, "estou realmente procurando paz, mas duvido de que a encontrarei aqui." Entretanto, sentei-me em minha cadeira, e comecei a ler. Toda a vez que me deparava com a palavra *brethren* [palavra pouco usada atualmente, que significa "irmãos"], achava que era a palavra *breathing* [respirar]. "Deve ser um termo espiritual", pensei. Você ficaria surpreso se soubesse quantas "respirações" encontrei no livro de Atos!

Embora tivesse dificuldades com a linguagem rebuscada da versão King James, as histórias me cativaram. Parecia que havia uma presença divina ao meu lado, me impressionando a aceitar aquilo como verdade. Gostei da história de Adão e Eva, e queria poder acreditar nela, pois me faria sentir

melhor a respeito de mim mesmo. Se Deus tivesse criado o primeiro homem e a primeira mulher, isto faria de mim um descendente e filho de Deus, não um descendente de alguma ameba ou macaco! À medida que lia mais, me descobri revivendo aqueles acontecimentos primitivos. Entristeceu-me pensar que Adão e Eva haviam desobedecido e tiveram que sair do Jardim do Éden.

A história do Dilúvio prendeu minha imaginação. Se a água havia coberto a Terra toda, não era de admirar que eu tivesse encontrado fósseis de vida marinha a 2.000 metros de altitude quando morava no Novo México. Isto também explicava por que as paredes do desfiladeiro onde eu vivia estavam cheias de sulcos arredondados, mesmo a muitos metros de altura. Uma chuva de proporções catastróficas, carregando toneladas de sedimentos enquanto a água subia e se ondulava de um lado para o outro, fazia mais sentido do que as outras coisas que meus professores me haviam ensinado na escola.

Quando a cadeira ficou muito dura, levantei-me, fui para a rede e continuei a ler. Quando meu estômago começou a roncar de fome, relutantemente coloquei a Bíblia de lado e fiz um lanche. Depois, sentei-me diante de minha "mesa" (um balde virado de cabeça para baixo), coloquei a Bíblia no joelho, e continuei a ler enquanto comia.

Jacó me fez pensar em mim mesmo. Seu truque enganoso o metera em encrencas em sua casa, forçando-o a fugir para salvar a vida. Pensei em todas as vezes em que eu havia fugido de casa. A parte onde ele finalmente volta para o pai quase me levou às lágrimas.

Li e reli os Dez Mandamentos. Pareciam um conjunto de regras tão perfeito! Notei que o quar-

to mandamento dizia que deveríamos santificar o sétimo dia, então procurei um velho calendário que tinha em meu quarto. "O sétimo dia não é o sábado?" perguntei a mim mesmo. Então li os mandamentos pela terceira vez. "Se as pessoas vivessem de acordo com essas regras, que mundo diferente seria este!" pensei.

Comecei a sentir-me entediado quando cheguei à parte final de Êxodo, com todos aqueles nomes que eu não conseguia pronunciar, e finalmente coloquei a Bíblia de lado, mas minha mente continuou a recapitular aquelas histórias, e comecei a perceber que Deus na verdade Se preocupava com os problemas humanos.

Um dia encontrei-me com um fanático na cidade, mas em vez de evitá-lo, como geralmente fazia, disse-lhe que estava lendo a Bíblia.

– Mas as histórias acabaram – eu lhe disse com tristeza. – Dessa parte em diante é só um monte de nomes e números, e parece repetir a mesma coisa. Não existem mais boas histórias?

– Claro, a Bíblia está cheia de histórias – retrucou ele. – Por que você não tenta ler o Novo Testamento? Mateus, Marcos, Lucas e João. Todos falam de Cristo.

– Não tenho certeza se acredito em Jesus Cristo – respondi devagar.

Ele não discutiu.

– A escolha é sua – disse apenas.

Decidi que tentaria ler o Novo Testamento. Mateus começou com uma genealogia, e comecei a pensar que havia cometido um erro, mas logo acabaram-se os "e gerou" e eu fiquei feliz de finalmente encontrar uma história com ótima trama. Estava na defensiva quando comecei a ler Mateus, mas em vez de descobrir um Jesus enganador e charlatão,

buscando glória para Si mesmo, encontrei uma pessoa carinhosa, poderosa, preocupada com as pessoas e cheia de perdão, que vivia ensinando o povo, curando pessoas e ressuscitando os mortos.

Senti uma presença divina me assegurando de que aquilo era verdade, mas Satanás ainda estava ao meu redor, criando dúvidas. "Você nem sabe se essa pessoa existiu. Talvez Ele seja apenas uma fantasia inventada por bons escritores!" sussurrava ele.

Bem, talvez sim, mas eu iria verificar para descobrir alguma coisa. Fui até a biblioteca pública em Palm Springs. Aprendi que Jesus não era apenas uma figura histórica; Ele era tão importante que toda a História era calculada a partir da data de Seu nascimento!

Acabei de ler Mateus e comecei a ler Marcos, que contava basicamente a mesma história, mas parecia ter mais ação. Gostei muito do livro de Lucas, especialmente da história do Filho Pródigo. Senti que eu era aquele filho rebelde que precisava voltar para o Pai celestial.

Lucas também contava a história do Bom Samaritano. Pensei em todas as pessoas que haviam passado por mim quando eu estava na pior, pegando carona. Aí veio aquele cristão, como o samaritano, e me ajudou. Comecei a ver o cristianismo sob uma nova luz, e todas as outras religiões me pareceram sem importância . Em vez de me dizer para olhar para dentro de mim em busca de força, o cristianismo me dizia para olhar para Jesus. Ele me daria o descanso e o perdão que eu estava procurando.

O livro de João, com seus profundos conceitos de Deus e Seu amor, me emocionou, e comecei a sentir que Jesus estava me atraindo.

Quando terminei os quatro evangelhos, sabia que tinha que tomar uma decisão em relação a Je-

sus. Sabia que Ele realmente havia existido, mas quem era Ele? Na minha cabeça existiam três alternativas: ou Ele era louco, ou era um mentiroso, ou realmente era o que dizia ser, o Filho de Deus.

Queria de todo o coração encontrar a verdade. Não me ocorreu que poderia orar pedindo orientação, mas tenho certeza de que Deus compreendeu o anseio do meu coração, e ajudou-me a analisar as opções.

"Será que Ele era louco?" perguntei a mim mesmo.

Pensei nas muitas vezes em que Ele havia silenciado Seus inimigos com algumas poucas palavras. Pensei no poder de Suas palavras, como o Sermão da Montanha, e como Ele lia os pensamentos e intenções das pessoas. Não, decidi, Ele não era louco. Era brilhante.

"Será que era um mentiroso ou enganador?"

Pensei em Sua vida de ministério altruísta, em como Ele curava os doentes, ressuscitava os mortos e expulsava demônios. Ele devotou Sua vida inteira a promover a verdade e desmascarar a hipocrisia. Se Ele fosse um mentiroso, poderia facilmente mentir durante Seu julgamento e escapar da morte. Eu sabia mentir muito bem, e dizem que um mentiroso conhece outro. Não, Ele não era um mentiroso.

Com isto, restava apenas uma opção.

Jesus tinha que ser aquilo que dizia ser: Deus em carne e osso, vindo à Terra para habitar entre nós. Quando cheguei a essa conclusão, caí de joelhos ali no chão da caverna mesmo.

"Senhor Jesus!" exclamei em voz alta. "Creio que és o Filho de Deus e meu Salvador. Creio que o Senhor pagou o preço por meus pecados. Quero que venhas habitar em minha vida, e mostrar-me como posso seguir-Te."

Satanás apressou-se a me desanimar em relação ao passo que estava dando. Na verdade, eu podia

sentir as forças do bem e do mal lutando dentro do *meu coração*.

"O que está fazendo?" perguntou Satanás. "Você já está aqui há muito tempo. Está falando consigo mesmo! Além do mais, você é um pecador para o qual não há mais esperança. Lembra-se de todas as coisas erradas que já fez? Pois é, você foi longe demais."

"Mas o que tenho a perder, exceto meus pecados e minha culpa?" respondi. "Jesus, sei que fiz muitas coisas más e tolas. Sinto muito. Será que pode perdoar todos os meus erros? E, por favor, poderia me transformar?"

Fiquei de joelhos mais algum tempo. Não ouvi trovões nem nada dramático, mas de alguma forma *sabia* que Deus ouvira minha oração e perdoara meus pecados. Meu coração começou a ficar cheio de uma paz que nunca havia experimentado. Lentamente coloquei-me de pé e olhei ao meu redor. O mundo inteiro parecia ser mais bonito. A música da cachoeira, a água cristalina da minha lagoa, o balanço das árvores, o céu azul; que mundo maravilhoso Deus havia criado para o ser humano! Meu coração cantava, e eu desejava partilhar minha felicidade com alguém.

Não parei de fumar naquele dia. Não parei de beber, nem parei de fumar maconha. Deus não me assoberbou mostrando-me imediatamente todas as mudanças que deveria fazer em minha vida; Ele me aceitou, e eu sabia que pertencia a Cristo. O Espírito Santo me convenceria dos meus pecados, um por um, à medida que eu crescesse em graça.

Alguns dias mais tarde um cara batista estava caminhando por ali, e parou na minha caverna para conversar. Imediatamente nossa conversa enveredou para o assunto da religião, e eu lhe contei sobre minha entrega a Jesus.

– Que legal, Doug! Fico feliz por você – disse com sinceridade – mas você ainda não foi batizado, não é?

– Bem, não – admiti lentamente. – Nem havia pensado nisso. Onde está escrito isso? – Ele pegou minha Bíblia e rapidamente encontrou o livro de Mateus.

– Aqui está, Mateus 28:19: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo."

– Bem, acho que está bem claro – concordei – mas como alguém é batizado? Nem conheço um pastor.

– Sem problema! – disse ele. – Aqui tem água. Eu vou batizar você.

– Bem, ah... – hesitei. – Tudo bem! Se é isso que devo fazer, vamos fazer. Vou pegar algo para me enxugar.

Peguei duas toalhas da minha estante, e as coloquei no chão ao lado da lagoa. Ambos sufocamos um grito quando entramos na água gelada.

– Segure meu pulso esquerdo – ele disse. Peguei o pulso dele com as duas mãos. Ele levantou a mão direita sobre minha cabeça e disse solenemente: – Irmão Doug, por causa de sua fé em Jesus Cristo como Filho de Deus, eu o batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ele me baixou até a água, e depois me levantou. Saímos o mais rapidamente que pudemos da água gelada, mas senti-me exultante enquanto nos enxugávamos.

Meu jubilo durou pouco, no entanto. Mais tarde naquele dia, desci a montanha até a cidade para celebrar meu batismo com algumas cervejas. Algo dentro de mim disse: "Não, Doug, cristãos não bebem."

"Mas Jesus não bebeu vinho?" argumentei. "Ele não tornou água em vinho?"

Não havia aprendido que na Bíblia a palavra vinho muitas vezes quer dizer "suco de uva". Às vezes, quando era fermentado, era chamado de "vinho misto" ou "bebida forte". Mais tarde descobri que na realidade a Bíblia ensina que beber é uma tolice e uma iniqüidade (veja Provérbios 20:1).

Havia usado muitas drogas em minha vida, incluindo LSD, haxixe, estimulantes e depressivos e cocaína, mas nenhuma dessas drogas era mais viciante ou perigosa que o álcool. Mais da metade das mortes nas estradas são causadas pelo álcool, e mais da metade das pessoas que estão em prisões, hospitais e hospitais psiquiátricos, estão lá por causa do álcool.

Não havia planejado ficar bêbado naquele dia, mas depois de uma cerveja, minha força de vontade ficou enfraquecida, bebi um pouco mais com um amigo, e antes que o dia do meu batismo acabasse, fui preso por má conduta.

Meu amigo batista havia ignorado o importante verso a seguir. "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado." Ele não havia me ensinado como viver uma vida cristã. Em sua defesa, posso dizer que ensinar um novo cristão é algo que leva muito tempo, e ele estava apenas passando pela minha caverna naquele dia. Deus o usou para me iniciar na caminhada cristã. Mais tarde, outros cristãos me ensinaram a viver uma vida cristã.

Senti-me envergonhado quando fui solto no dia seguinte, mas sabia que Deus me perdoaria, e continuei a ler e orar. Comecei a observar os sinais de que Deus estava comigo. Li nas Escrituras: "Em tudo dai graças." Comecei a obedecer a esta regra literalmente. Se batia a cabeça ou me machucava

de alguma maneira, dizia: "Obrigado, Senhor." Não queria que o diabo me levasse a dizer palavrões, e sabia que não podia agradecer a Deus e xingar ao mesmo tempo.

Fiquei desapontado ao notar que Glen parecia não se interessar pela minha nova felicidade. Não conseguia entender sua atitude, mas não deixei que isto me desanimasse. Meu entusiasmo crescia diariamente, e comecei a orar para que Deus abrisse um caminho para eu testemunhar dEle. "Pode ser que isto seja difícil demais até para Deus," pensei. "Não há ninguém aqui exceto Glen, e ele não parece querer ouvir."

Nem suspeitava do que Deus havia reservado para mim, ou para Glen! Não percebi naquela época que Glen tinha interesse em coisas espirituais, mas alguns anos mais tarde, ele entregou novamente sua vida a Deus.

CAPÍTULO 12

Estrela por um Dia

Alguns dias depois de ter orado para que Deus me mostrasse uma maneira de testemunhar para Ele, fui até a cidade para ligar para minha mãe – algo que eu fazia todo mês. Ela parecia animada quando ouviu minha voz.

– Doug, tenho novidades! – disse rapidamente. – Estava almoçando com um repórter da CBS, e ele achou que uma matéria sobre o filho de um milionário que vive numa caverna daria uma ótima história. Ele quer viajar até aí.

– Legal! – respondi. Aparecer na televisão parecia algo empolgante. Acho que herdei um pouco do dom teatral da minha mãe. – Quando ele vem? – perguntei.

– Não sei. Ligue para mim amanhã. Até lá vou saber mais.

Percorri o longo caminho entre minha caverna e a cidade várias vezes naquela semana, mas ouvia sempre a mesma coisa: "Ligue de novo amanhã."

Finalmente, minha mãe perdeu a paciência com a CBS, e ligou para a NBC. Eles agarraram a história com as duas mãos. Na manhã seguinte, às 9:30, en-

contrei minha mãe e duas equipes de televisão: a CBS e a NBC. Sem saber, as duas equipes haviam embarcado no mesmo avião, e chegado ao aeroporto juntas. Imediatamente teve início uma violenta discussão sobre quem iria cobrir a história. Para mim, era tudo muito embaraçoso. Ainda bem que minha mãe tomou a dianteira da situação, e agiu como juiz.

– Vocês tiveram a chance de vocês – disse aos homens da CBS. – Meu filho desceu e subiu estas montanhas todos os dias, e vocês apenas nos enrolaram. Vamos dar a história para a NBC.

O homem da CBS ficou vermelho de raiva, e começou a gritar com minha mãe.

– Minha senhora, por acaso não sabe que dá muito trabalho preparar uma matéria como esta? Fizemos tudo o mais rápido que pudemos – vociferou.

– Pode ser, mas a NBC não demorou tanto para fazer a mesma coisa – rebateu ela. – Eles vão cobrir esta história, e ponto final.

– A senhora tem idéia de quanto isto está custando para minha empresa? A senhora é desprezível!

Dizendo isso, ele juntou sua equipe e foi embora.

A princípio fiquei confuso. "Senhor, por que as coisas tinham que ser assim?" Mais tarde fiquei sabendo que o repórter da CBS havia levado uma sunga com estampa de leopardo no estilo Tarzan, e planejava transformar tudo numa comédia. Deus sabia o tempo todo o que estava fazendo!

Entretanto, a discussão não incomodou minha mãe nem um pouco. Ela havia organizado tudo e começamos a trabalhar. O piloto do nosso helicóptero, Pete Scott, teve que fazer duas viagens para levar todos ao terceiro vale, mas de helicóptero foi tudo muito rápido.

Que emoção ver do alto a trilha pela qual eu havia caminhado tantas vezes. Era necessário muita

habilidade para aterrissar. Não havia espaço para pousar em frente à caverna, então Pete encontrou uma grande rocha mais adiante, que era plana o suficiente para apoiar um patim de aterrissagem e adejou ali enquanto os passageiros desciam e retiravam seus equipamentos.

Pete e eu nos conhecíamos muito bem. Ele era o mesmo Pete que trabalhava na equipe de Busca e Resgate, e sempre pegava informações comigo quando estava procurando um montanhista perdido. Ele ficou intrigado com todo o estardalhaço que estava sendo feito ao redor de seu amigo *hippie*.

Quando estavam prontos para filmar, me deram algumas instruções, e começaram a filmagem. Primeiro, pediram para eu subir a trilha caminhando com minha mochila nas costas. Depois pediram-me para fazer uma fogueira e cozinhar alguma coisa. Eles filmaram minha caverna por dentro e por fora: minha rede, a pequena cachoeira, a lagoa, minha cadeira, e até o balde de plástico que eu usava como mesa e como pote para guardar a comida a salvo dos animaizinhos.

– O que você faz além de cozinhar e comer? – perguntou o diretor.

– Às vezes exploro a região, às vezes fabrico alguma coisa, às vezes eu leio, às vezes eu nado na lagoa.

O rosto dele se iluminou.

– Que tal nadar um pouco para nós? Daria uma ótima tomada.

Hesitei um pouco e baixei os olhos. Finalmente disse:

– Não tenho calção de banho.

– Ah, isso não é problema – ele me assegurou. – Minha equipe é profissional. Podem afastar-se e fazer ótimas tomadas de longe, de forma que ninguém perceba nada.

Pensei um pouco e depois aceitei.

– Tudo bem. Se vocês não ligam, eu também não – e tirei minha roupa. A equipe posicionou-se a uma distância mais afastada. Eu subi numa pedra cerca de seis metros acima da lagoa e mergulhei. O diretor e os *cameramen* adoraram. Nadei um pouco enquanto as câmeras filmavam. Minha mãe estava assistindo num canto, achando tudo ótimo, e me deu uma toalha quando saí da água. (Era impossível chocá-la.) Depois que me vesti, o diretor disse que precisava me entrevistar, e eu concordei.

– Seu pai é um multimilionário. Sua mãe trabalha no *show business*. Você poderia fazer qualquer coisa, ser o que quisesse. Por que quer viver num lugar como este, longe do conforto da civilização? – perguntou ele.

Pensei durante alguns instantes.

– Acho que era um covarde, fugindo da disciplina da vida. Queria poder fazer minha própria vontade. Tudo e todos ao meu redor pareciam tão falsos. Era uma sociedade onde a competição era muito feroz. Estava sempre em apuros, e sei que tinha um comportamento muito problemático. Aqui eu me sinto muito bem. Aqui tenho a luz do sol, ar puro e o exercício de subir e descer as trilhas. Encontrei uma Bíblia em minha caverna, e nela aprendi sobre Jesus Cristo. Ele está mudando minha vida, e eu finalmente encontrei a alegria e a paz que estava procurando. Agora que encontrei a Jesus, quero contar isso ao mundo. Sou um homem livre agora, pois meus pecados foram perdoados. Gostaria que todos fossem tão felizes quanto eu sou, aqui na minha caverna com Deus, cercado pelas coisas que Ele fez.

Quando terminei meu pequeno discurso, eles me filmaram tocando flauta; depois guardaram o equipamento e todos nós voltamos a Palm Springs.

– Quando vão passar isso na televisão? – perguntei ao diretor.

– Irá ao ar três vezes hoje: no jornal das cinco, no jornal das dez e no jornal das onze – respondeu ele.

– Como vão fazer isso? – perguntei com ceticismo. – Já são quase duas horas.

– Pode acreditar – disse com um piscar de olhos. – Somos profissionais, lembra?

Mas eu ainda tinha minhas dúvidas.

– Só mais uma coisa – continuei. – Por favor não digam onde é este lugar. Não quero que minha caverna vire uma atração turística.

– Entendo. Vou passar seu pedido ao meu chefe – prometeu.

Depois de descer a montanha com eles, de helicóptero, decidi permanecer na cidade e verificar se eles realmente fariam tudo a tempo para o jornal das cinco. Não tinha televisão na caverna, é claro, e não sabia onde iria assistir. Não podia tocar a campainha de qualquer casa e pedir para assistir o telejornal das cinco. Enquanto caminhava, vi um hotel do outro lado da rua. "É isso", disse em voz alta, "vou perguntar à recepcionista do hotel se posso assistir na televisão da recepção."

A garota da recepção relutantemente me deu permissão, então liguei o aparelho de TV e coloquei no canal certo. Estava tão alvoroçado que não conseguia ficar parado. Gostaria de ter contado a alguns amigos para que eles pudessem assistir também, mas agora era tarde demais. Naquele momento, vi Joe, um policial amigo meu, estacionando o carro em frente ao hotel. Corri até lá fora e o puxei pelo braço.

– Venha aqui, Joe. Há uma coisa que eu quero lhe mostrar! – disse animadamente.

– O que é? Estou a serviço, e não tenho tempo – protestou ele.

– Serão só alguns minutos – lhe assegurei. – Eles vão mostrar um criminoso local no jornal das cinco.

– É mesmo? – ele levantou a sobrancelha – e quem é?

– Você vai ver – respondi.

Tivemos que assistir a outras reportagens enquanto esperávamos, e Joe estava quase saindo quando um helicóptero sobrevoando o desfiladeiro apareceu na tela. "No Tahquitz Canyon, a apenas a alguns quilômetros de Palm Springs, há um paraíso de verdade", começou a matéria.

– Ah, não – gemi – eles disseram onde fica minha caverna!

Mas não me preocupei muito com isso naquele momento. Estava animado demais vendo a mim mesmo caminhando pela trilha, fazendo uma fogueira e cozinhando. Olhei rapidamente para Joe. Ele estava na beira da poltrona prestando muita atenção. Senti-me uma celebridade. Estava um pouco apreensivo por causa da cena em que mergulhei na piscina completamente nu, mas a equipe fizera um bom trabalho, exatamente como o diretor dissera que faria. Soltei um suspiro de alívio. Quando fiz meu discurso no fim do programa, Joe levantou a sobrancelha e olhou para mim.

– Você é cristão, Doug?

Ninguém jamais havia me feito aquela pergunta desde que começara a ler a Bíblia. Não tinha certeza de que era bom o suficiente para responder afirmativamente.

– Estou tentando – respondi.

– Que bom ouvir isso! – os olhos de Joe brilharam. – Sou professor de uma classe da Escola Dominical. Agüente firme, Homem das Cavernas. Você está no caminho certo.

Mais tarde, um de meus amigos, que estava na

prisão na época, contou-me que havia assistido ao jornal três vezes naquele dia.

Não sabia ainda, mas minha vida nunca mais seria a mesma.

Alguns dias mais tarde, estava indo para a cidade quando encontrei um montanhista numa trilha.

– Oi! Para onde está indo? – perguntei.

– Estou indo à procura de um cara que mora no terceiro vale. Ele mora numa caverna; eu o vi na TV! – disse ele muito empolgado. Com certa dificuldade, mantive-me sério.

– É mesmo? – perguntei. – Quem é ele? Conte-me um pouco dele.

O rapaz começou a falar sobre mim, adicionando algumas informações interessantes das quais nem eu mesmo tinha conhecimento. Finalmente, não agüentei mais.

– Olha, amigo – interrompi – é melhor eu lhe dizer uma coisa. Este cara que vive na caverna...

– Sim? – olhou-me com curiosidade.

– Sou eu! Sou eu o cara que você viu na TV.

Ele olhou para mim e sorriu com escárnio.

– Engraçado – disse – você não se parece nada com ele. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

Seguiu-se um interessante diálogo, e até hoje não tenho certeza se ele acreditou em mim.

Depois disso, nunca sabia quando teria visitas. Às vezes os visitantes chegavam sozinhos, às vezes em grupos. Eu lhes dava pão de banana e partilhava com eles minha recém-encontrada felicidade. Não precisava mais me preocupar em ter pessoas a quem testemunhar. Minha caverna havia se tornado uma atração turística.

Acho que Deus tinha Suas razões ao deixar que a TV revelasse o lugar onde ficava minha caverna!

CAPÍTULO 13

Tentando Várias Igrejas

Um desejo cada vez mais forte de comungar com outros crentes foi crescendo em meu coração, e comecei a freqüentar algumas das igrejas da cidade. Um lugar aonde eu gostava de ir chamava-se A Casa de Josué. Era mais um lar cristão do que uma igreja. O dono, Homer, convidava pessoas para morarem ali, ou apenas visitarem. Ele dirigia os cultos e as classes em que ensinava as pessoas da rua sobre Deus. Ele também tinha um programa de trabalho, no qual os residentes participavam. Cantávamos hinos, orávamos e dávamos nosso testemunho. Um grupo de garotas bonitas entre os convidados, aumentava meu interesse neste lugar, mas nenhuma delas estava muito interessada num *hippie* desleixado que não sabia quase nada sobre ser um bom cristão. Embora gostasse da comunhão cristã daquele lugar, na verdade não era uma igreja. Homer assistia à Igreja Pentecostal, e nos convidava a fazer o mesmo.

Visitei sua igreja e várias outras também. Algumas delas eram carismáticas, e os membros falavam em línguas. Assisti aos cultos de um lugar chamado

Centro de Fé, e também estudei com os Mórmons e as Testemunhas de Jeová. Descobri que a maioria das igrejas declarava ser a verdadeira igreja, o que fazia com que todas as outras estivessem erradas. Um pastor disse: "A menos que fale em línguas, você não terá o batismo do Espírito Santo."

Ao voltar para minha caverna, estudei o assunto, e aprendi que falar em línguas era um dos muitos dons que eram dados às pessoas que o *Espírito* escolhesse. A alguns Ele dava um dom, a outros dava outros dons, mas em nenhum lugar encontrei a declaração de que uma pessoa precisava falar em línguas para ter o Espírito Santo. Os frutos do Espírito não eram as línguas, mas o amor, alegria, paz, etc. Também notei que quando o Espírito Santo fora derramado no Pentecostes, os apóstolos falaram línguas verdadeiras, que eram entendidas pelos judeus visitantes que falavam aquelas línguas. Eles não louvaram a Deus em alguma língua celestial que ninguém entendia.

Fiquei frustrado com todas essas discrepâncias existentes entre os cristãos, e a maneira não-cristã como agiam uns com os outros às vezes. Não conseguia compreender. A Bíblia não dizia: "Uma esperança, uma fé, um batismo"? Com certeza Deus deveria ter uma igreja verdadeira em algum lugar, mas qual? Voltei para as montanhas para estudar e orar pedindo orientação.

Uma noite estava em frente à minha caverna olhando para as estrelas. O firmamento parecia um veludo negro que brilhava com pequenos pontículos de luz; o Céu parecia estar mais perto naquela noite. "Como Deus foi legal de pendurar todas estas estrelas no espaço!" Então pensei nas diferentes igrejas, cada uma declarando ser a verdadeira igreja. Ajoelhei-me e orei: "Deus, o Senhor me trouxe

do fundo do poço, e sei que ainda preciso caminhar muito para me aproximar do Senhor, mas deve haver alguma igreja em algum lugar que siga só a Bíblia. Não me importo qual seja a igreja. Se o Senhor me mostrar vou aceitá-la."

Permaneci de joelhos mais algum tempo. Meu coração encheu-se de paz, e outra vez senti que Deus havia ouvido minha oração.

No dia seguinte, Glen veio me visitar. Embora não se declarasse cristão, era meu amigo e abri meu coração a ele.

– O que vou fazer? Uma igreja diz uma coisa, outra igreja diz outra coisa, e todos dizem acreditar na Bíblia. Li quase toda a Bíblia, mas às vezes não entendo. Não sei qual igreja está certa.

Glen não falou muito. Ele parecia estar passando por algum conflito interior.

Alguns dias mais tarde, estava deitado em minha rede lendo, quando Glen apareceu de novo. Ele me deu um livro.

– O que é isso? – perguntei olhando curiosamente para a capa. Tinha uma ilustração de duas mãos segurando o mundo. O título era: *O Grande Conflito*.

Ele simplesmente disse:

– Leia.

– Mas o que é? – perguntei.

– Leia – repetiu ele. Era um homem de poucas palavras. – Ele responderá algumas das suas perguntas.

– Está bem, está bem – concordei.

Depois que Glen saiu, analisei o livro com mais calma. Tinha 678 páginas, e eu nunca havia lido um livro que fosse pelo menos daquele tamanho em toda a minha vida! Bem, leria algumas páginas para satisfazer Glen. Afinal, não havia muito o que fazer.

Pulei a introdução e comecei direto no capítulo 1. A escritora descreveu a cidade de Jerusalém como Je-

sus a viu. Imediatamente fui fisgado pela história. Embora a linguagem me parecesse difícil para minha educação limitada, continuei a ler, página após página.

"Uau!" pensei. "Seja lá quem escreveu este livro, fala com autoridade." Havia muitas referências bíblicas documentando cada coisa que era contada, e a narrativa parecia tomar vida enquanto eu lia.

"Quem escreveu isso?" perguntei uma ou duas horas depois. Voltei à capa, e li o nome da autora: "Ellen G. White."

"Depois da Bíblia, esta é a coisa mais interessante que já li na minha vida", pensei. Finalmente fechei o livro. Estivera lendo deitado e senti-me sonolento. Caí no sono, mas as cenas sobre as quais havia lido se misturaram com meus sonhos. Quando acordei, senti-me impressionado a ler mais. Durante vários dias passei as tardes com o livro.

Quando me encontrei com Glen de novo, perguntei-lhe:

– Quem é essa Ellen White?

– Bem, algumas pessoas dizem que ela era inspirada.

– Eu bem que achei isso. É óbvio que Deus estava falando através dela. Gostaria de conhecê-la e falar com ela algum dia.

– Agora é um pouco tarde para isso – Glen abriu um meio sorriso. – Ela morreu em 1915.

– Ah! – fiquei desapontado mas continuei lendo, e, finalmente, a Bíblia inteira começou a tornar-se totalmente coerente para mim, algo que fazia sentido. Meu novo livro falava sobre o sábado, sobre quando as pessoas morrem, e sobre a luta entre o diabo e Cristo, e como a igreja sofreu durante a Idade Média.

Geralmente lia deitado na minha rede, sob a sombra do sicômoro, e balançava de um lado para

outro apoiando meu pé contra uma rocha. Era o lugar mais relaxante para ler. Havia bastante sombra, e sempre soprava uma brisa que vinha do desfiladeiro, mesmo quando o termômetro marcava mais de quarenta graus centígrados. Eu lia um pouco, dava um mergulho, tirava uma soneca e depois lia mais. Ponderava sobre cada capítulo, e muitas vezes sonhava com o que havia aprendido. O livro absorveu todos os meus pensamentos, e ampliou as impressões que eu tinha a respeito de Deus e da Bíblia.

Várias vezes pensei que nunca poderia acabar um livro tão grande, mas todas as vezes que eu quase desistia, sentia uma voz me animando a continuar: "Continue, você vai conseguir." Depois de várias semanas cheguei ao parágrafo final, que fez vibrar minha alma:

"O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor." – Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 678.

"Uau!" exclamei e de um pulo fiquei de pé, não só pela alegria de ter terminado o longo livro, mas ainda mais pelo triunfo final de Deus sobre Satanás e sobre o pecado. Era tanta coisa que eu mal podia assimilar tanta informação.

Subi a trilha e devolvi o livro ao Glen.

– Você tem mais livros desse tipo? – perguntei.

– Claro, muitos – ele disse. Havia sido criado num lar cristão, e seus pais lhe enviavam literatura cristã na esperança de reacender seu interesse. Nos

meses que se seguiram eu li *O Desejado de Todas as Nações*, *Caminho a Cristo*, *Patriarcas e Profetas*, e *Daniel e o Apocalipse*. Esses livros inspirados, juntamente com a Bíblia, foram um deleite para mim.

No entanto, uma coisa me incomodava: esse negócio do sétimo dia. Não tinha muitas dúvidas, após ler a Bíblia e todos aqueles livros, de que o sétimo dia era o sábado, mas não *queria* aceitar isso. Achava que já era muito diferente dos outros. Não queria piorar as coisas guardando o sábado, quando todas as outras pessoas guardavam o domingo. Além disso, não existiam igrejas cristãs que guardassem o sábado. Decidi que encontraria uma maneira de resolver isso. Certamente meus amigos que guardavam o domingo tinham boas razões para sua crença. Decidi perguntar a dez pastores, mas ao fazê-lo, recebi onze respostas.

Um ministro disse:

– A lei foi abolida. Não precisamos guardar o sábado.

– Ah! – disse eu. – Isto significa que não temos que obedecer aos Dez Mandamentos?

– Não é bem assim. Obedecemos aos outros nove – admitiu ele.

– Quer dizer que devemos esquecer justamente o mandamento que Deus nos disse para lembrar? Isso não faz sentido!

Outro pastor disse:

– Vamos à igreja no domingo porque foi nesse dia que Jesus ressuscitou, e este é o novo sábado.

– Parece uma boa explicação, mas preciso saber onde, na Bíblia, encontro este novo mandamento que nos ordena guardar o primeiro dia da semana – respondi. – Se o senhor puder me mostrar isto na Bíblia, entrarei para sua igreja com alegria.

– Bem, deixe-me explicar – ele demonstrou um

certo embaraço – não temos exatamente um mandamento. Apenas a tradição.

Mas eu não queria uma tradição. Jesus dissera: "Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição." Marcos 7:9. Queria encontrar a autoridade da Bíblia nesta mudança.

O próximo pregador foi o mais criativo de todos. Ele explicou tudo da seguinte forma:

– Nos dias de Josué, quando o Sol parou, e nos dias de Ezequias, quando Deus fez com que a sombra voltasse dez graus, perdemos um dia, e o sábado tornou-se domingo.

– Entendo. Quer dizer que quando Jesus viveu na Terra Ele não guardava o sétimo dia, e sim o primeiro dia da semana? – perguntei.

O pregador pareceu confuso.

– Bem, não tenho certeza disso – ele admitiu.

Voltei para a caverna e li a história da Criação outra vez. De repente notei algo que nunca tinha visto antes e que encerrou esta questão para mim. Deus abençoou o sétimo dia antes que houvesse pecado no mundo. Isto significa que o sábado era perfeito, assim como o mundo perfeito que Deus criara. Por que Deus mudaria algo perfeito?

Além disso, Deus escreveu os Dez Mandamentos em pedra, e ninguém escreve na pedra algo que pretende apagar ou modificar! Cheguei à conclusão de que um cristão não é um seguidor de cristãos, mas de Cristo. Jesus adorava a Deus a cada sábado, e nunca mencionou o primeiro dia da semana, então eu simplesmente seguiria a Jesus.

Porém, ainda estava preocupado. Onde encontraria pessoas que ensinassem todos os dez mandamentos?

Procurei Glen e olhei bem dentro de seus olhos.

– Diga-me uma coisa, existe alguma igreja por aí

onde as pessoas acreditam nestas coisas? – perguntei.

– Claro. Em muitos lugares.

– Verdade? Qual é o nome da igreja?

– Igreja Adventista do Sétimo Dia – respondeu ele.

– Igreja o quê? Nunca ouvi falar nela. A parte do "sétimo dia" eu entendo, mas o que significa "adventista"? – perguntei perplexo.

– A palavra *advento* significa chegada ou vinda de alguma coisa. Os adventistas são pessoas que esperam a segunda vinda de Cristo.

Pensei comigo mesmo: "Devo ser um adventista, então, pois acredito na segunda vinda de Cristo." Em voz alta, perguntei:

– Como você sabe tanto sobre essas coisas?

Glen pareceu embaraçado.

– Cresci lendo a Bíblia e esses outros livros; freqüentei a igreja desde que nasci.

– Quer dizer que você sabe tudo isso, mas não faz nada a respeito? – perguntei surpreso. – Isso é incrível.

Lembrei de todas as vezes que fumamos maconha e bebemos juntos. Não conseguia entender como alguém podia saber tudo sobre Deus e Seu maravilhoso amor e sacrifício pelo homem, e, no entanto, parecer ignorar esse conhecimento.

– Vamos à igreja sábado que vem! – sugeri entusiasmado. Tinha que conhecer essas pessoas maravilhosas.

– Não sei, não, Doug. Acho que não estou preparado para isto. Você vai, e depois me conta como foi.

Aparentemente Glen não compartilhava meu entusiasmo, porque sabia pelo que eu iria passar. Na minha cabeça, visualizei uma igrejinha branca e bem simples, com uma cruz no topo do campanário. As pessoas, é claro, seriam santos tão consagrados que seus pés mal tocariam o chão. Eles estariam todos sorrindo, segurando suas Bíblias e cantando.

No sábado seguinte, levantei cedo e vesti meu macacão sujo, e minhas botas sem meias. Penteei meu cabelo comprido, mas não o prendi num rabo-de-cavalo, embora chegasse à altura dos ombros. Nem me barbeei. Apenas alisei a barbicha desgrenhada que crescia apenas na parte inferior do meu queixo. Com a Bíblia nas mãos, saí com muita expectativa.

Localizei a rua e procurei o endereço que Glen havia me dado, mas em vez de uma igrejinha simples, encontrei um edifício moderno e grandioso numa vizinhança próspera. O estacionamento estava cheio de carros luxuosos. Sem mais delongas, entrei. O carpete vermelho pareceu fofo sob meus pés. Todos os homens usavam ternos, e as mulheres vestiam roupas que pareciam caras, e penteados elaborados. Não havia lido nada sobre como os cristãos devem se vestir, e de repente senti-me deslocado. Cabeças se viraram na minha direção, e tenho certeza de que eles se perguntaram se eu não havia entrado no endereço errado. Um homem apertou minha mão e disse: "Estou feliz que tenha vindo", mas não me pareceu sincero. Havia convivido com o meio artístico durante toda a minha vida, e sabia quando alguém estava fazendo teatro. No entanto, continuei entrando e fui levado a um banco na parte de trás da igreja.

Um programa interessante estava em andamento e gostei muito da história sobre as missões. Quando chegou o momento de discutirmos a lição da Escola Sabatina, caminhei com os outros pelo corredor até uma sala onde as cadeiras estavam arrumadas num grande círculo. Ninguém falou comigo, embora alguns me olhassem com um sorriso genuíno nos lábios. Sentei-me numa cadeira, e todos os outros se sentaram também, mas embora a sala

estivesse cheia, as cadeiras de ambos os meus lados ficaram vazias.

Depois de algumas palavras de boas-vindas à classe, o professor abriu sua Bíblia e lição.

– O assunto de hoje é sobre a profecia dos 490 dias de Daniel 9 – começou ele.

"Ótimo!" pensei. Havia acabado de ler sobre isso no livro de Uriah Smith, *Daniel e o Apocalipse!* Depois de alguns comentários preliminares, ele fez a pergunta: "Quando começou a profecia dos 490 dias?"

De repente percebi que estava no lugar certo. Sabia sobre o que o professor estava falando! Quase explodi, de tão ansioso que estava por gritar a resposta, mas pensei que não seria apropriado um visitante falar. Olhei para as pessoas distintas que estavam sentadas no círculo. O professor esperou, mas ninguém respondeu. Elas apenas olhavam para o chão, porta e paredes, mas ninguém respondeu. Não podia agüentar mais. Levantei minha mão.

– Sim? – disse o professor com o cenho franzido.

– Quatrocentos e cinqüenta e sete antes de Cristo – respondi com a boca seca. Fazia muito tempo que não me reunia com tanta gente.

– Isto mesmo! – disse o professor demonstrando uma certa surpresa. – E quando terminou esse período? – perguntou logo depois.

Desta vez todos olharam para o *hippie*. Como parecia óbvio que eles estavam esperando que eu respondesse, falei.

– No ano 34 d.C.

– Certo de novo – desta vez o professor não pareceu tão surpreso. Eu não podia entender por que ninguém mais sabia as respostas. Aquela não era a igreja *deles*, e a religião *deles*? Talvez estivessem sendo corteses ou modestos, ou talvez fossem visitantes como eu.

Fiquei um pouco desapontado naquele primeiro sábado, principalmente pela falta de calor humano e comunhão. As outras igrejas haviam sido tão amáveis, haviam até disputado minha atenção. Não pude deixar de imaginar se a atitude das pessoas da igreja adventista teria sido igual se soubessem que meu pai era um milionário. Talvez eu estivesse esperando demais.

Visitei aquela igreja mais algumas vezes, mas nunca parecia me enquadrar, então passei a guardar o sábado da melhor maneira possível, e ia à igreja aos domingos em busca de comunhão cristã.

Continuei testemunhando sobre minha recém-encontrada fé a todos que passavam pela minha caverna, e às vezes juntava-se um grupo bem grande de pessoas. Glen estava impressionado a despeito de suas posições pessoais.

– Não sei se deveria lhe dizer isso ou não, Doug – disse um dia – mas quando você fala às pessoas sobre Deus, seu rosto se ilumina.

Minha fé aumentava dia a dia. Quanto mais a usava, mais forte se tornava. Muitas vezes falava com um amigo cujo nome também era Doug. Ele tocava violão e eu tocava flauta, e nós tocávamos juntos na rua para pedir dinheiro. Minha nova experiência como cristão era tão emocionante que não conseguia me calar. Um dia, estávamos na cidade tocando nossos instrumentos para conseguir dinheiro, mas ninguém havia parado, e ninguém nos dera dinheiro algum, então começamos a conversar. Logo surgiu o assunto da religião de novo.

– Eu acredito em Deus – disse Doug – mas não acredito em Jesus.

– Posso provar que Jesus existe – eu lhe disse confiante.

– E como você vai fazer isso? – ele retrucou cepticamente.

– Quanto dinheiro precisamos agora?

– Bem, seria legal se pudéssemos juntar uns dois dólares cada um. Poderíamos sair para comer.

– Está certo – respondi – vou orar agora mesmo a Jesus, e vamos conseguir quatro dólares.

Inclinei a cabeça e disse: "Senhor, ajude-nos a conseguir quatro dólares para que possamos pagar por uma boa refeição, e ajude o Doug a saber que o Senhor é real. Eu Lhe peço em nome de Jesus, amém."

Começamos a tocar de novo, e logo passou uma senhora, que parou para ouvir. Quando acabamos a música, perguntei a ela se tinha algum trocado.

– Bem – ela ficou em silêncio um instante como se estivesse pensando um pouco – normalmente não faço esse tipo de coisa, mas hoje é o aniversário do meu filho, e ele tem mais ou menos a sua idade.

Ela procurou na bolsa e tirou algum dinheiro.

– Quatro dólares ajuda? – perguntou ela.

Eu lhe assegurei que ajudaria muito. Enquanto ela se afastava, deve ter estranhado o fato de meu amigo estar paralisado e boquiaberto.

Não demorou muito para que ele também aceitasse a Jesus Cristo como seu Salvador.

CAPÍTULO 14

O Importante é não Desanimar

A primeira vez que vi Karyn, tínhamos quinze anos. Ela e várias outras garotas haviam acabado de sair de uma festa e estavam de pé numa esquina, rindo, conversando alto e comportando-se de maneira fútil. Pensei: "Que garotas histéricas. Bonitinhas, mas muito bobas."

Ela tampouco se interessava por gente como eu. Gostava de sair com garotos mais velhos, de preferência que tivessem carro.

Depois disso eu a via ocasionalmente na cidade e lembrava-me dela, mas havia tantas outras coisas acontecendo na minha vida, que nunca nos falamos. Entretanto, cerca de dois anos mais tarde, quando estava começando a ler a Bíblia, nossos caminhos se cruzaram novamente. Meu amigo Rico e eu estávamos jogando sinuca num bar quando vi Karyn e outra garota conversando numa mesa do outro lado do recinto. Acontece que a outra garota era namorada do Rico, então eles me apresentaram a Karyn, e ela a mim, e foram até o bar, deixando-nos sozinhos. Foi uma situação embaraçosa. Nenhum de nós havia planejado nada.

– Você quer jogar uma partida? – perguntei.

– Não – respondeu ela.

– Tudo bem, então vamos para outro lugar – sugeri. Abri a porta e começamos a caminhar, apenas conversando. Quando passamos por um supermercado, entrei e comprei uma garrafa de vinho, embora sentisse que aquela não era a coisa certa a fazer.

– Vamos até o parque procurar um lugar legal onde possamos nos sentar – propus. – Comprei uma bebida para nós.

– Obrigada, Doug; eu não bebo mais – foi a resposta dela.

– O que quer dizer, não bebe mais? – perguntei sem acreditar no que ouvia. – Todo o mundo bebe! – mas ela permaneceu firme.

– Por acaso lê a Bíblia também? – perguntei sarcasticamente.

Ela parou e olhou para mim surpresa.

– Para falar a verdade, leio sim. Como sabia?

– Não sei, acho que foi uma dedução. Engraçado – continuei – eu também tenho lido a Bíblia.

Caminhamos durante muito tempo no frio desértico da noite, conversando sobre a Bíblia e religião. Quanto mais conversávamos, mais descobríamos coisas sobre que falar.

Começamos a nos ver quase todos os dias depois dessa noite, e nos casamos algumas semanas depois. Morávamos na cidade, mas não nos adaptamos à vida da cidade, então colocamos nossas coisas nas mochilas e começamos a pegar carona em direção à costa norte da Califórnia. Não sabíamos exatamente aonde queríamos ir, então não nos apressamos. Às vezes dormíamos nos gramados ao lado da estrada, apenas para sermos acordados pelos irrigadores automáticos às cinco da manhã. Uma vez, pegamos uma saída da estrada perto de Big Sur, e

dormimos num bosque. Quando acordamos, havia um guarda florestal de pé olhando para nós.

– Não me importo que vocês acampem aqui – disse – mas acho que devem saber que dormiram em cima de uma urtiga.

Passamos o resto da semana nos coçando!

Em Ukiah, ainda no Estado da Califórnia, um jovem casal parou para nos dar carona.

– Para onde estão indo? – perguntou o motorista.

– Não temos certeza – respondi. – Estamos orando para que Deus nos mostre. Para onde estão indo?

Um pouco surpreso, o motorista disse:

– Vocês não vão querer ir para o lugar onde moramos. É longe à beça e não tem absolutamente nada para fazer; é uma pequena cidade chamada Covelo. Fica cercada por florestas que são protegidas pelo governo federal.

– Hummmm, existem cavernas lá?

– Acho que sim – disse o rapaz.

– A cidade tem igrejas? – perguntou Karyn.

– É só o que há – respondeu a jovem. – Não tem nem cinema na cidade.

Karyn e eu sentimos que deveríamos ir para Covelo, e rapidamente nos apaixonamos pela beleza das montanhas. Moramos numa caverna da floresta durante um tempo, e depois começamos a procurar um pedaço de terra por ali. Logo encontramos um lugar que realmente nos agradou. O único problema era o dinheiro. O único trabalho que achei era sazonal. No fim do verão fomos obrigados a voltar a Palm Springs para que eu pudesse sustentar nossa família que estava crescendo, pois logo seríamos pais.

Tentei alguns "bicos" durante um tempo, mas nada de bom apareceu. Finalmente encontrei um emprego como vendedor e entregador de carne. Logo percebi que havia um intermediário naquele negócio. Por que

não eliminar o intermediário e lucrar mais?

Meu pai me ajudou a comprar um fusca usado. Nunca tivera um carro antes, e não sabia quase nada sobre como mantê-los. Pensei que deveria colocar óleo no radiador, mas o fusca não *tinha* radiador. Aprendi rápido!

Ao lado do carro pintei os dizeres: Doug Batchelor, Atacadista de Carnes de Primeira. Depois de mandar imprimir alguns cartões e fazer alguns contatos, coloquei uma geladeira na traseira do fusca. Comprei uma peça de carne, e um amigo me ensinou a cortar os bifes. Logo meu negócio de vender carne por atacado estava prosperando. O negócio foi bem desde o início.

Aprendi algumas coisas interessantes durante minha curta aventura "carnívora". Um dia uma cliente me perguntou se podia conseguir carne suína de primeira. Sabia que a carne de boi tinha categorias: carne de primeira, carne de segunda, carne de terceira. Já ouvira falar em categorias do frango também, mas nunca havia ouvido falar em classificação de carne suína.

Fui conversar com um de meus amigos açougueiros. Quando ele ouviu minha pergunta, deu uma gargalhada.

– O Departamento de Agricultura acha que você não deveria dar essa carne nem para seu cachorro. Eles não vão classificá-la. Essa coisa é cheia de "bichos". Eles até distribuem panfletos dizendo que é necessário cozinhar muito bem essa carne para matar todas as larvas de triquina.

– Eca! – aquilo revirou meu estômago. Depois lembrei-me de ter lido algo na Bíblia sobre a carne suína. Alguns pastores me disseram que essas leis haviam sido abolidas, mas isso não parecia fazer sentido. O corpo humano ainda não tinha o mes-

mo tipo de reações que tivera no tempo dos filhos de Israel? Não estava, da mesma forma, sujeito aos germes e parasitas?

Durante esse período aprendi outra coisa também. Como vendia carne de boi de primeira, decidi que deveria usar meus próprios produtos. Logo estava comendo bife no café da manhã, bisteca no almoço e filé *mignon* no jantar. Porém, notei que me sentia exausto o tempo todo, sem energia. Meu comportamento começou a mudar também. À noite eu me sentava em frente à TV e comia um pote de um litro de sorvete sozinho – isso mesmo, um pote inteiro! Senti que minha vida espiritual começou a ficar entorpecida, e tinha cada vez menos inclinação para resistir à tentação. Minha dieta da caverna, com arroz, feijão, pão e frutas, me proporcionava uma sensação de força e vigor. Pela primeira vez percebi o impacto de uma dieta em meu bem-estar físico, espiritual e moral. Estava ganhando um bom dinheiro com o negócio da carne, mas Karyn e eu nunca conseguíamos guardar nada. Quanto mais ganhávamos, mais gastávamos.

– Vamos tentar a vida em Covelo outra vez – falei um dia. – Acho que desta vez vamos conseguir.

Trocamos nosso fusca por uma velha *pick-up* da Ford. Depois de dirigir quase mil quilômetros, chegamos a Covelo, e logo encontramos um pedaço de terra de 65 hectares o qual tínhamos condições de comprar. Moramos numa barraca enquanto construíamos uma pequena casa na propriedade. Construímos a casa com pedaços de madeira que sobravam nas madeireiras. Não era uma mansão, mas era nossa, e nós gostávamos muito dela! Comecei um pequeno negócio de venda de lenha.

Começamos a freqüentar a Igreja Presbiteriana local, mas eu não me esquecia do sábado e de ou-

tras coisas que havia aprendido. Havia uma Igreja Adventista do outro lado da rua, bem em frente à Igreja Presbiteriana, e tentei imaginar se aquela congregação seria mais amistosa. Conhecera um rapaz chamado Duane, que gostava de religião. Então, num certo sábado, decidimos visitar a Igreja Adventista, ele e eu. Karyn ficou em casa com Rachel, nossa filhinha recém-nascida.

Naquela manhã meus sentimentos eram uma mistura de expectativa e medo. "E se eles não forem amáveis? E se não gostarem da minha aparência? Não quero nem saber. É sábado e eu tenho tanto direito de estar lá quanto eles!" Acho que naquela manhã estava com uma atitude provocadora, pois vesti meu velho macacão e uma camisa horrível, e prendi o cabelo fazendo um rabo-de-cavalo.

Subi na minha motocicleta e fui buscar Duane. Naquele tempo, era moda usar *jeans* desbotados e rasgados, portanto, ele realmente estava na moda. Um dos bolsos de seu *jeans* havia sido arrancado e sua pele revelava o fato de que não estava usando cueca! Quase fiquei envergonhado por ele, mas não disse nada.

Um homem sorridente esperava por nós na porta, e nos deu um firme aperto de mão. Ele nos recebeu calorosamente e nos convidou a entrar; no saguão de entrada, uma velhinha muito gentil apertou nossa mão e pediu-nos para assinar o livro de visitas. Entramos na igreja e sentamo-nos. As pessoas ainda estavam chegando, e ficamos observando os que entravam. Vi muitas cabeças grisalhas e carecas naquele dia. Um casal chegou e sentou-se no banco à nossa frente, mas antes de sentarem-se ambos se apresentaram e nos cumprimentaram com um aperto de mão.

O sermão daquele dia parecia fluir espontanea-

mente do coração do idoso pastor. Ele tinha um calor humano e uma sinceridade que me tocaram. Bebi as palavras de vida como um homem sedento no deserto. Depois do culto, as pessoas nos cercaram, nos dando as boas-vindas e nos convidando a almoçar em suas casas. Ninguém parecia notar nossas roupas, e a esta altura eu me sentia um pouco envergonhado. Duane e eu ficamos tão assoberbados com todos os convites e a atenção, que nem sabíamos o que fazer. Finalmente o pastor, Joe Phillips, e sua esposa prevaleceram sobre os outros, e fomos para a casa deles. Tenho certeza de que aquelas pessoas não poderiam sequer sonhar que um dia aquele *hippie* seria o pastor da igreja deles!

Sentamo-nos para comer uma refeição simples e saudável: um assado vegetariano, batatas, dois ou três legumes, pão integral feito em casa, salada e torta de maçã!

– Comam à vontade! – disse o Pastor Joe – minha mulher é a melhor cozinheira da cidade, e vocês a magoarão se não comerem!

Duane e eu não a magoamos naquele dia. Praticamente esvaziamos todas as travessas que estavam na mesa. Nosso anfitrião e anfitriã ficaram aturdidos, mas satisfeitos.

Depois do almoço, o Pastor Joe disse:

– Por que não vamos até a sala e fazemos um estudo bíblico?

Gostei da idéia, e logo estava com minha Bíblia aberta, discutindo as Escrituras com o Pastor e a Sra. Phillips. Duane dormiu na poltrona.

No sábado seguinte, Karyn foi à igreja comigo, e daí em diante começamos a ir àquela igreja todos os sábados, e o pastor e sua esposa nos levavam para almoçar na casa deles. Sempre estudávamos a Bíblia à tarde. No entanto, mal o pastor entrava num

assunto, e eu percebia que já havia aprendido aquilo sozinho. Quando estudamos Daniel e o Apocalipse, conhecia todos os animais e chifres, bem como todas as datas. Um dia, o Pastor Joe disse:

– Doug, você está quase pronto para o batismo.

– O que quer dizer com "quase", Pastor? Já estou pronto – respondi. – Creio em tudo que esta igreja ensina.

Ele hesitou.

– E o cigarro, Doug? Você está pronto para parar de fumar?

Agora era minha vez de hesitar.

– Bem, não sei se é bem assim. Não entendo o que isso tem a ver com meu amor por Deus. Já abandonei meus vícios maus, como fumar maconha e beber, as drogas, roubos e mentiras. Mas fumar não é tão mau assim. Só fumo meio maço por dia, sabe. E, de qualquer maneira, sei que Deus me ama e responde às minhas orações.

– Está certo, Doug. Ele realmente ama você – disse o Pastor Joe com paciência. – Ele o está ensinando e orientando passo a passo. Mas enquanto estiver viciado no fumo, estará preso ao diabo. Você pode imaginar Jesus soltando fumaça na cara de alguém, enquanto falava a respeito do amor de Seu Pai?

Sabia que Jesus é o nosso exemplo, e a idéia dEle fumando um cigarro parecia tão ridícula que eu soltei uma risada.

– Veja bem – continuou o pastor – quando você é batizado, isto representa um novo nascimento, e Deus não aceita que Seus bebês fumem. Você aceitaria?

– Bem, olhando por esse ângulo, acho que não – admiti.

Comecei a pensar na luta que tive para deixar de beber. Havia discutido com Deus: "Mas, Senhor, eu gosto de beber. É divertido."

E Deus dissera: "Então continue bebendo, Doug."

Não quero dizer que Deus estivesse contente com meu hábito de beber. Ele só quis dizer que não me forçaria a parar. Pouco a pouco comecei a notar todo o sofrimento que minhas bebedeiras causavam. Eu acordava na cadeia, ou ficava doente no dia seguinte e vomitava tudo, ou acordava e descobria que havia agido como um idiota e envergonhado alguém de quem gostava. Uma vez descobri que havia acabado com um carro num acidente, e o carro nem era meu. Ouvi o Senhor dizendo: "Doug, você está se divertindo?"

Finalmente cheguei à conclusão de que Deus apenas quer que os cristãos desistam daquilo que lhes é prejudicial, física ou espiritualmente. Quando finalmente descobri isto, parei de beber. Mas desde então já sabia que parar de fumar seria mais difícil.

Karyn largou o vício com relativa facilidade. O médico lhe explicou que nossa filha havia nascido prematura porque ela fumava. "O fumo não apenas prejudica a você", ele dissera, "mas também a seu bebê."

Um dia, quando foi até o quarto, Karyn notou o cigarro que havia deixado no cinzeiro. A fumaça estava flutuando justamente na direção onde Rachel estava dormindo.

"O que estou fazendo!" exclamou Karyn. "Já é ruim o bastante eu destruir meus pulmões. Como posso destruir os pulmões da minha filhinha também?"

Naquele dia, quando eu cheguei, ela disse:

– Doug, vou ver quanto tempo consigo ficar sem fumar.

E foi só. Ela nunca mais voltou a fumar.

Karyn foi batizada sozinha.

Para algumas pessoas é fácil, mas para outras o demônio do cigarro esperneia e grita antes de sair. Lutei comigo mesmo, tentando reunir coragem para deixar

o fumo. Um dia eu disse: "Amanhã vou parar", e joguei meus cigarros fora, e tentei esquecê-los. Mas, no dia seguinte, senti tanta vontade de fumar que minhas mãos tremiam. Corri até um mercado e comprei mais. "Que desperdício de dinheiro", pensei comigo mesmo. Fumei meio maço nas horas que se seguiram, mas minha consciência me acossou o tempo todo. "Tudo bem, tudo bem, vou tentar de novo."

E assim a batalha continuou por vários meses.

Amava a Igreja Adventista porque tinha uma doutrina. Sabia que poderia unir-me a várias igrejas sem deixar de beber ou fumar, mas sabia que se quisesse ser um membro da Igreja Adventista teria que pegar minha cruz e seguir a Cristo. Um dos dizeres preferidos do Pastor Joe tornou-se também meu favorito: "Se não tomar uma posição firme, você cairá por qualquer coisa." Queria muito tornar-me um membro da igreja, mas não o fiz; não naquele momento.

Algumas semanas mais tarde, enquanto dirigia minha *pick-up* velha pela estrada, ouvi um estouro seguido de um sibilo e o som de algo batendo. "Ah, não! De novo não!" suspirei. Era o segundo pneu furado naquele dia. Minha *pick-up* estava desmoronando diante dos meus olhos. Nas vinte e quatro horas que antecederam aquele momento um farol havia caído, a traseira da caminhonete havia caído, e o motor começara a soltar fumaça.

Enquanto levantava a roda e retirava o pneu, pensei naquelas *pick-ups* novas da Datsun, com tração nas quatro rodas, que eu havia visto num anúncio. Como gostaria de ter uma! Comecei a sonhar acordado. Se tivesse dinheiro, compraria uma com cabine dupla para minha família, uma que tivesse cinco marchas, um sarilho na frente para içar troncos, e um compartimento onde pudesse carregar madeira.

Apertei o último parafuso, encaixei a calota por cima, e liguei o motor, mas minha mente ainda estava naquelas *pick-ups* Datsun. Finalmente desabafei: "Senhor, eu até deixaria de fumar se o Senhor me desse uma caminhonete daquelas!"

Nunca declarei ter ouvido a voz de Deus falar comigo audivelmente, embora a tenha ouvido muitas vezes falando à minha consciência, mas de repente, ouvi uma voz ecoando pela cabine daquela velha caminhonete: "Você deixaria de fumar por uma *pick-up*, mas não por Mim?"

Fiquei chocado, e não me mexi durante vários minutos, tentando ouvir outra vez. Então pensei: "Jesus morreu na cruz por mim, e Ele apenas me pediu para abandonar as coisas que me fazem mal, mas eu não paro de fumar por Ele! Ó Senhor, por favor, me perdoe! Não quis dizer isso, e com Sua ajuda, nunca mais vou fumar!"

Quando cheguei em casa peguei meus cigarros e joguei-os no lixo que ficava fora de casa, pois sabia que nunca iria buscá-los lá. Pela graça de Deus, nunca mais fumei. Duas semanas mais tarde, fui batizado.

Exatamente dez anos mais tarde, Deus me deu uma *pick-up* Datsun com tração nas quatro rodas, com um sarilho, cabine dupla e cinco marchas. Nem havia orado pedindo janelas elétricas e outros acessórios! Ainda assim, perguntei: "Senhor, por que esperou dez anos?"

Ele me disse que durante aquele tempo eu havia poupado dinheiro suficiente ao não comprar mais cigarros.

CAPÍTULO 15

Senhor, Eu Nunca Poderia Ser um Pregador!

Desde que aceitara a Jesus na caverna, falava com quem pudesse sobre o amor de Deus. Quase sempre induzia a conversa para o assunto da religião e do que Deus havia feito por mim. Conversava com o mecânico, com os *hippies*, os mendigos, os nossos vizinhos, todo o mundo.

Quando o pastor anunciou na igreja, pouco tempo depois do meu batismo, que uma série evangelística teria início em duas semanas, pensei em todas as pessoas com quem havia conversado. Muitas delas pareciam ansiar pela paz e felicidade que eu sentia. Decidi que as convidaria para as reuniões.

Quando as reuniões começaram, nossa pequena igreja ficou cheia. Fiquei na porta, esperando ver os amigos que havia convidado. Muitos dos meus vizinhos que viviam nas montanhas foram na primeira noite e continuaram a assistir aos cultos todas as noites. Quando tivemos nosso primeiro batismo, dez das doze que foram batizadas eram pessoas que eu havia convidado e com as quais havia estudado. "Que alegria servir a Deus!" pensei. "Isto sim é que é felicidade, e ainda por cima não tem ressaca."

Um dia, o Pastor Joe veio falar comigo.

– Por que você não prega para nós, Doug? Seu amor por Deus, e seu entusiasmo tocam o coração das pessoas, e você precisa partilhar isso lá do púlpito.

De repente senti-me tímido. Eu, pregar?

– Ah, não, Pastor! Está falando com o cara errado. Não tenho estudo e não saberia o que dizer. Não, obrigado, Pastor. Não posso fazer isso!

– Você não precisa ter uma faculdade – persistiu ele. – Apenas vá lá e conte às pessoas o que Deus fez por você. É só isso que tem que fazer.

– Acho que não conseguiria! – disse eu.

O pastor não insistiu naquele momento, mas havia plantado uma idéia na minha cabeça, e o Espírito Santo continuou regando. Quando ele tocou no assunto outra vez eu resisti menos e, finalmente, um dia concordei.

Mesmo que vivesse mais cem anos, nunca esqueceria aquele primeiro "sermão" que preguei! Eu não tinha nenhum terno, e esqueci de colocar uma gravata, mas não eram minhas roupas que me incomodavam mais. Sentei-me na plataforma muito nervoso, esperando a hora da verdade. Minhas mãos suavam e parecia que meu coração sairia pela boca. Quando finalmente levantei-me para falar, coloquei minha Bíblia sobre o púlpito, e segurei com as mãos as beiradas do mesmo. Estava contente de ter algo atrás do qual pudesse me esconder, para que o público não visse meus joelhos batendo um contra o outro. Quando abri a boca para falar, a voz que saiu não se parecia nada com a minha. Estalava os lábios o tempo todo, porque minha boca estava muito seca. Mas aquelas queridas pessoas! Que Deus as abençoe, pois prestaram muita atenção ao que eu dizia. O Pastor e a Sra. Phillips sentaram-se na primeira fila, e todas as vezes que eu dizia algo

com o qual concordavam, eles assentiam com a cabeça e diziam: "Amém." A reação das pessoas às minhas débeis palavras me deu ânimo para continuar, e consegui chegar ao fim do sermão. Quando cumprimentei as pessoas à porta, naquele dia, muitos me disseram, com lágrimas nos olhos, como meu sermão lhes havia sido uma bênção.

"Eu? Uma bênção?" pensei. Notei que vários dos membros que elogiaram o sermão usavam aparelhos auditivos. Achei que seus aparelhinhos estivessem quebrados naquela manhã.

Então, passei a pregar com certa freqüência, e cada vez que o fazia as coisas ficavam mais fáceis.

– Doug, você realmente deveria ir para a faculdade e preparar-se para o ministério – instou o Pastor Phillips. – Deus lhe deu um talento especial para esse trabalho, e sei do prazer que sente ao compartilhar o evangelho. A obra de Deus precisa de você.

Olhei atentamente para o rosto daquele homem idoso. Pensei comigo mesmo: "Se algum dia me tornar um pregador, quero ser exatamente como você." Que inspiração ele era para mim!

– Claro, Pastor Joe, vamos orar sobre o assunto.

Afinal acabei indo para a escola para fazer algumas matérias. Meu querido pai! Ele sempre quis que eu estudasse, nem que fosse religião, portanto, ficou feliz em ajudar, e durante seis meses estudei no Southwestern Adventist College, em Keene, no Estado do Texas. Foi uma das melhores coisas que já fiz. Havia cometido tantos erros na escola quando era adolescente, que me convencera de que não era muito inteligente, mas naquela faculdade tirei A em todas as matérias. Descobri que podia aprender qualquer coisa que quisesse.

Peguei um livro na biblioteca – *A Autobiografia de Benjamin Franklin*. Fiquei espantado quando li que

esse homem havia saído da escola e fugido de casa, mas que aprendera a ler e escrever em sete línguas! Ele inventou os óculos bifocais, um tipo de fogão (chamado fogão de Franklin, nos Estados Unidos), o sistema postal, as bibliotecas públicas e os bombeiros. Ele fez descobertas em eletricidade, fundou jornais e revistas, e foi o primeiro embaixador dos Estados Unidos na França. E era vegetariano!

Pensei: "Se ele pôde aprender sozinho, eu também posso. Jesus prometeu que 'posso todas as coisas em Cristo'." Desde que me tornara cristão, havia aprendido muitas coisas que nunca sonhara aprender, por exemplo, tocar flauta, violão, harmônica, piano e trompete. Havia aprendido a falar um pouco de espanhol, a pilotar avião e praticar *windsurf*, e agora estava aprendendo a cantar – embora meus amigos estivessem implorando para que eu parasse com aquilo!

Depois da faculdade, trabalhei com o Pastor Marvin Moore, no Texas. Ele era um homem alto e amigável. Realizamos alguns seminários sobre o Apocalipse juntos e formamos uma boa dupla, pois o Senhor realmente abençoou os nossos esforços e muitas pessoas foram batizadas. Mais tarde naquele ano, fui convidado para ser o orador do famoso grupo de música evangélica, *Heritage Singers*. Quanto a cantar, bem, ainda estou tentando!

Deus sabia o que estava fazendo, pois quando tive que falar em público noite após noite, em cada concerto do *Heritage Singers*, contando às pessoas o que Deus havia feito por mim, e convidando-os a seguir a Jesus, os últimos vestígios de nervosismo para falar desapareceram. Dezoito meses, falando cinco vezes por semana, compensaram tudo que deixei de aprender na escola.

CAPÍTULO 16

Histórias de Índios

Estava no escritório do *Heritage Singers* um dia, quando o telefone tocou.

– Aqui quem fala é Leroy Moore – disse uma voz do outro lado da linha – sou responsável pelo trabalho dos adventistas com os índios na América do Norte. Ouvi falar do seu sucesso em evangelismo. Você gostaria de vir à Missão de La Vida para trabalhar com os índios navajos?

Lembrei-me dos dias que vivi entre os índios quando morei com meu tio no Novo México. Havia gostado muito daquele povo. Porém, havia coisas que eu realmente gostaria de esquecer.

– Sinto muito, Sr. Moore, mas estamos de malas feitas e com o *trailer* pronto, pois vamos sair de viagem até a Califórnia. Estou trabalhando com os *Heritage Singers*.

– Entendo – ele fez uma pausa. – Bem, já que vocês passarão pelo Novo México no caminho, por que não dão uma parada na Missão de La Vida, e pelo menos conheça o local? Podemos hospedá-los aqui durante uma noite.

– Obrigado, Sr. Moore – respondi. – Vamos pas-

sar para visitá-los e vou orar a respeito de seu convite. Até logo.

Em meu coração, já havia decidido que não estávamos interessados, mas Deus tinha outros planos. Mesmo antes de pararmos na Missão, nosso *trailer* começou a inclinar-se de maneira estranha e a fazer um ruído diferente.

– Ainda bem que estamos quase chegando – disse a Karyn – Tem alguma coisa errada nesse *trailer*.

Chegamos à Missão alguns minutos depois, e assim que saímos da estrada e entramos no estacionamento da Missão a roda do *trailer* caiu. De todos os lugares onde o *trailer* poderia ter quebrado em 3.000 quilômetros de viagem, ele quebrou no pátio da Missão!

– Você precisa de um novo par de buchas – disse-me um dos homens. Ele havia tirado a roda e me mostrou o que havia quebrado.

– Quanto vai demorar? – perguntei.

– Acho que vai demorar um pouco – respondeu o homem. – As oficinas mecânicas são pequenas e não têm muitas peças. Provavelmente terão que encomendar em Albuquerque. Acho que deve demorar pelo menos uns dois dias.

Soltei um suspiro.

– Bem, isso vai nos dar tempo para olhar as coisas por aqui.

Quando Karyn e eu vimos as necessidades do povo Navajo, entendemos que era ali que Deus queria que trabalhássemos.

– Vamos ficar – disse a Leroy um pouco mais tarde.

A Missão havia comprado uma casa velha em Waterflow, Novo México, que seria nosso lar. Eles queriam que começássemos uma igreja ali, mas as pessoas que moravam na casa nem haviam se mudado ainda de lá. Quando finalmente saíram, dei-

xaram móveis velhos, quinquilharias que não queriam mais e lixo. Deixaram até a louça suja do café da manhã na mesa. Em um mês, pintamos e limpamos a casa, e não ficou nada mal. Pelo menos era espaçosa.

Perto dali havia uma casa móvel (tipo de casa similar a um *trailer*, só que bem maior, que pode ser transportada de um lugar para outro em caminhões especiais) que pertencia à Missão, porém, estava alugada para uma família indígena. A área ao redor da casa estava cheia de lixo, principalmente de latas de cerveja. Não havia quase árvores naquela área; apenas o solo desértico e as montanhas de cume plano que pareciam sentinelas silenciosas numa terra desolada.

Iniciamos um pequeno trabalho. Começamos por transformar uma velha lanchonete em local de reuniões, e fizemos um seminário do Apocalipse numa barraca. Deus abençoou nossos esforços e o trabalho cresceu. Logo, mais de cem pessoas estavam se espremendo no pequeno salão.

A Missão ficava a apenas 100 quilômetros do lugar onde meu tio morava, e muitas vezes pensei nele e em sua família, bem como em alguns amigos. Um dia, uma caminhonete em péssimo estado de conservação entrou barulhentamente no pátio onde eu estava trabalhando. Não era tão velha, só estava mal conservada. As portas estavam amassadas, uma delas presa com fita crepe, a janela tinha uma rachadura e os pneus estavam carecas. Um índio abriu a porta e saiu lentamente. Tinha cabelos longos e desgrenhados, um rosto suado e marcado por cicatrizes; olhos fundos e um barrigão enorme. Pensei que fosse um homem de uns cinqüenta anos. Ele mancou na minha direção, olhando cuidadosamente para os lados.

– Você conhece um cara chamado Doug Batchelor? – perguntou ele.

Fiquei surpreso ao ouvir meu nome. Olhei fixamente para o homem, mas não encontrei qualquer pista que me ajudasse a saber sua identidade.

– Sou eu mesmo. Sou Doug Batchelor – respondi ainda confuso.

Ele hesitou um instante, olhou para mim alguns segundos e depois seu rosto se iluminou.

– Doug! Doug! – exclamou. – Lembra-se de mim? Sou o Ken!

Ele cambaleou até onde eu estava e me deu um abraço apertado. Eu o abracei também, mas sem saber ao certo quem era aquele homem.

– Ken? – perguntei.

– É! Ken Platero. Lembra? Nós andávamos de moto juntos quando você morava com o seu tio.

De repente compreendi. Aquele era o meu amigo de bebedeiras, a quem eu convencera a beber. Aquele que havia dito: "Beber não é uma boa."

– É você mesmo! Eu não o reconheci! Já faz muito tempo, uns dez anos, não?

– É, por aí. Seu tio me contou que você estava aqui. Ele me disse que você é cristão agora. É verdade?

– É sim, Ken. Sou adventista do sétimo dia.

– Que bom – ele parecia falar do fundo da alma. – Preciso de Deus na minha vida. Só me meto em encrencas!

Rugas de preocupação franziram sua testa, e quando ele suspirou, percebi que sentia uma tristeza profunda.

– Que tipo de encrencas? – perguntei.

– Minha mulher está me largando, tenho problemas com a polícia, e minha vida está uma bagunça – ele parecia estar desesperado. – Preciso de Deus.

– Sei como se sente. Sou o maior dos pecadores. Vamos orar sobre isso.

Ken e eu nos ajoelhamos ali mesmo e eu orei por ele e sua família. As lágrimas corriam pelo seu rosto quando nos levantamos. Ele tomou minha mão entre as suas.

– Virei visitar sua igreja. Quero que você continue orando por mim e pela minha família.

– Estarei esperando por você, Ken. E você estará sempre nas minhas orações – lhe assegurei.

– Você foi o melhor amigo que eu já tive – ele disse ao entrar na caminhonete.

Enquanto ele ia embora eu pensei: "Não, Ken, fui seu pior inimigo. Fiz com que você entrasse por um caminho errado. Ó Deus, o que foi que eu fiz", exclamei. "Destruí a vida de um homem por causa do meu mau exemplo quando era jovem e tolo?"

Nunca mais vi Ken. Esperava que ele viesse às nossas reuniões, mas ele não veio. Tentei descobrir onde ele morava, mas não consegui. Talvez não tenha tentado o suficiente. A lembrança era tão dolorida. "Senhor", orei, "se há alguma coisa que eu possa fazer para redimir essa grande maldade que cometi, por favor me mostre o que é."

Orei onde estava, em frente à casa móvel que ficava ao lado da nossa casa. Quem eram as pessoas que moravam ali? Karyn e eu sabíamos que eles tinham três filhos e que eram pessoas inteligentes e de boa aparência. Mais tarde, descobri que se chamavam Tom e Alaice Begay. Ela tinha um bom emprego na área de informática. Ele havia lutado no Vietnã, falava tanto o navajo quanto o inglês fluentemente, e era um eletricista altamente especializado. Mas no dia em que eu orei ali no gramado em frente à casa deles, eram pessoas misteriosas para mim.

Havíamos tentado fazer contato com eles e ser

bons vizinhos. Karyn fizera pão e outras guloseimas e várias vezes as levara até a porta. Alaice abria a porta só um pouquinho, sorria, aceitava os presentes cortesmente e depois fechava a porta. Nós os cumprimentávamos sempre que os víamos, mas eles continuavam arredios. Não fazíamos idéia de qual era o problema.

Então, uma noite, ouvimos batidas desesperadas na porta. A campainha tocou, e bateram de novo na porta antes que eu chegasse para abrir. Escancarei a porta e vi a pequena Tracy, de onze anos, que era a filha mais velha do casal ao lado. Com os olhos arregalados de medo, ela implorou:

– Venha rápido! Meu pai está matando minha mãe!

Durante uma fração de segundo, hesitei. Durante um instante pensei que deveria chamar a polícia e ficar de fora dos problemas do vizinho, mas se fizesse isso, provavelmente nunca poderia compartilhar com eles o evangelho. Tranquei a porta, corri até a casa deles e comecei a bater na porta com força. Lá dentro, eu podia ouvir batidas, passos e gritos. Logo me dei conta de que ninguém abriria a porta, então virei a maçaneta e entrei.

Ao entrar vi o homem no quarto, apoiado contra uma parede com a respiração entrecortada, olhando com ódio para a mulher. Sentada no chão, protegendo com a mão o nariz e a boca que sangravam, ela chorava e gemia. A bochecha estava machucada e inchada. Ele mal olhou na minha direção quando entrei no quarto. Mantinha os olhos fixos na mulher, gritando e falando palavrões, um pouco em inglês, um pouco em navajo. Ele tentou dar outro soco nela, mas errou. Ela gritou e se encolheu diante dele. O homem tentou outra vez, e errou de novo. Percebi que estava apenas tentando intimidá-la. O cheiro

de álcool no quarto era muito forte.

Não podia ficar ali apenas assistindo, então me coloquei entre eles e ajudei a mulher a se levantar.

– Ah, você conseguiu que o pregador viesse para resgatá-la, hein? – rosnou o marido

– Pare com isso! – gritei. – Deixe-a em paz!

– Ah, claro! Quem o convidou a entrar? – vociferou ele – Saia daqui!

Fiquei firme. Falei calmamente:

– Estou só tentando ajudar. Poderia ter chamado a polícia, mas não chamei. Não é assim que se resolvem os problemas. Se você a odeia tanto, saia de casa, mas não bata nela.

– A culpa é dela! – ele gritou. Então começaram a gritar acusações um ao outro, e ele tentou bater nela outra vez.

Tenho só 1,74 de altura, e Tom 1,85, mas eu o agarrei e o imobilizei colocando meus braços por baixo dos seus, e meus dedos entrelaçados firmemente atrás do seu pescoço. Quando percebeu que ele não podia se mover, ela começou atacá-lo, puxando seu cabelo.

– Pare com isso! – gritei. Joguei-o contra uma parede, e ela contra a outra – o que não foi difícil, pois ambos estavam bêbados – e fiquei entre os dois. Cada um de nós ficou onde estava, e nossos peitos arfavam. As duas crianças menores estavam acuadas num canto, chorando baixinho.

À medida que nossos corações começaram a bater mais devagar, e começamos a respirar normalmente de novo, eu disse:

– Por que não nos sentamos e conversamos sobre isso como seres humanos racionais?

Eles andaram aos tropeções até a sala e sentaram. Os dois estavam bem vestidos – ou melhor, haviam estado bem vestidos – para uma festa. Eles não fala-

vam muito, mas eu havia decidido não sair dali até que um deles saísse. Em poucos minutos Alaice levantou-se e saiu com as crianças.

Depois dessa noite descobrimos o segredo deles. Não demorou muito para que Karyn e eu ficássemos sabendo que aquela era a família mais conhecida da região. Haviam estado nas manchetes muitas vezes. Tom era alto, bonito e machão. Alaice era bonita e namoradeira e ambos bebiam. Tinham ciúmes um do outro e quando bebiam começavam as brigas.

Pensei no que deveria fazer. Deveria delatá-los à Missão e fazer com que fossem expulsos dali? Se fizesse isso, perderia todas as esperanças de ganhá-los para Cristo. O que deveria fazer? Cheguei à conclusão de que Ele seria amigo deles. "Senhor, vou tentar", pensei.

Quando Tom teve problemas com a lei por ter apontado uma arma para um homem que o insultara, fui ao tribunal com ele. Quando ele foi preso, eu o ajudei a sair.

Karyn fez amizade com Alaice e as crianças. Fazia biscoitos para eles e os convidava para festinhas em nossa casa. Às vezes quando havia problemas, Alaice e as crianças, ou às vezes só as crianças, iam até nossa casa e observavam tudo a distância. Dois ou três carros de polícia chegavam com as luzes piscando e os policiais entravam para dar um basta nas brigas.

Uma noite, quando eu estava viajando alguns dias fazendo uma série evangelística, Karyn estava sentada na cama, lendo. De repente, a porta dos fundos se abriu e Alaice entrou, olhou para Karyn e disse: "Desculpe!" e continuou correndo. Segundos depois, Tom apareceu atrás dela, correndo com uma vassoura na mão. Karyn nem saiu da cama. Já estávamos acostumados a esse comportamento. O mundo parecia ficar mais feio por causa de suas bebedeiras e brigas.

Tom ficava sóbrio durante várias semanas e conseguia um emprego ganhando um bom dinheiro. Depois começava a beber de novo, e não só gastava todo o seu dinheiro, mas adotava um comportamento destrutivo. Uma vez ele acabou com um carro novo num acidente. Outra vez jogou alguma coisa no aparelho de TV que possuíam, um daqueles grandes e caros, e o quebrou.

Muitas vezes quando Tom estava sóbrio, eu ia até a casa dele para conversar sobre o amor de Deus. A princípio ele ficou na defensiva, mas eu continuei sendo amigo, e continuei indo lá. Ele percebeu que nós nos preocupávamos com eles e começou a nos ouvir. Tinha interesse nas coisas espirituais. Tinha alguns livros cristãos e já havia até freqüentado uma igreja. Alguns amigos batistas lhes haviam ensinado um pouco sobre como ser um bom cristão, mas ele precisava aprender o que significava seguir a Jesus, quão importante era estudar a Bíblia e ter uma vida devocional individual, como precisávamos ensinar nossos filhos e orar com eles. Esses conceitos eram novos para ele.

Começamos a planejar outro seminário do Apocalipse e queria muito que Tom e sua família assistissem. Falei com ele um dia.

– Tom, você me deve um favor.

– Como assim?

– Eu fui com você ao tribunal, e fiquei do seu lado. Mantive a polícia afastada sempre que possível e tenho sido um bom vizinho. Agora quero um favor seu.

– Tudo bem, Doug. O que você quer? – ele perguntou.

– Quero que você venha às reuniões que vou realizar – disse. – Vamos estudar o livro de Apocalipse, e você vai gostar.

– Ah, não, Doug. Não posso fazer isso.

– Por que, não? – rebati – por que não pode vir algumas noites? Se não gostar pode parar de ir.

– Está bem. Eu vou – ele concordou.

– Promete? – perguntei.

– Prometo.

Sabia que tinha que conquistá-lo enquanto estivesse sóbrio.

As outras igrejas não tinham uma opinião muito animadora.

– Você não vai conseguir nada com os navajos – diziam. – Vai ter sorte se conseguir que cinqüenta apareçam numa reunião. É mais provável que apareçam dez ou quinze.

– Nosso alvo será de cem pessoas – disse à minha pequena igreja. – Deus é poderoso e pode nos abençoar.

Portanto, oramos por cem pessoas.

Na primeira noite tínhamos 375 pessoas, contando as crianças! O ginásio ficou lotado.

– Essa é a coisa mais espetacular que eu já vi entre os índios americanos – disse-nos Leroy. – É incrível como, de repente, essas pessoas querem ouvir o evangelho!

A maior emoção da noite foi quando Tom e Alaice chegaram com os três filhos. Havia muita gente chegando e nossa equipe de recepcionistas estava se esforçando para conseguir anotar o nome de todas as visitas.

– Posso ajudar? – perguntou Alaice a Karyn, que estava trabalhando sem parar.

– Claro! – disse Karyn agradecida, e logo arrumou um lugar para Alaice na mesa de recepção.

À medida que as reuniões continuaram, foi interessante notar as mudanças que começaram a se processar naquela família. Alaice começou a sorrir. Depois as crianças começaram a sorrir. Tom e Alai-

ce, e até mesmo Tracy, a filha mais velha, participavam e contribuíam com respostas quando discutíamos as perguntas e respostas do curso bíblico.

Eles sentavam-se à frente e eu os observava estudando, pensando e escrevendo as respostas. Quando discutíamos as respostas, eles levantavam as mãos para responder e davam as respostas em voz alta.

Durante seis semanas, tivemos reuniões seis dias por semana. Uma noite, Tom não estava em seu lugar quando comecei a pregar. Meu coração estava apertado, e interiormente clamei a Deus: "Ó Senhor, não permita que ele esteja bebendo!" Quando ele chegou alguns minutos mais tarde e sentou-se com sua família, suspirei aliviado.

Comecei a notar mudanças na vida familiar deles também. Um dia olhei pela janela. Tom e Alaice estavam recolhendo as latas de cerveja e colocando-as em sacos plásticos. Depois passaram um ancinho e limparam o gramado. Alguns dias mais tarde, Karyn e eu vimos a família inteira reunida do lado de fora, cavando e trabalhando a terra, para fazer um jardim. Tom e Alaice estavam jogando água um no outro com a mangueira. As crianças correram até o pai e pediram: "Molhe a gente também!"

Tom virou a mangueira na direção delas, e logo todos estavam ensopados e o ar encheu-se de gargalhadas e risos.

Que contraste! Antes do seminário do Apocalipse começar nunca havia visto as crianças sorrindo na presença dos pais, muito menos gargalhando. Na verdade, elas nem brincavam no quintal. Elas vinham brincar na nossa casa.

Um sábado eles nos surpreenderam indo à igreja para a Escola Sabatina e o culto. Que família bonita, todos muito bem vestidos, todos muito apresentáveis, desde Tom e Alaice, até a criança mais nova.

Ao término do seminário do Apocalipse, quase 100 pessoas demonstraram que criam nas verdades que haviam estudado, e gostariam de ser batizadas. Havíamos sido avisados de que não deveríamos apressar o batismo dos navajos.

– São pessoas muito gentis, e querem agradar – disse-nos Leroy. – Certifique-se de que estão sendo batizados porque foram convencidos pelo Espírito Santo, e não apenas para agradar alguém.

Sendo assim, nós visitamos cada um deles antes de realizarmos o batismo, e isto, é claro, levou um certo tempo. Durante o tempo de espera, continuamos realizando cultos aos sábados, e Tom e Alaice assistiram fielmente às reuniões semana após semana. Um dia meu intérprete não apareceu. O que iria fazer? Não falava quase nada da língua dos navajos, e muitos dos índios mais velhos não falavam o inglês.

– Eu posso traduzir – ofereceu-se Tom. E foi o que fez. Fiquei com lágrimas nos olhos ao ver as pessoas inclinarem-se para a frente na cadeira como se não quisessem perder uma palavra, e ao ver o rosto de Tom brilhando diante da classe. Ele não apenas traduziu. Ele ensinou. Não sei quem estava mais feliz, Tom ou eu. Tom e Alaice foram batizados alguns meses mais tarde, e parece que o mundo todo ficou melhor por causa do que o evangelho fez por aquela família!

CAPÍTULO 17

De Volta ao Lar

Entrei correndo em casa e a porta de tela bateu atrás de mim.

– Quem quer ir para Covelo? – gritei. As crianças vieram correndo e Karyn colocou a última forma de pão no forno e lançou-me um olhar animado.

– Nós queremos! Nós queremos! – gritaram as crianças em coro.

– Por que vamos para Covelo? – perguntou Karyn.

– Recebi um telefonema de Dave, e preciso ir a Covelo para resolver algumas coisas em nossa casa. Quanto tempo você vai levar para arrumar algumas coisas numa mala?

– Não podemos ir até que o pão esteja pronto – disse Karyn – mas posso arrumar as coisas agora mesmo.

– Não precisa se apressar – respondi. – Na verdade só vamos sair amanhã de manhã, mas sairemos bem cedo.

Na madrugada seguinte todos pularam da cama assim que foram chamados, e estávamos a caminho quando o sol nasceu.

– Vamos poder ver o Pastor Joe e a Sra. Phillips?

– perguntou Micah logo que entramos na estrada. O casal era considerado como os avós de nossos filhos, que os amavam muito.

– Claro que sim – eu lhe disse. – Veremos todos os nossos irmãos da igreja!

Uma conversa alegre encheu o carro enquanto saboreávamos a expectativa de voltarmos para nossa casa. Porém, mais ou menos pelo meio da tarde as conversas silenciaram e todos começaram a cair no sono. Fui deixado a sós com meus pensamentos, enquanto o carro percorria quilômetros e quilômetros de estrada.

Pensei no casal Phillips. Que boas lembranças me vinham à mente quando pensava em como eles haviam ajudado nossa família e moldado nossa vida! "Deve ser porque vivem a religião de maneira prática", pensei. Uma cena do passado, de quando ainda nos conhecíamos pouco, me veio à memória.

– O que vou fazer? – perguntara a Karyn certo dia. – Para trabalhar com lenha, preciso de uma serra. É a única maneira de ganhar dinheiro suficiente para pagar as prestações do terreno, e o banco recusa-se a me emprestar dinheiro.

– Por quê? O que disseram? – perguntou ela.

– Disseram que não podem emprestar-me dinheiro porque não tenho crédito.

Se não fosse um adulto, teria chorado. Será que perderia minha terra antes mesmo de fazer o primeiro pagamento?

– Mas como vai conseguir crédito se não pode pegar dinheiro emprestado? – ela olhou-me com preocupação.

– Foi o que perguntei a *eles*! – respondi. – Mas não adiantou nada. Eles não querem arriscar o dinheiro do banco com gente como eu. Para eles, sou apenas mais um *hippie* desleixado.

Mas quando o Pastor Joe soube do meu problema, não hesitou. Pegou a carteira, tirou o talão de cheques e começou a escrever.

– Pague-me quando puder – disse sorrindo, enquanto me estendia um cheque de trezentos dólares. Fiquei boquiaberto. Aquele homem mal me conhecia! Decidi que devolver-lhe o dinheiro seria uma de minhas prioridades, e assim foi!

O Pastor Phillips havia se "aposentado" e mudara-se para Covelo antes de eu nascer. Lá ele construiu uma igreja, e, mais tarde, uma escola. Alguns pastores encaram o ministério como uma carreira com uma boa aposentadoria, mas não o Pastor Joe. Ele recusava-se a aposentar-se. Trabalharia para o Senhor até morrer.

Para mim, era impossível não ficar impressionado com seu estilo de vida. Quando já tinha mais de oitenta anos, voltou a Covelo para construir sua própria casa – com um pouco de ajuda, é claro – mas trabalhou tanto quanto os outros, carregando madeira e trabalhando como alguém de cinqüenta anos.

"Esse estilo de vida vegetariano deve ser bom mesmo", lembro-me de ter dito a Karyn um dia. Pensei nas belíssimas hortaliças que eles plantavam. Eles viviam praticamente de sua própria horta por duas razões. Primeiro, por causa da saúde, mas, não menos importante para eles, era o dinheiro que economizavam. Quanto menos gastavam em comida, mais tinham para pregar o evangelho. De sua pequena renda mensal, eles doavam mais de 50 por cento para vários ministérios e projetos!

Sabia que as orações desse homem dedicado haviam sido de grande ajuda para que eu tomasse uma decisão ao lado de Cristo. Joe e Miriam Phillips tinham uma lista de mais de cinqüenta pessoas por quem oravam todas as manhãs. O Pastor Joe men-

cionava cada pessoa por nome, e orava pela solução de seus problemas, bem como pelo seu bem-estar. Ele passava muito tempo com a Bíblia. Tenho certeza de que esse era o segredo de seu poder espiritual. Ele nunca demonstrava nenhuma impaciência, nem qualquer traço de mau humor; mesmo sob as situações mais estressantes, ele sempre mantinha uma postura gentil e bondosa.

E o que dizer da Sra. Phillips? Que testemunho poderoso era sua vida! Ela sempre trabalhava ao lado do marido e até ajudou a construir a casa. Lembro-me de que uma vez ele estava carregando um longo pedaço de madeira quando o balançou para o lado e a atingiu em cheio. "Joe!" disse ela.

"Desculpe, querida", ele respondeu, e cada um continuou o que estava fazendo. Ri baixinho só de lembrar.

– De que está rindo? – Karyn, recém-desperta de sua soneca, queria saber.

– Estava pensando no Pastor Joe e sua esposa – respondi.

– É um casal especial, não? – disse ela.

– Desde que a Sra. Phillips se casou com o Pastor Joe, sei que o anjo da guarda dela teve que trabalhar dobrado. Lembra-se da vez em que ele quase a atropelou dando marcha à ré no carro? – perguntei.

– Lembro! Eles dois me lembram um pouco daqueles filmes do "Gordo e o Magro" que eu assistia quando era criança.

– É uma boa comparação. Você se lembra da vez em que vimos um carro na contramão da estrada e era o carro do Pastor Joe?

– Claro! Quase morri de medo – riu Karyn. – Agora parece engraçado, mas eles poderiam ter morrido. Formam um casal tão bonitinho. Ela deve

ser uns 30 centímetros mais alta que ele, e quando ri, a boca se abre de orelha a orelha.

Sorri ao pensar nisso.

– A Sra. Phillips é a única pessoa que conheci, que se levanta no meio do sermão para interromper o pregador!

– Mas ela nunca é rude – Karyn apressou-se a defendê-la. – Gosto da maneira como ela fecha os olhos e cita a Bíblia sem um erro sequer.

– É mesmo – concordei – o rosto dela chega a brilhar. Sempre me sinto como se estivéssemos recebendo uma mensagem direta do Céu.

– Acho que os outros sentem o mesmo. Todos param para ouvir atentamente o que ela diz. E o Pastor Joe parece gostar também.

A viagem até a Califórnia foi dura. Viajamos direto, quase sem parar, e ficamos felizes ao ver que nossa casa na montanha ainda estava de pé. Saímos do carro com as pernas e os braços rígidos. Quando as crianças começaram a correr até a porta, lembrei-lhes: "Cada um deve levar alguma coisa para dentro."

O tempo em Covelo passou rápido demais. Havia tanto para fazer, e tão pouco tempo para fazê-lo. Mas nós reservamos algum tempo para visitar o casal Phillips.

– Ei, mãe! Olhe só quem está aqui! – exclamou o pastor enquanto corria para nos receber. Depois dos abraços e risos e frases do tipo "como você cresceu!", entramos.

O cheiro de maçãs assadas enchia a casa. A Sra. Phillips estava fazendo compota de maçã e o Pastor Joe a ajudava a descascar as maçãs.

– Podem continuar o trabalho – disse Karyn – nós vamos até a cozinha ajudá-los.

A Sra. Phillips deu um avental para cada um de

nós e cada um começou a ajudar de alguma forma.

– O senhor está muito bem! – disse ao Pastor Joe. – Com quantos anos está agora?

– Estou com noventa e três anos, Doug. Estou ficando velho.

– É impressionante – respondi balançando a cabeça.

Ele parou de descascar a maçã que tinha nas mãos e inclinou-se na minha direção.

– Doug, não estou tão bem como já estive, sabe. Para descascar essas maçãs preciso de toda a minha força, mas quero fazer tudo que posso, durante o tempo que puder, quantas vezes puder.

Suas palavras quase me fizeram chorar, porque sabia que vinham do coração. Ele realmente vivia para abençoar e servir aos outros.

Com quatro novos ajudantes, o trabalho foi bem mais rápido. Então, lavamos as mãos e sentamo-nos ao redor da mesa.

– Doug – disse o Pastor Joe, olhando-me fixamente com os olhos cheios d'água – o Senhor o está chamando ao ministério. Não tenho apenas uma impressão disso. Tenho certeza. Não sei como isso vai acontecer. Sei que é difícil tendo mulher e filhos para sustentar, mas se Deus o chama, isso é problema dEle. Ele apresentará uma solução.

– Espero que sim – pensei nas oportunidades perdidas da minha vida. Não estava preparado para o ministério, pelo menos do ponto de vista acadêmico.

– Creio tanto nisso que vou lhe dar todos os meus livros – disse o Pastor Joe. – Venha, vou lhe mostrar a biblioteca.

Levantamo-nos e fomos até seu escritório, e nossas esposas logo atrás de nós. Ali havia estantes e mais estantes de livros caprichosamente alinhados.

– De onde vieram tantos livros? – perguntei.

– Ah, de vários lugares. Não se esqueça de que já estou no ministério há mais de sessenta anos. A gente reúne muita coisa num período de tempo tão grande.

– Claro, além disso ele foi presidente de associação e viajou muito – acrescentou a Sra. Phillips. – Aonde quer que vá, ele compra um livro.

Dei um assobio. Ali havia tantos livros que seriam necessárias três vidas inteiras para ler todos.

– Quanto tempo vocês vão ficar? Podem ficar até o sábado? – perguntou o pastor.

– Sim, estaremos aqui no sábado, mas vamos sair de viagem bem cedo no domingo – respondi.

– Que bom! Por que você não prega para nós? Todos os seus amigos vão ficar contentes de vê-lo e ouvi-lo.

– Será um prazer, Pastor – aceitei.

Depois de um maravilhoso sábado com os amigos, voltamos para o Novo México para continuar nosso trabalho com os navajos. Algumas semanas mais tarde recebemos a notícia de que o Pastor Phillips havia falecido. Ele caíra da cama durante a noite, e estava fraco demais para levantar-se. Sua esposa tentou levantá-lo e colocá-lo de volta na cama, mas não conseguiu.

– Não se preocupe, mãe – ele disse. – Apenas me cubra aqui no chão mesmo. Estou bem.

Ela o cobriu, esperando conseguir ajuda na manhã seguinte, mas quando o dia raiou ele já estava morto. Fiquei tão feliz de ter ido vê-lo duas semanas antes disso.

Um dia, o telefone tocou e uma voz disse:

– Aqui quem fala é Richard Schwartz, secretário ministerial da Associação Norte da Califórnia.

Lembrava-me de tê-lo visto algumas vezes de passagem.

– Doug, ouvimos falar do seu sucesso com os navajos e estamos estudando a possibilidade de chamá-lo para o Norte da Califórnia para trabalhar como pastor e evangelista. Você estaria interessado?

Interessado! Com minha casa e meus amigos naquela região, o convite parecia bom demais para ser verdade, mas tentei não parecer animado demais.

– Vocês têm uma igreja específica em mente? – perguntei.

– Temos, sim – respondeu ele – estamos considerando várias. Uma delas é uma igreja numa pequena cidade chamada Covelo. Provavelmente você nunca ouviu falar dela.

Minha mente disparou. Das 130 igrejas existentes naquela associação, essa seria a igreja onde eu mais gostaria de trabalhar como pastor!

Karyn me deu um cutucão e sussurrou:

– Diga "sim"!

Mas embora já tivesse tomado minha decisão, sabia que deveria perguntar a Deus primeiro.

– Vamos conversar e orar sobre isso – respondi. – Ligarei assim que tiver uma resposta.

Karyn disse:

– Vou empacotar tudo enquanto você ora.

Se aquilo não era um milagre, não sei o que seria! Precisava de uma igreja como Covelo porque os membros de lá tinham consciência de que eu não possuía muita experiência, mas me amavam assim mesmo. Nossos velhos amigos ficaram animadíssimos quando voltei para lá como pastor da igreja.

Quando finalmente comecei meu trabalho, descobri o quanto eu não sabia sobre o ofício de um pastor. Não sabia nem mesmo dirigir uma reunião da comissão da igreja. Eu fazia as sugestões e eu mesmo as apoiava! Mas as pessoas me agüentaram com paciência e constantes demonstrações de

amor. Com a bênção de Deus, a congregação cresceu e prosperou. Compramos o terreno ao lado e construímos um anexo para a igreja.

Além de minhas atividades como pastor da igreja, eu também tinha que realizar séries evangelísticas. Minha primeira série de conferências foi em Covelo mesmo. Cerca de 100 pessoas compareceram na primeira noite, e a freqüência continuou boa até o fim das reuniões. Ao final, doze pessoas tomaram a decisão ao lado de Cristo e foram batizadas naquele mesmo ano. Durante meu curto trabalho ali, a igreja cresceu de 86 membros para 112.

O evangelismo começou a tomar cada vez mais o meu tempo, e finalmente solicitei que eles me liberassem dos deveres de pastor daquela igreja, para que pudesse trabalhar como evangelista em tempo integral. Recentemente estive em Covelo novamente e preguei no sábado pela manhã. Ao olhar para a congregação, vi tantas pessoas de quem me sentia íntimo. Char foi uma das primeiras pessoas que conhecemos quando nos mudamos para Covelo. Naquela época ela era *hippie*, exatamente como nós, e eu a convidei para as reuniões. Agora, ali estava ela, membro fiel da igreja, juntamente com sua mãe Pauline.

Respondendo aos apelos insistentes de sua avó, a neta do casal Phillips, Edwina, havia ido às reuniões, e agora era membro da igreja. A Sra. Phillips repetia sempre, com lágrimas nos olhos: "Se Joe soubesse que você voltou para ser pastor da igreja que ele construiu ficaria tão orgulhoso de você! Se ele soubesse que sua neta foi batizada depois das reuniões que você realizou ficaria tão feliz!"

Havia também o John. Esse homem havia sido criado na igreja, mas afastou-se quando era jovem, e freqüentou uma Igreja Presbiteriana durante a

maior parte dos trinta anos que esteve fora. Quando a série de conferências começou, ele assistiu a todas as reuniões, e foi a primeira pessoa que eu batizei na vida. Agora era um fiel membro da igreja, professor da Escola Sabatina e havia se casado com a mãe de Char.

E a Marta! Marta me trouxe à mente uma de minhas lembranças favoritas. É uma longa história, mas acho que vale a pena contar. Embora eu tivesse dúvida se deveria ou não participar do culto ecumênico realizado na cidade durante a Páscoa, decidi assistir. Era um convívio agradável com pastores de outras igrejas, e, além disso, eu nunca me cansava de ouvir a história da ressurreição. Eles pediram-me que participasse com uma oração, então vesti meu terno e fui ao centro da cidade.

Depois do culto, entrei no carro e fui para casa, mas ao passar pelo Tabernáculo da Fé Pentecostal senti um forte desejo de parar e entrar. Senti que deveria pregar ali naquele dia. "Por que faria uma coisa dessas?" perguntei a mim mesmo. "Sou pastor da Igreja Adventista."

Passei direto, mas senti como se estivesse desobedecendo a Deus, então, dei meia-volta e comecei a voltar. "Como vou saber se isso não é apenas uma loucura da minha imaginação?" continuei discutindo com meus pensamentos. "Será que devo entrar na igreja, caminhar até o púlpito e dizer ao pastor: 'Deus me mandou pregar aqui hoje, portanto pode sentar-se'? Devo estar cansado!" Passei direto outra vez.

Não me lembro de quantas vezes passei de carro em frente à igreja, discutindo comigo mesmo e orando pela direção divina. Finalmente fui até minha casa para tomar o café da manhã. Tirei a gravata e coloquei-a em cima da cômoda. Fui até a gela-

deira e peguei uma banana, mas aquele sentimento voltou, e senti-me como Jonas, fugindo da responsabilidade. "Bem, Senhor, não estou entendendo nada, mas acho melhor ir até lá", pensei colocando a gravata de novo e caminhando até a porta.

– Para onde está indo? – perguntou Karyn.

– Para a igreja – respondi.

– Ah! – foi tudo o que disse. Não estava surpresa, pois eu costumava agir de maneira estranha. Dirigi até o Tabernáculo da Fé e estacionei o carro. Enquanto entrava, percebi que o culto já havia começado e o pastor estava convidando a congregação para ajoelhar-se e orar pelo derramamento do Espírito Santo antes da pregação. Procurei um lugar nos bancos de trás e me ajoelhei.

A oração de um culto pentecostal não é como a da maioria das igrejas. Eles oram durante um longo tempo e não o fazem silenciosamente, em seus corações. Alguns falam alto, alguns murmuram, e outros falam em línguas. A senhora ao meu lado parecia estar falando sobre motocicletas japonesas. Enquanto isso, eu pedi a Deus que me mostrasse se Ele realmente havia me levado até ali, ou se tudo era apenas fruto da minha imaginação.

Enquanto estava orando, tive uma sensação de que quando acabassem de orar o pastor me convidaria para ir até o púlpito pregar. "Mas o que vou dizer?" pensei enquanto orava. Foi então que um sermão inteiro me veio à mente, como se estivesse sendo passado a mim por alguém, sobre Maria Madalena, e como ela representava a igreja.

A oração atingiu um tipo de clímax e depois começou a diminuir e as pessoas começaram a tomar seus assentos novamente. Levantei-me e sentei-me. Então o Pastor Ray Hull foi até o microfone, olhou diretamente para mim e disse:

– Vejo que nosso irmão adventista está aqui hoje. Pastor, o senhor tem algumas palavras para nos dizer nesta manhã?

Sabia o que ele queria dizer: "Você tem algum testemunho?" Meu coração começou a bater mais rápido, mas tentei esconder minha empolgação. Com a maior calma possível, levantei-me.

– Sabe como é, Pastor, nós pregadores não conseguimos falar apenas algumas palavras.

Sorri e comecei a sentar-me, mas antes que eu o fizesse, ele falou de novo.

– Então por que não vem até aqui e prega para nós?

Meu coração começou a pular dentro do peito, e eu pensei: "Isso não pode estar acontecendo." Enquanto caminhava até a plataforma com minha Bíblia na mão, nunca me senti tão confiante de que eu só estava ali porque Deus queria que estivesse, porque Ele me havia levado até aquela igreja de maneira tão notável. Sabia que Ele me orientaria e colocaria na minha boca as palavras que deveria dizer.

Parecia estar caminhando no ar, e ao chegar no púlpito, abri minha Bíblia em João 8. Tudo parecia ter sido ensaiado. Comecei a falar sobre a mulher apanhada em adultério, e as palavras fluíam da minha boca, quase sem esforço da minha parte. Ouvi uma grande quantidade de "Améns", "Louvado Seja o Senhor" e "Aleluia, Irmão!" Com isto notei que a congregação estava me acompanhando, e me senti animado a continuar (como gostaria que as pessoas fizessem isso mais vezes nas igrejas adventistas).

Ao final fiz um apelo. Muitas pessoas vieram à frente, e oramos juntos. Quando praticamente todos os presentes já tinham ido embora, o Pastor Hull veio falar comigo e tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Pastor Doug – ele disse com a voz embargada – Deus o enviou aqui nesta manhã.

Perguntei-me como ele sabia disso.

– Estive doente – ele continuou. – Não sabia o que fazer, então estive orando a esse respeito. Pedi a minha esposa para pregar, mas ela não teve coragem. Como pode ver, irmão Doug, Deus o enviou em resposta à minha oração.

Desde aquele dia nunca duvidei de que Deus tem Seus filhos em todas as igrejas, não importa seu credo ou doutrina. Ele ouve e responde às suas orações também, e antes da vinda de Jesus, todos estaremos unidos num só corpo de pessoas que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus (veja Apocalipse 14:12). Antes de ir embora naquele dia, ele me convidou a voltar outras vezes, e eu prometi que voltaria.

Bem, agora deixe-me contar como conheci Marta. Eu realmente voltei a visitar o Tabernáculo da Fé num outro domingo, e quando o fiz, notei uma senhora espanhola sentada à minha frente. Percebi que não falava inglês, então fiz uma rápida oração a Deus para que Ele me ajudasse a fazer amizade com ela. Logo depois desta oração, o pastor disse: "Agora vamos todos cumprimentar os irmãos que estão ao nosso redor."

Notei que Deus havia aberto uma porta, então, enquanto as pessoas se cumprimentavam, dirigi-me àquela irmã:

– *Como está usted, hermana?*

Tinha aprendido um pouco de espanhol com um amigo mexicano que havia morado comigo.

Ela abriu um largo sorriso quando ouviu sua própria língua e começou a falar em espanhol mais rápido do que eu era capaz de acompanhar. Levantei minha mão e disse:

– *Despacio; más lento!*

Depois, usando meu espanhol capenga, perguntei se ela entendia o que estava sendo dito.

– Não – respondeu ela – mas esta é a casa de Deus, então venho assim mesmo.

– Vou à igreja aos sábados e temos vários membros que falam espanhol em nossa congregação. Venha visitar-nos no sábado que vem – convidei-a.

– *Gracias, señor* – respondeu ela, e no sábado seguinte lá estava ela em minha igreja.

Não demorou muito para que ela levasse os filhos também. Hoje, tanto ela como os filhos são membros fiéis de nossa igreja e todos os filhos estudam na pequena escola de nossa igreja. Portanto, ao olhar para a congregação naquela manhã, fiquei feliz de ver Marta.

Não muito tempo depois, estávamos indo para uma reunião de oração uma noite, quando vimos uma ambulância em frente à casa da Sra. Phillips. Ela havia sofrido um derrame, e alguns dias mais tarde morreu sem ter recobrado a consciência. Sua neta encontrou a Bíblia da avó na mesa do quarto, ao lado da lição da Escola Sabatina. Era uma quarta-feira, e ela havia respondido às perguntas daquele dia com sua letra trêmula. As últimas palavras que ela escrevera naquele dia foram: "Não morreremos."

Todos passam pela primeira morte, é claro, mas os justos não morrerão uma segunda vez, como é mencionado em Apocalipse 20. A Sra. Phillips tinha absoluta certeza disso.

Tive o privilégio de dirigir o serviço fúnebre. A igreja ficou lotada de amigos e vizinhos, e havia muitas flores. Parecia quase uma celebração. Uma grande guerreira tinha vencido a batalha contra o pecado, e havia colocado de lado a armadura. Ali estava ela, deitada em paz, além do alcance de Sa-

tanás. Não pude sentir pena dela. Na verdade, eu a invejei. A próxima coisa que ela ouviria seria a voz de Jesus chamando-a do túmulo, como nos foi prometido em I Tessalonicenses 4:16 e 17. Ela sentirá a repentina onda da vida eterna fluindo através de seu corpo imortal, e estará reunida com seu amado Joe. Que reunião será! Juntos, eles caminharão pelas ruas de ouro, naquela gloriosa cidade descrita nos últimos dois capítulos da Bíblia.

Após o funeral, fui visitar o filho dela. Ele ainda não havia entregado seu coração a Deus, e eu esperava poder dizer-lhe algumas palavras de consolo.

– Você sabe que sua mãe o amava muito, e orava por você todos os dias, não é? – disse. – Ela orou por você até o último dia de sua vida.

– Eu sei – retrucou ele – mas não perca seu tempo orando por mim.

O que poderia dizer para tocar o coração daquele homem de fala rude e beberrão inveterado?

– Se me conhecesse alguns anos atrás, você nunca acreditaria que eu poderia tornar-me um cristão. Seus pais tiveram grande influência em transformar-me no que sou hoje. Eles eram verdadeiros cristãos.

– Eu sei que eram verdadeiros cristãos – respondeu quase num sussurro. Ele baixou os olhos e remexeu no chapéu. – Mas eles nem sempre foram assim. Eles se tornaram cristãos.

Aquelas palavras me deram ânimo. Eu poderia tornar-me um cristão genuíno. Quando olho para o exemplo perfeito de Jesus digo a mim mesmo: "Tenho um longo caminho a percorrer." Porém, quando olho para trás e vejo o quanto Ele já me transformou, sinto-me encorajado. Sei que Ele ainda não terminou Seu trabalho em mim. Se permitir, Ele terminará o que começou em minha vida, e um dia me levará para o Lar.

CAPÍTULO 18

A Rocha Firme

Não faz muito tempo levei minha família para passar umas férias no Sul da Califórnia. Encontramos um pequeno hotel em Desert Hot Springs, com uma linda vista da montanha que um dia foi meu lar.

– Papai, vamos escalar a montanha até sua caverna. – Micah, meu segundo filho sempre fora fascinado por histórias de caverna. Rachel preferia fazer compras com a mãe, e Daniel, de cinco anos, era pequeno demais para uma caminhada tão pesada.

Na manhã seguinte, bem cedo, Karyn deixou Micah e eu em Palm Springs. Munidos de nossas mochilas, caminhamos pela cidade e notei o quanto as coisas haviam mudado. O velho supermercado estava fechado e havia tábuas pregadas na porta. Meus amigos de rua não estavam mais lá. A Igreja Centro da Fé, que nós costumávamos freqüentar, havia sido transferida para outro local. Até no percurso rumo ao desfiladeiro as coisas pareciam diferentes.

Fazia oito anos que havia subido aquela trilha pela última vez. Durante minha ausência houvera um incêndio no Monte San Jacinto, bem como um

terremoto leve e uma grande enchente na região. Árvores que antes eram ponto de referência ao longo da trilha, eram agora apenas tocos enegrecidos. Em muitos lugares a trilha havia sido levada pela chuva, e substituída por um novo percurso. Até o riacho havia mudado seu curso.

Embora Micah tivesse apenas sete anos, ele me acompanhou como um soldado, sem reclamar do calor ou da mochila que carregava.

Quando havíamos subido um bocado, apontei à nossa frente e disse:

– Vamos parar ali na Piscina Quadrada. É um ótimo lugar para descansar, mergulhar, nadar e refrescar um pouco.

Mas quando chegamos à Piscina Quadrada, descobrimos que estava cheia de areia. Só pudemos caminhar por ela e tomar um banho rápido na cachoeira que existia ali perto.

Comecei a me perguntar se minha caverna estaria lá. O que encontraria?

Depois de uma caminhada de duas horas e meia montanha acima, alcançamos o ponto mais alto do passeio: um lugar cerca de 1.200 metros acima de Palm Springs, com uma vista panorâmica de todas as cidades daquele deserto. Sentamo-nos durante uns dez minutos, saboreando aquele cenário espetacular e bebendo um pouco de água.

Depois de nosso breve descanso, colocamos nossas mochilas nas costas novamente e começamos a descer em direção ao terceiro vale. As coisas me pareciam mais familiares agora, e meu coração começou a bater mais rápido – mais pela emoção do que pela caminhada. Quando demos a volta pelo cume e avistamos o terceiro vale que se estendia diante de nós, parei um instante para respirar e aproveitar o cenário.

– O que está olhando, papai? – perguntou Micah.

– Minha rocha – respondi quase num sussurro.

Naquele local específico estávamos cercados de rochas, e minha declaração deve ter parecido estranha para uma pessoa que não podia ver o que nós víamos. Mas, uma rocha naquele vale destacava-se como uma bola de basquete numa caixa de bolinhas de gude. Havia vivido sob a sombra daquele penedo gigante durante um ano e meio. Centenas de vezes, depois de subir 1.200 metros pelo solo desértico e árido da montanha num dos climas mais quentes da Terra, tinha feito a volta ao redor daquele cume e avistado a "minha rocha". Para mim, representava descanso e sombra. Significava que estava chegando em casa, onde havia comida e água. Às vezes havia terremotos naquelas montanhas, e pedras e sujeira desciam rolando pelas paredes do vale, vindas de todas as direções, mas eu nunca sentia medo sob a proteção da "minha rocha".

Depois de todos aqueles anos, vê-la novamente, imutável, encheu meus olhos de lágrimas.

– Vamos, Micah – disse. – Estamos quase chegando.

Queria andar antes que ele notasse minhas lágrimas.

Depois de mais dez minutos caminhando às margens do Riacho Tahquitz, chegamos à base do vale. Não pude deixar de voltar ao passado.

– Ali está o lugar onde fiz minha sauna, Micah – apontei para um dos lados da trilha. – Eu esquentava grandes pedras no fogo, e as carregava com uma pá até uma barraca de plástico, fechava a porta da barraca por dentro e jogava água quente. Em poucos minutos ficava tão quente que eu tinha que correr e pular naquela lagoa ali.

Micah ouvia, com os olhos arregalados demonstrando como estava fascinado.

Logo depois passamos entre duas rochas e por

cima de um tronco, que davam entrada ao "jardim" da minha caverna. Quase nada havia mudado. O teto enegrecido pela fumaça, minha cadeira feita de troncos e o local da fogueira feito de pedra, tudo estava como eu havia deixado. Um pouco da areia que havia no chão do "quarto" havia desaparecido, mas ainda parecia minha casa.

Micah não podia conter seu entusiasmo. Embora tivesse certeza de que ele estava exausto naquele momento, ele colocou a mochila no chão e saiu explorando o local. Descansei alguns minutos antes de tirar as coisas da mochila e começar a arrumar o acampamento. Quando Micah voltou, nadamos na lagoa. Naquela época do ano, a água ficava numa temperatura fria, mas agradável, por causa do calor que fazia.

Sentamo-nos ao sol, que estava quase se pondo, para nos secar.

– Micah, logo vai ficar escuro. É melhor procurarmos alguns galhos para a fogueira.

Quando o sol se pôs tínhamos uma grande pilha de galhos e pedaços de troncos, e estávamos com muita fome, então fizemos a fogueira e cozinhamos algumas de nossas provisões.

– Papai – disse Micah ao acabar de mastigar sua última colheirada de feijão – onde você encontrou aquela Bíblia que estava na caverna?

Apontei na direção da caverna.

– Está vendo aquela saliência na pedra ao lado da caverna que era meu quarto? Estava bem ali.

– O que aconteceu com ela?

– Pouco tempo depois de ter começado a ler, ela caiu acidentalmente no riacho – expliquei. – Depois disso as páginas ficaram enrugadas e não dava para ler direito, então meu amigo Glen me deu uma nova. Não sei muito bem o que aconteceu com aquela primeira Bíblia.

Fizemos nosso culto vespertino e jogamos mais alguns galhos na fogueira. Mas Micah continuou fazendo perguntas sobre a vida naquele lugar selvagem até bem mais tarde, já deitado em seu saco de dormir.

Finalmente ele silenciou, e eu sabia que caíra no sono. A luz da fogueira dançava nas paredes da caverna, criando imagens familiares. Então apareceu um pequeno roedor da família dos cangurus, que parou um momento e olhou para mim como se dissesse: "Onde você esteve?" e depois foi embora aos pulos. Enfiei a mão na minha mochila e tirei a Bíblia que havia trazido comigo. Eu a abri sem pensar numa passagem específica, e com a luz do fogo li Mateus 7:24 e 25. Jesus estava falando: "Todo aquele, pois, que ouve estas Minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha."

Pensei comigo mesmo: "Quantas vezes na Bíblia Jesus é comparado a uma rocha. Ele é chamado de Pedra Fundamental, Base segura, e Pedra cortada da montanha. Até os Dez Mandamentos foram escritos na pedra para simbolizar quão imutáveis são. Um de meus símbolos favoritos de Cristo, em Isaías 32:2, compara Jesus a uma grande rocha que dá sombra numa terra árida. Assim como o penedo acima de minha caverna ficou firme durante a chuva, ventos, incêndios e terremotos, imutável e impassível, assim Jesus tem sido comigo, digno de confiança, amoroso, provendo abrigo do calor e do frio espiritual."

Micah teve dificuldades para acordar na manhã seguinte. Seus olhos estavam semicerrados, e foi cômico observá-lo olhando ao redor, tentando

lembrar-se de onde estava, e como chegara até ali. Seu cabelo parecia ter sido penteado a noite inteira com um batedor de ovos!

– Precisamos começar cedo a nossa caminhada, para podermos encontrar mamãe na cidade – disse-lhe, enquanto abria uma lata para o desjejum.

– Mas, papai, nós mal acabamos de chegar.

– Eu sei, meu filho, mas nossas férias já estão acabando. Vamos ficar contentes por termos tido a oportunidade de visitar esse lugar.

– OK – disse Micah, soltando um suspiro.

Depois de comer, tomamos um banho na lagoa, fizemos uma oração e arrumamos nossas coisas. Dando uma última olhada em tudo, comecei a sair quando Micah gritou:

– Papai, você deixou sua Bíblia na caverna!

– Eu sei, filho.

Ele pareceu entender, e começamos nossa caminhada de volta.

– Papai – Micah quebrou um longo silêncio.

– Sim, filho.

– Você sente falta de morar aqui?

Não precisei pensar muito para responder.

– Sim, filho. Sinto falta daqui. Em muitos sentidos a vida era mais simples aqui. Não havia pressão nem estresse.

– Papai.

Percebi que sua cabecinha estava a mil por hora.

– Você acha que algum dia voltará a morar aqui?

– Não, meu filho. Deus não nos chamou para fugir do mundo. Jesus disse que deveríamos ir a todo o mundo e pregar o evangelho.

Ficamos em silêncio enquanto continuávamos a caminhar trilha abaixo. Estava imerso em meus pensamentos, e à sua maneira infantil, sabia que Micah estava imerso em seus próprios pensamentos. Estava

tão grato por meus filhos, e senti-me muito próximo de Micah naquela montanha enquanto andávamos juntos. Deus me mostrou muitas coisas sobre Seu amor através de meus filhos, e Micah me ensinou uma das maiores lições que já aprendera.

Uma manhã, cerca de cinco anos antes, quando morávamos em Covelo, Karyn e eu o encontramos no berço, gemendo e com o olhar perdido. Percebemos que alguma coisa estava muito errada, então Karyn o pegou em seus braços e corremos até o hospital mais próximo, que ficava a 60 quilômetros de casa. Entramos apressados na emergência, com o nosso pequeno embrulho de olhos azuis, e depois de um exame superficial, o jovem residente que estava de plantão naquela manhã nos disse que temia que Micah estivesse com meningite. Ele disse que a única maneira de ter certeza seria fazer um exame chamado "punção liquórica". Isto incluía inserir uma agulha de mais de sete centímetros entre as vértebras da coluna de Micah. A coluna, como todos sabem, é cheia de nervos.

Micah estava numa idade em que falava pouco. Dizia coisas como "mamãe", "papai" e "banana". Tentei imaginar o que estava se passando em sua mente naquele momento. Karyn saiu do quarto, dizendo que não agüentaria olhar. Fiquei ali do lado enquanto duas enfermeiras seguraram meu garoto deitado de lado com as costas inclinadas para que ficassem arqueadas. Evidentemente aquilo causava muita dor a Micah, pois ele começou a gemer. O mais triste de tudo foi que o médico residente confessou ter pouca experiência naquele tipo de exame. Assim, foi com o coração partido que observei enquanto o jovem médico tentava inserir a agulha nas costas do meu garotinho por três ou quatro vezes. Só um pai pode entender a dor de ver um filho sofrendo.

Micah olhou para cima e gritou várias vezes: "Papai, papai, papai."

Fiquei arrasado. Sabia que ele devia estar pensando: "Por que está deixando estas pessoas me machucarem? Você não me ama mais?" E sabia que em sua idade, não poderia fazê-lo entender. Um de meus maiores medos era que Micah morresse achando que eu não o amava.

Acontece que ele realmente estava com meningite, mas, pela graça de Deus, e dez dias no hospital, ele recuperou-se completamente. Porém, depois disto, nunca mais pude ler a história de Jesus na cruz, clamando a Seu Pai: "Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste?" sem pensar nesta experiência. Teria sido tão mais fácil, para mim, sofrer do que ver um de meus filhos sofrer, e sei que nosso Pai Celestial amava Seu filho Jesus muito mais do que eu amo meus filhos.

Como Ele conseguiu fazer aquilo?

A única conclusão a que posso chegar é de que Deus e Cristo nos amaram tão loucamente que estavam dispostos a passar por essa terrível provação, a despeito da dor.

É por isso que disse a Micah que Deus me chamou para pregar o evangelho. Sinto-me impelido a contar ao mundo sobre um Deus que nos ama tanto. É minha oração que aqueles que lerem o testemunho contido neste livro possam aprender, com minha experiência, que a felicidade não está na abundância de coisas. Aprendi da maneira mais difícil que a felicidade que o mundo oferece não é real. É uma Grande Mentira. Mas a alegria de servir a Deus e ministrar ao meu próximo é genuína, e não deixa ninguém de ressaca.

Eu sei, porque experimentei de tudo!